

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

OS DESAFIOS DO ENSINO DE FILOSOFIA NA SOCIEDADE ATUAL.

CLAUDIO FERREIRA DOS SANTOS

SÃO PAULO

2009

CLAUDIO FERREIRA DOS SANTOS

OS DESAFIOS DO ENSINO DE FILOSOFIA NA SOCIEDADE ATUAL.

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Nove de Julho – UNINOVE, para obtenção do grau de mestre em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Antonio Lorieri.

SÃO PAULO

2009

FICHA CATALOGRÁFICA

Santos, Claudio Ferreira dos.

Os desafios do ensino de filosofia na sociedade atual. / Claudio Ferreira dos Santos. 2009.

146 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, 2009.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio Lorieri

1. Filosofia. 2. Filosofar. 3. Reflexão crítica. 4. Ensino de filosofia. 5. Juventude.

CDU 37.01

OS DESAFIOS DO ENSINO DE FILOSOFIA NA SOCIEDADE ATUAL.

POR

CLAUDIO FERREIRA DOS SANTOS

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Nove de Julho – UNINOVE, para obtenção do grau de mestre em Educação

Presidente: Prof. Marcos Antonio Lorieri, Dr. – Orientador – UNINOVE

Membro: Prof^a. Sônia Maria Ribeiro de Souza, Dra. - UNIP

Membro: Prof^a. Cleide Rita Silvério de Almeida, Dra. – UNINOVE

Membro: Prof^a. Terezinha Azerêdo Rios, Dra. – UNINOVE – Suplente

São Paulo, 23 de Junho de 2009

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Milton e Adeilza, pela torcida e presenças sempre constantes.

Aos amigos, pela compreensão nos momentos de dúvida, angústia e, às vezes, de desespero que partilhei com vocês.

A Isadora, minha sobrinha, que trouxe alegria e esperança renovada de um mundo melhor e mais humano.

Ao meu orientador, professor Marcos Antonio Lorieri, pela paciência e orientações sempre necessárias.

Às professoras Sônia Maria Ribeiro de Souza e Cleide Rita Silvério de Almeida pelas considerações críticas e reflexivas que fizeram sobre esta pesquisa. Professora Terezinha A. Rios, pela leitura criteriosa e pelas indicações pertinentes.

RESUMO

Esta dissertação resultou de pesquisa que foi provocada pelo incômodo manifestado por professores de Filosofia do Ensino Médio que se queixam do desinteresse dos alunos pelas aulas de Filosofia e por atividades que lhes pedem uma atitude crítica e reflexiva. Incômodo do qual participamos. Daí o objeto da pesquisa realizada: buscar saber primeiro, se há razões nas circunstâncias históricas atuais que possam justificar esse possível desinteresse. Em segundo lugar, se nossa percepção corresponde ao que dizem e sentem os alunos. Perguntamo-nos por que os alunos do Ensino Médio manifestam tal desinteresse. Essas manifestações revelam mesmo o desinteresse pela Filosofia e por aquilo que lhe é intrínseco, ou seja, o exercício do pensamento reflexivo e crítico? Procurou-se investigar sobre possíveis razões para esse desinteresse. Foi analisada literatura que aponta o fato de que os jovens atualmente estão mergulhados numa cultura voltada para o prazer imediato, para o *presenteísmo*, o *pragmatismo*, o *Carpe Diem* e que a “tecnomania” – o desejo de ter e manipular as novas tecnologias de comunicação e entretenimento – estaria formando uma massa de jovens desinteressados pela escola, pela leitura, pelas questões sociais, éticas, políticas e econômicas. De acordo com esta literatura os jovens, de modo geral, aparentam estar alienados da realidade, apartados do contexto sócio-cultural no qual estão inseridos e do qual fazem parte. Foi realizada também uma sondagem com um grupo de 51 alunos e 10 professores de escolas públicas e particulares com a finalidade de cotejar se nossa percepção corresponde ao que dizem e sentem esses professores e alunos. Buscamos nas idéias de autores como Morin, Severino, Cerletti, Gallo, Favaretto, Trípoli, Marcondes Filho e Savater, entre outros, subsídios para a compreensão do fenômeno da cultura moderna e suas implicações na formação dos jovens. E, também, subsídios para a compreensão do papel da Filosofia na formação do jovem do Ensino Médio. Os resultados a que chegamos mostram-nos que há de fato, na situação atual, uma situação adversa para o exercício da reflexão e da criticidade, mas, ao mesmo tempo, para os alunos que participaram da pesquisa, há o quase consenso a respeito da importância e necessidade do estudo das temáticas filosóficas e, portanto de aulas de Filosofia, e, a respeito da necessidade de desenvolvimento e exercício do pensamento reflexivo e crítico.

Palavras-chave: Filosofia; Filosofar; Reflexão crítica; Ensino de Filosofia; Juventude.

Abstract

This essay has resulted about research caused by bother expressed high school Philosophy teachers that complain about indifference students in Philosophy classes and activities with an attitude criticism and reflexive. First, the purpose of research is known if there are reasons in the historical condition can explain this indifference. In second place if our feeling correspond what say and feel our students. Ask for us why students of high school demonstrate this indifference. These manifestations show us this indifference about philosophy and for that is intrinsic, then, is the exercise of a critical and reflexive thinking? Inquire about possible reasons to this indifference; it was analyzed literature that shows teenagers nowadays are involved in a culture return to the pleasure, to the presenteeism and pragmatism. The Carpe Diem and the “technophile” – the desire of have and manipulate the new technology of communication and entertainment- would be forming a young mass with indifference to school, reading, social questions, politics, and economy. According literature the teenagers look like to be lunatic with the reality separated of social-culture and the context that are included. It was realized an observation with a group of fifty-one students and ten teachers of private and public schools with the aim of compare if our perception corresponds to what teachers and students say and feel. Search for writers as Morin, Severino, Cerletti, Gallo, Favaretto, Trípoli, Marcondes Filho and Savater to subsidy the comprehension extraordinary the modern culture and the implications on the growing of the students. Moreover, to find subsidies for the comprehension of the Philosophy contribution on the development of the high school students. The results show us there is an opposite situation to the exercise of reflexive and criticism but the same time for the students that involved in research, there is an agreement about the importance and needed about the theme and philosophy classes and the respect of needed of the development and the exercise critical and reflexive thinking.

Key-words: Philosophy; Philosophe; Critical reflexive; Philosophy teach; Teenagers.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
I – DESAFIOS DO ENSINO DE FILOSOFIA?	20
1.1. Educação frente aos desafios atuais	20
1.2. Desafios do Ensino de Filosofia	29
II – O ENSINO DE FILOSOFIA	38
2.1. Importância do Ensino de Filosofia	38
2.2. O Ensino de Filosofia	42
III – ALUNOS DE ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO SE MANIFESTAM.....	51
IV – A VOZ DOS PROFESSORES	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
BIBLIOGRAFIA.....	100
ANEXOS	104

LISTA DE ANEXOS

1. QUESTIONÁRIOS: A visão de alunos e professores sobre aulas de Filosofia	104
2. Respostas obtidas nos questionários dos alunos	109
3. Respostas obtidas nos questionários dos professores	138
4. Mapa com localização dos bairros de origem dos alunos.....	145
Parecer CNE/CEB Nº: 38/2006 aprovado em 7/07/2006	146

INTRODUÇÃO

Leciono a disciplina Filosofia em instituições de ensino da rede pública estadual desde 1995, tendo trabalhado em diversas escolas da Diretoria de Ensino Norte 1, que abrange os bairros de Anhanguera, Brasilândia, Cachoeirinha, Freguesia do Ó, Jaraguá, Jaguara, Perus, Pirituba, Taipas. Recentemente, desde 2006, também leciono na rede privada, em um colégio confessional católico e em outra instituição laica, ambos localizados na Freguesia do Ó, São Paulo, capital.

Quando iniciei no magistério tinha 24 anos. Era jovem e alimentava um ideal de contribuir na formação dos jovens de quem eu era professor. Nesse começo de carreira não sentia animosidade dos jovens pelas aulas de Filosofia. Talvez um dos fatores que favoreciam esta percepção era o fato de que eu tinha quase a mesma idade dos meus alunos ou estava perto da idade deles e que isso facilitava a comunicação e, também, que conseguia entender suas demandas.

Com o passar dos anos e o distanciamento da idade em relação aos jovens com os quais trabalho, fui percebendo que a comunicação já não era tão fácil e as atividades propostas já não eram bem recebidas. Aos poucos, senti certa dificuldade de me comunicar com as turmas de alunos. Tenho claro que sempre fui bem acolhido pelos alunos e sempre me dispus a ouvi-los e aceitar suas críticas em relação às aulas e como elas eram trabalhadas. Contudo, talvez devido às transformações culturais ocorridas em nossa sociedade nas últimas décadas, especialmente a partir da década de 80, tenho tido a impressão que muitos jovens recusam-se a participar de atividades que buscam desenvolver neles um modo de pensar reflexivo e crítico, como é o caso das aulas de Filosofia. Nesse sentido, as atividades que lhes foram e são oferecidas ou propostas como estímulo para visões mais abrangentes, contextualizadoras e que estimulam um pensamento reflexivo e crítico, não encontra receptividade por boa parte dos alunos. Desenvolvi a impressão de que tais propostas e convites não os sensibilizam, não lhes interessam.

Motivado por esta impressão, busquei compreender melhor essa problemática, através de diversos meios. Um deles foi a participação em um curso de especialização na PUCSP (Fundamentos de Uma Educação para o Pensar), em 2003. Para a obtenção do certificado de conclusão da especialização cada aluno teve que elaborar uma monografia. A partir da pesquisa feita para a realização desta monografia mergulhei nesta questão que à época me afligia, isto é, a recusa dos jovens em participar das aulas de Filosofia. O tema desenvolvido naquela monografia foi “O desafio de uma educação para o pensar em uma sociedade tecnológica”. Não foi fácil elaborar essa monografia. Uma vez concluída, percebi que poderia dar continuidade às investigações ali iniciadas, o que me fez buscar estudos em um Mestrado em Educação. Em 2006 fui aceito no Programa de Mestrado em Educação da UNINOVE, dando continuidade à pesquisa iniciada no referido curso de especialização. Daí surgiu a pesquisa que deu origem à presente dissertação de mestrado.

Parti da hipótese de que o público jovem está profundamente envolvido em uma cultura do imediato e de respostas prontas, além de viver em um clima de fragmentação dos conhecimentos e/ou conhecimentos compartimentados, descontextualizados das relações que lhes são pertinentes. Relações, contextualização, articulações mais abrangentes de significados e de ações parecem soar como estranhas palavras para eles. O presenteísmo é uma das características do nosso tempo, uma forma de viver apenas o momento presente, desligado das raízes do passado e com a aparência de ausência de perspectiva em relação à continuidade da vida e da história. “Estamos diante do apelo ao pragmatismo, da valorização do imediato. Nesse quadro, parece, para alguns, que ensinar e refletir são coisas desacreditadas ou, pelo menos, de importância menor.” (RIOS, 2002, p. 36).

Ora, estariam essas hipóteses, de fato, ancoradas na realidade? Se sim, que razões poderíamos apontar para a compreensão de tal situação? O que temos proposto aos nossos jovens é realmente importante para eles e para toda a sociedade?

Japiassu, citado por Rios (2002), fala sobre o árduo exercício de filosofar e para quê.

O mundo contemporâneo, marcadamente dominado pelo pensamento tecnocientífico, pensamento este que leva os homens a exteriorizarem comportamentos desencantados face à política e adotarem atitudes céticas face aos valores, parece não reservar um papel relevante ao pensamento propriamente reflexivo. (RIOS, 2002, p. 36).

Cabe, nesse momento, registrar que a lei 11.684 de 02 de junho de 2008, sancionada recentemente, torna obrigatórias as disciplinas de Filosofia e Sociologia, alterando a lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que apenas estabelecia que os alunos do Ensino Médio deveriam possuir o domínio dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania. Essa Lei configura uma importante vitória dos professores de Filosofia e dos demais profissionais aliados na luta por uma educação humanística para todos os alunos superando uma formação tecnicista ou pragmática/utilitarista. Uma educação que permita a eles que desenvolvam habilidades intelectuais e de compreensão da realidade sócio-cultural que somente a Filosofia, configurada como disciplina, pode oferecer.

Essa Lei tem precedentes que levaram à sua aprovação como é o caso do PARECER CNE/CEB Nº: 38/2006 aprovado em 7/07/2006 e publicado no Diário Oficial da União de 14/08/2006 que, ao analisar o mérito da questão, justifica a obrigatoriedade das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo do Ensino Médio de todas as escolas brasileiras. Dele extraímos os dois tópicos seguintes:

Preliminarmente, reitera-se a importância e o valor da Filosofia e da Sociologia para um processo educacional consistente e de qualidade na formação humanística de jovens que se deseja sejam cidadãos éticos, críticos, sujeitos e protagonistas.

Não é demais destacar que, na ótica da LDB, os conhecimentos de Filosofia e Sociologia são justificados como *“necessários ao exercício da cidadania”* (artigo 36, § 1º, inciso III, da Lei nº 9.394/96). Com os demais componentes da Educação Básica, devem contribuir para uma das finalidades do Ensino Médio, que é a de *“aprimoramento como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”* (art. 35, inciso II, da LDB). E devem, ainda, mais especialmente, seguir a diretriz de *“difusão de*

valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática” (art. 27, inciso I, da LDB).

Como se vê, o legislador reconheceu a importância dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia, dando-lhes valor essencial e não acidental, com caráter de finalidade do processo educacional do Ensino Médio. A lei entende que as disciplinas de Filosofia e Sociologia favorecem a formação de cidadãos éticos, críticos, sujeitos e protagonistas, atitudes essas que são necessárias ao exercício da cidadania e ao seu aprimoramento como pessoa humana. Há claramente a indicação de que nessas aulas sejam desenvolvidas atividades que façam referência à formação ética e ao desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. E é exatamente isso o que se deseja para aulas de Filosofia, isto é, que os alunos sejam capazes de elaborar um pensamento reflexivo e crítico. Nesse sentido, a lei faz referência àquilo que, de certo, deve configurar a prática do professor de Filosofia: a conquista de um pensamento crítico e reflexivo, tendo em vista o desenvolvimento ou a conquista da autonomia intelectual.

Ainda que a legislação vigente explicita a necessidade do pensamento filosófico, da reflexão crítica, da conquista da autonomia, existe em nossa sociedade um ar de antifilosofia. A antifilosofia apresenta-se nas atitudes (e não apenas numa explicação lógica e coerente contra a Filosofia o que até poderia caracterizar esta postura como uma Filosofia) daqueles que vendo e vivendo a realidade atual, não compreendem, ainda, a necessidade da reflexão crítica, a necessidade da análise, da compreensão e da fundamentação dos conhecimentos e das práticas humanas. Não seria absurdo dizer que formam uma massa, um amontoado de pessoas, pois vivem em sociedade, mas não são capazes de darem a si mesmos os significados mais profundos de sua existência. A propósito valem as palavras de Hanna Arendt (1995, p. 143) citadas por Lorieri (2002a, p. 92): “Uma vida sem pensamento é totalmente possível, mas ela fracassa em fazer desabrochar sua própria essência - ela não é apenas sem sentido; ela não é totalmente viva. Homens que não pensam são como sonâmbulos”.

Essas inquietações me estimularam a investigar com maior cuidado o fenômeno que foi exposto acima, ou seja, aquilo que me parecia ser a recusa dos jovens em participar ativamente das aulas que lhes pedem reflexão, criticidade e visões contextualizadas da realidade pessoal e social. Aliadas a essa preocupação foram buscadas indicações de subsídios para lidarmos com esta realidade: tanto para a compreensão desse fenômeno, quanto para a busca de caminhos conjuntos para seu enfrentamento. Não se tratou de busca e de indicações de receitas de como devem ser as aulas de Filosofia e isso não consta da presente dissertação. Talvez esteja indicado aqui, como as aulas não devem ser e algumas propostas de como as aulas de Filosofia podem ser encaminhadas. São indicações que trazem a contribuição dos autores pesquisados, bem como dos alunos e professores entrevistados.

Estamos vivendo em um momento de crise, é certo, mas é preciso lembrar que a idéia de crise aponta para duas perspectivas – a de perigo e a de oportunidade.

Se considerarmos apenas o perigo, corremos o risco de nos deixarmos envolver por uma atitude negativa, ignorando as alternativas de superação. É importante considerar a perspectiva de oportunidade, que nos remete à crítica, como um momento fértil de reflexão e de reorientação da prática. (RIOS, 2002, p. 39).

É nessa perspectiva que encaramos esta pesquisa, ou seja, como uma oportunidade de compreensão a respeito da nossa percepção do desinteresse ou recusa dos jovens em participar de atividades reflexivas e críticas. Nossa percepção poderia estar equivocada, sabíamos disso. Mas, poderia ter fundamentos na realidade das salas de aula e na realidade da maneira de pensar e agir de nossos alunos.

Daí a indicação do objeto da pesquisa realizada nos seguintes termos: há de nossa parte, a percepção de desinteresse dos alunos do Ensino Médio em relação às aulas de Filosofia. Queremos saber primeiro, se há razões nas circunstâncias históricas atuais que possam justificar esse possível desinteresse. Em segundo lugar, se nossa percepção corresponde ao que dizem e sentem os alunos.

Perguntamo-nos, também, por que os alunos do Ensino Médio manifestam tal desinteresse. Essas manifestações revelam mesmo o desinteresse pela Filosofia e por aquilo que lhe é intrínseco, ou seja, o exercício do pensamento reflexivo e crítico?

Estas questões gerais se desdobraram em questões específicas que buscamos responder ao longo da pesquisa. Julgamos ter trazido, se não respostas, ao menos contribuições para seu encaminhamento. São elas:

Os alunos do Ensino Médio realmente não têm interesse pela Filosofia? Podemos sustentar com segurança tal indagação?

Esses alunos realmente não têm interesse em desenvolver um pensamento reflexivo e crítico? Como sabermos disso ao certo?

A Filosofia é realmente necessária na formação dos jovens de hoje? Que argumentos são utilizados para responder esta questão?

O que entender por pensamento reflexivo e crítico? Por que este tipo de pensamento precisa ser desenvolvido? Os argumentos apresentados aos jovens pelos professores são convincentes para eles?

Há mesmo uma relação positiva entre aprender a filosofar e desenvolver um pensamento reflexivo e crítico?

É possível afirmar que o tipo de sociedade, como a sociedade da segunda metade do século XX e a deste início do século XXI, provoca o desinteresse dos jovens pelo filosofar e pelo desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico?

Que subsídios as respostas a estas questões podem oferecer para a prática do ensino da Filosofia no Ensino Médio?

Objetivos que guiaram este trabalho:

Contribuir para esclarecer a questão relativa ao possível desinteresse dos alunos do Ensino Médio em relação às aulas Filosofia e ao desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico.

Contribuir para a reflexão sobre o ensino de Filosofia especialmente no que diz respeito à sua contribuição no processo de formação dos jovens que demandam o Ensino Médio.

Contribuir com indicações relativas ao ensino da Filosofia no Ensino Médio.

Metodologia utilizada: foi feita, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica com vistas a buscar elementos para a produção de entendimentos relativos ao ensino da Filosofia e ao seu papel na formação do jovem do Ensino Médio. Foram identificadas obras relativas ao tema e ao problema da pesquisa, foram selecionadas, lidas e analisadas e a partir delas foi elaborado um referencial teórico que está expresso nos capítulos um e dois da dissertação. Foi feita também uma sondagem junto a alunos e professores de escolas particulares e públicas que oferecem o ensino de Filosofia no Ensino Médio para procurar saber o que pensam estes jovens sobre as aulas de Filosofia e como os professores perguntados percebem o interesse deles nas referidas aulas. Foram feitos contatos com escolas de diversas regiões da cidade de São Paulo e convite aos professores para responderem a um questionário. Ao mesmo tempo lhes foi solicitado que indagassem de seus alunos se concordavam em responder a um questionário a eles destinado. Os questionários e respostas encontram-se nos anexos 1, 2 e 3.

Por se tratar de uma sondagem e dadas as dificuldades de realização de uma pesquisa de campo com um universo significativo de alunos e professores, optamos por fazer contatos com alguns professores de uma região da cidade de São Paulo. Para cada região da cidade de São Paulo a Secretaria de Educação do Estado conta com uma Diretoria de Ensino que coordena as ações de um grupo determinado de escolas. Em junho de 2007, os professores de Filosofia da Diretoria de Ensino Norte 1, que compreende as regiões norte e oeste da cidade de São Paulo, foram convocados para uma reunião de orientação, como é de praxe. Nessa ocasião relatei aos professores o meu projeto de pesquisa sobre o ensino de Filosofia solicitando sua colaboração. Pedi aos que se dispusessem que respondessem o questionário

que havia elaborado e que levassem o questionário destinado aos alunos para que, aqueles que também se dispusessem, o respondessem. Apesar de bem recebida a proposta da pesquisa, muitos professores não aceitaram responder o questionário. Apenas sete foram os professores que efetivamente se dispuseram a responder e levar os questionários para os seus alunos.

No caso dos professores e alunos da rede privada de ensino, contamos com a participação de três professores e dez alunos. A participação ocorreu por intermédio de colegas que gentilmente se prontificaram a encaminhar os questionários a professores (que fossem conhecidos seus) das instituições de ensino onde lecionavam. Estes responderam e também solicitaram aos seus alunos que fizessem o mesmo.

A sondagem, portanto, se deu em várias regiões da cidade de São Paulo e junto a professores e alunos que se dispuseram a colaborar. Foi possível obter adesão de 11 professores de 10 escolas e de 51 alunos dessas mesmas escolas. Foram 41 alunos de escolas públicas e dez de escolas particulares localizadas em diferentes bairros da cidade.

Foram 3 escolas particulares e 7 escolas públicas, como se pode verificar no Capítulo 3, onde constam as respostas dos alunos e a análise delas. No Capítulo 4 constam as respostas dos professores e as análises feitas a partir delas.

Mesmo contando com a disposição de colegas, o processo foi moroso. Após a recepção dos questionários respondidos, procedemos à tabulação e à análise dos dados. Como as questões haviam sido agrupadas por categorias, a análise das respostas foi feita obedecendo a estas categorias.

No caso dos alunos foram as seguintes categorias:

Características dos alunos.

Interesse dos alunos pela Filosofia e suas temáticas.

Valorização, pelos alunos, do pensamento reflexivo e crítico e contribuição das aulas de Filosofia para o seu desenvolvimento.

A maneira como os alunos vêem as aulas de Filosofia.

No caso dos professores foram as seguintes a categorias:

Características dos professores.

Percepção do interesse dos alunos pela Filosofia e suas temáticas.

Percepção da valorização do pensamento reflexivo e crítico por parte dos alunos.

Contribuição das aulas de Filosofia para o seu desenvolvimento.

Percepção do interesse dos alunos pelas aulas de Filosofia.

Por estas categorias perpassam os seguintes conceitos e entendimentos que oferecem bases teóricas para as análises feitas: o conceito de Filosofia, de temáticas filosóficas e de pensamento reflexivo e crítico e o entendimento da relação entre aulas de Filosofia e desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico.

A dissertação está organizada em quatro capítulos seguidos de considerações finais.

No capítulo I são discutidos os desafios atuais do ensino de Filosofia no quadro sócio-cultural vivido por professores e alunos e como esse quadro, de certo modo, dificulta este ensino.

O capítulo II trata da importância do ensino da Filosofia.

O capítulo III apresenta e analisa as respostas dos alunos ao questionário a eles apresentados.

O capítulo IV apresenta e analisa as respostas dos professores.

Nas Considerações Finais são apresentadas algumas conclusões a que nos levou o estudo feito e algumas indicações relativas ao ensino de Filosofia.

CAPITULO I

DESAFIOS DO ENSINO DE FILOSOFIA

1.1 Educação frente aos desafios atuais

Falar de educação, de uns anos para cá, tornou-se, aparentemente, algo banal, quase óbvio. Muitos são os que sabem ou parecem saber o que quer dizer educação, suas finalidades, e como alcançar um nível educacional de sucesso. Não é raro ouvirmos considerações de profissionais de diversas áreas do conhecimento e de diferentes campos de atuação profissional o que eles entendem por educação. É difícil encontrar alguém que não reconheça a necessidade do debate, da reflexão e da análise de temas relacionados à educação. Contudo, falar de educação e de ensino nada tem de banal. Ao contrário, a complexidade que envolve os temas relativos à educação e ao ensino inviabiliza a idéia de banalidade ou obviedade em relação a essa questão.

Bem sabemos que os valores e fins da educação, os sentidos que a ela atribuímos, são instituídos em cada sociedade; eles estão encarnados no modo de ser das instituições dessa sociedade. Para Valle (2005), a Filosofia pode e deve levar à permanente interrogação acerca desses sentidos, pois de outra forma, permaneceriam invisíveis e inquestionados.

No entender de LORIERI (2002), educação, em sentido amplo, é o conjunto de modificações que ocorrem em qualquer pessoa a partir de relações que estabelece com outras pessoas; talvez, diz ele, seja impossível sair de qualquer inter-relação humana sem nenhuma modificação. Em relação à educação formal ou a processos intencionais de educação diz: “a educação, em sentido estrito, é o conjunto de modificações intencionalmente provocadas, ao menos por um dos lados, para que ocorram nas relações de pessoas entre si”. (LORIERI, 2002, p. 27).

Existem relações que são casuais, mas há relações que não são casuais, não são por acaso. São intencionais. São com propósitos, nós as procuramos, as queremos, desejamos e até planejamos. Dentre elas podem ser indicadas aquelas próprias da prática docente (LORIERI

& RIOS, 2005, págs. 7-8). Na mesma direção caminha o pensamento de Luchesi (1994). Para ele a educação é típico “que-fazer” (*sic*) humano, ou seja, um tipo de atividade que se caracteriza fundamentalmente por uma preocupação, por uma finalidade a ser atingida. Savater (1998) diz que o específico da sociedade humana é que seus membros não se transformam em modelos para os mais jovens de modo acidental, inadvertidamente, mas de forma intencional e notável. Pois, para ele, ser humano consiste na vocação de compartilhar com todos o que já sabemos, ensinando os recém-chegados ao grupo o que devem conhecer para se tornarem socialmente válidos. Ele diz que o homem o é através do aprendizado. Mas o aprendizado humanizador tem uma característica distintiva muito importante. Se o homem fosse apenas um animal que aprende, poderia bastar-lhe aprender a partir de sua própria experiência e do trato com as coisas. Seria um processo longo que obrigaria o cada ser humano a começar do zero. Afirma ainda que “o que é próprio do homem não é tanto aprender, mas o aprender com outros homens, o ser ensinado por eles”. (SAVATER, 1998, p. 39). A educação é um caminho de humanização, pois, não basta nascermos humanos, temos que chegar a sê-lo, diz ele. A idéia de humano já implica a educabilidade, o aprendizado humanizador.

(...) há uma importante verdade antropológica insinuada nesse emprego da palavra “humano”: nós humanos nascemos já o sendo, mas só depois o somos totalmente (...) Os outros seres vivos já nascem sendo o que definitivamente são, o que serão irremediavelmente, aconteça o que acontecer, ao passo que de nós, humanos, o que parece mais prudente dizer é que nascemos para a humanidade. (SAVATER, 1998, p. 30).

Além da característica fundamental do aprendizado humanizador, isto é, o aprendizado tendo os outros homens como mediadores, Savater compreende que a vida humana consiste em habitar um mundo onde as coisas, além de serem o que são, também significam ou são significadas. O mais importante é compreender que, embora o que a realidade é não dependa de nós, o que ela significa é competência, problema e, em certa medida, opção nossa. “E por ‘significado’ não se deve entender uma qualidade misteriosa das coisas em si mesmas, mas a forma mental que nós, humanos, lhes damos para nos relacionarmos uns com os outros por meio delas”. (SAVATER, 1998, p. 41) Para isso, o ser humano precisa da

educação, pois é nas relações entre humanos que os significados são constituídos e, a partir daí, o mundo se humaniza humanizando, ao mesmo tempo, os humanos que dele participam e o produzem ao mesmo tempo. A educação joga um papel fundamental nesse processo humanizador.

Luchesi afirma que há concepções de educação que a vêem como responsável pela direção da sociedade e por salvá-la de situações de risco ou assim como reprodutora e conservadora da sociedade tal como ela está. Há outros que a pensam como uma instância mediadora de uma forma de entender e viver a sociedade. “Para estes a educação nem salva nem reproduz a sociedade, mas pode e deve servir de meio para a efetivação de uma concepção de sociedade.” (LUCHESE, 1994, p. 37). Ele diz que esses entendimentos da educação na sociedade podem ser expressos, respectivamente, pelos conceitos de educação como redenção; educação como reprodução; e educação como um meio de transformação da sociedade. “Essas são três tendências filosófico-políticas para compreender a Educação que se constituíram ao longo da prática educacional. Filosóficas, porque compreendem o seu sentido; e políticas, porque constituem um direcionamento para a sua ação”. (LUCHESE, 1994, p. 37).

Adotada esta classificação de Luchesi poder-se-ia à primeira vista dizer que Savater estaria incluído no grupo daqueles que consideram a educação como reprodução do que aí está, do estabelecido. Assim se poderia pensar porque Savater afirma que devemos sustentar sem falsos escrúpulos a dimensão conservadora da tarefa educacional. Pois, segundo ele, a sociedade prepara seus novos membros da maneira que lhe parece mais convincente para sua conservação, não para sua destruição: quer formar bons adeptos, não inimigos nem singularidades anti-sociais. Isso porque a educação é antes de tudo transmissão de alguma coisa, e só transmitimos aquilo que consideramos digno de ser conservado.

Contudo, Savater poderia também ser incluído no grupo daqueles que entendem a educação como instrumento de transformação social, pois, se por um lado a educação tem algo de conservador ou a conservar, do mesmo modo é socialmente desejável formar indivíduos

autônomos capazes de participar em comunidades que saibam transformar-se sem renegar a si mesmas, que se abram e se ampliem sem perecer, que se ocupem mais do desvalimento dos seres humanos do que da diversidade intrigante de formas de viver. Formar pessoas, enfim, convictas de que o bem principal que devemos produzir e aumentar é a humanidade compartilhada, semelhante no que é fundamental, a despeito das tribos e privilégios com que, também muito humanamente, nos identificamos (SAVATER, 1998).

Daí o ideal de uma educação humanista nos termos por ele expressados:

(...) o que temos em comum e, portanto, o que podemos transmitir uns aos outros; não pede nem limpeza de sangue, nem adequação de sexo, nem nobreza social, mas a atenção paciente de qualquer indivíduo. Para a razão todos nós somos semelhantes, porque ela mesma é a grande semelhança entre os seres humanos. A educação humanista consiste antes de tudo em fomentar e ensinar o uso da razão, essa capacidade que observa, abstrai, deduz, argumenta e conclui logicamente. (SAVATER, 1998, P. 158).

E é assim que também compreendemos a tarefa educacional. Como um meio, um instrumento, uma mediação, para que as pessoas encontrem por si próprias os rumos que elas desejam dar à sociedade, pois são dotadas da faculdade da razão, tendo como pano de fundo os ideais que aqui foram mencionados: humanização, cidadania, felicidade, participação crítica, respeito àquilo que nos faz semelhantes um dos outros, transmissão do que consideramos importante para a conservação da própria humanidade, e afastando o perigo da autodestruição. Educar para a cidadania e para a felicidade, tal como Rios (2002) compreende a tarefa fundamental da educação. Contribuir para que as pessoas possam atuar criativamente no contexto social de que fazem parte, exercer seus direitos e, nessa medida, serem de verdade, pessoas felizes. Esse seria seu objetivo último.

Infelizmente, porém, nem sempre o que se vê é uma sociedade tal como a desejada e indicada até aqui. Parece que a humanidade caminha ou tem caminhado fora dos trilhos. O contexto sócio-político-cultural que temos vivido na atualidade indica grandes desafios para a educação. Segundo Plastino (2007), o momento atual do contexto global caracteriza-se pelo fracasso das diversas modalidades recentes de organização social, entendendo por

fracasso sua incapacidade de organizar a sociedade em torno dos objetivos de solidariedade, igualdade e liberdade. Fracasso das tentativas dos regimes do socialismo real, transformados em ditaduras burocráticas e ineficientes. Fracasso, também, da social-democracia, cada vez mais mimetizada com o neoliberalismo e caracterizada pelo paulatino, mas inequívoco abandono dos objetivos solidários e das políticas de bem-estar social. Esse segundo fracasso evidencia-se pelos indicadores de desemprego, marginalização e deterioração dos serviços públicos de Saúde e Educação, inclusive nos países mais ricos do centro capitalista.

O fracasso das organizações sociais, ainda segundo Plastino, evidencia-se mais profundamente na inquietante quebra de valores solidários, quebra essa manifestada no reaparecimento do racismo, da xenofobia e da múltipla expressão da violência social. O cenário social e econômico contemporâneo indica que no modelo de sociedade neoliberal não há lugar para todos, de modo que o progresso tecnológico tem, como contrapartida, a marginalização de setores cada vez mais significativos e a insegurança crescente de todos. O mundo homogeneizado pelo imaginário neoliberal é, cada vez mais, o mundo do medo e da solidão. Essas questões, fundamentais para o futuro da humanidade, devem ocupar um lugar central na reflexão de todas as pessoas.

Em face desse quadro social-político-econômico diversas questões podem ser postas: existirá saída para humanidade? Corre-se o risco inexorável de aprofundamento dessa crise a ponto de não haver possibilidade de reconstrução das relações humanas baseadas na fraternidade, solidariedade, justiça e liberdade? Estamos preparando nossa juventude para o enfrentamento de tais problemas? Por onde começamos o movimento de “re-construção” dos valores e atitudes que consideramos favoráveis à formação dos seres humanos?

Entendemos que nem tudo está perdido. Acreditamos que tudo pode ser “re-construído” segundo o desejo, a vontade, as decisões e ações dos próprios seres humanos. Não se pode conceber uma realidade social-histórica-cultural que tenha sido determinada pelo acaso ou por alguma vontade sobrenatural que não possamos intervir propondo transformações. Concordamos com Garcia (2007) que a educação terá um papel importante nesse itinerário de recriação e de salvação. Ela pode ser serva do modelo que aí está, realimentando-o

acriticamente; mas pode, também, colaborar buscando alternativas. Uma das formas de colaboração é a de propor e ajudar a desenvolver maneiras de pensar reflexivas e críticas em relação a tudo que aí está.

Plastino aponta algumas possibilidades de retomada do rumo, indicando, por exemplo, caminhos a serem buscados na produção dos conhecimentos e na educação escolar. Refere-se, primeiro, à necessidade de que todo trabalho científico explicita os pressupostos ético-políticos que o motivam e que se interrogue sobre as conseqüências globais de seus resultados. Em segundo lugar aponta que se faz necessário superar o excessivo encastelamento das diversas disciplinas, de maneira a tornar possível um olhar múltiplo sobre a realidade a ser levado em conta nos nossos objetivos de estudo. E, por último, indica a urgência de se rever a política e superar o privilégio de que gozam as denominadas Ciências Exatas e Naturais e, ainda, a Economia, freqüentemente cegas às conseqüências sociais, éticas e políticas de seu próprio trabalho.

Morin (2002a), faz indicações explícitas para a educação. Segundo ele, a educação do futuro deverá centrar-se na condição humana, pois os seres humanos devem se reconhecer em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo o que é humano. É necessário ensinar a identidade terrena aos educandos, porque “é preciso que compreendam tanto a condição humana no mundo como a condição do mundo humano, que, ao longo da história moderna, se tornou condição da era planetária” (MORIN, 2002a, p. 63). Ele aponta a necessidade de ensinar a compreensão frente a uma situação paradoxal: as interdependências multiplicam-se; a consciência de ser solidários com a vida e a morte, de agora em diante, une os humanos uns aos outros. Porém, a incompreensão permanece geral. “O problema da compreensão tornou-se crucial para os humanos. E, por este motivo, deve ser uma das finalidades da educação do futuro”. (MORIN, 2002a, 93). Uma das finalidades e um desafio: a presença do ensino da Filosofia na educação formal pode ser de ajuda nessa direção conforme se mostrará no decorrer deste trabalho.

Há necessidade, ainda e dentro da finalidade proposta de compreensão, de uma concepção complexa do ser humano ou gênero humano, como diz Morin. Essa concepção comporta o

entendimento da tríade indivíduo/sociedade/espécie. No ser humano, esses termos são inseparáveis e co-produtores um do outro. Cada um dos termos é, ao mesmo tempo, meio e fim dos outros, não se podendo absolutizar nenhum deles tornando-o o fim supremo da tríade. A realização da tríade é, em si própria, seu próprio fim. A antropo-ética faz emergir a consciência dessas três esferas ou dimensões da vida, dando-nos consciência do que nos torna propriamente humanos.

Desde então, a ética propriamente humana, ou seja, a antropo-ética, deve ser considerada como a ética da cadeia de três termos indivíduo/sociedade/espécie, de onde emerge nossa consciência e nosso espírito propriamente humano. Essa é a base para ensinar a ética do futuro (...) A antropo-ética compreende, assim, a esperança na completude da humanidade, como consciência e cidadania planetária. Compreende, por conseguinte, como toda ética, aspiração e vontade, mas também aposta no incerto. Ela é consciência individual além da individualidade. (MORIN, 2002a, p. 106)

Temos consciência e clareza de que os nossos problemas não podem e não são resolvidos de forma mágica ou por rituais mágicos. A vida, em toda a sua complexidade exige o abandono de visões fantasiosas, ideologicamente manipuladas e que também são manipuladoras e dos pontos de vistas ilusórios a respeito dos problemas cotidianos que afligem a todos. Necessitamos do poder clarificador do pensamento, como disse Alarcão (2003). De um pensamento reflexivo e crítico como o que a Filosofia pode ajudar a desenvolver, por exemplo. E a educação intencional é um caminho importante para o desenvolvimento desse pensamento.

Severino (2005) corrobora essa compreensão ao dizer que a educação é, fundamentalmente, formação. As pessoas, quando passam por instâncias de educação formal, como a escola, não o fazem apenas para aprender, para serem ensinadas, mas também para vivenciar um processo de formação. Esse processo não ocorre só na escola, mas precisa de alguma forma, ser sistematizado, incentivado, consolidado em situação de educação formal. Segundo ele, formação deve ser entendida como o amadurecimento, o desenvolvimento dos estudantes como pessoas humanas. Nós nos formamos quando nos

damos conta do sentido de nossa existência, quando tomamos consciência do que viemos fazer no planeta, do porque vivemos. Essa consciência tem uma enorme ajuda no seu desenvolvimento nas instituições formais de ensino, tornadas necessárias em decorrência da complexidade das sociedades contemporâneas. Aí essa formação passa a ser trabalhada de forma intencional e sistemática.

Embora as pessoas já venham aprendendo coisas e se formando desde o nascimento (...) só nas instituições formais de ensino, tornadas necessárias em decorrência da complexidade das sociedades contemporâneas, essa aprendizagem e essa formação passam a ser trabalhadas de forma intencional e sistemática. O trabalho pedagógico quer dizer isso (...) conduzir a criança, o adolescente, o jovem, o adulto, quando nos ambientes escolares, no caminho da aprendizagem e da formação. (SEVERINO, 2005, p. 185)

Mas que trabalho de formação deve realizar a escola? Severino responde que, de um lado, a escola deve levar o estudante a desenvolver sua inteligência, para dominar bem o exercício do conhecimento e, de outro, a desenvolver a subjetividade em toda a gama de sensibilidades que a constituem: a inteligência (que é a percepção de conceitos), a consciência ética (que é a sensibilidade aos valores morais), a consciência estética (que é a sensibilidade aos valores estéticos, de modo geral), a consciência social (que é a sensibilidade aos valores políticos, ou seja, as relações de convivência em sociedade). Ele vê aí, uma grande ajuda do ensino de Filosofia que deve estar presente na educação formal. O que ele aponta como a esfera do exercício da dimensão subjetiva da consciência é o que torna as pessoas efetivamente humanas. Sem a vivência subjetiva, continuamos como qualquer outro ser vivo, puramente natural, regido por leis pré-determinadas, sem possibilidades de escolhas, sem flexibilidade no comportamento (SEVERINO, 2005). Ele define a subjetividade da consciência como sendo a capacidade que temos de poder identificar, de atribuir sentidos ou significações às coisas e situações e de poder agir de acordo com esses sentidos e não mecanicamente por força dos instintos ou de outros fatores físicos, químicos, biológicos, psíquicos, ou melhor, a capacidade de sobrepor a esses fatores naturais um elemento diferenciado, um motivo significador, que dá sentido a nossos atos. A educação é, portanto, uma atividade, uma prática mediante a qual buscamos

aprender a praticar essa subjetividade e encontrar aí as referências para a nossa vida, para as nossas ações que constituem de fato nossa existência real. Segundo Severino (2006), na cultura Ocidental, a educação sempre foi vista como processo de formação humana. Essa formação significa a própria humanização do homem, que sempre foi concebido como um ente que não nasce pronto, que tem necessidade de cuidar de si mesmo como que buscando um estágio maior de humanidade, uma condição de maior perfeição em seu ser humano.

(...) é bom lembrar que o sentido dessa categoria envolve um complexo conjunto de dimensões que o verbo formar tenta expressar: constituir, compor, ordenar, fundar, criar, instruir-se, colocar-se ao lado de, desenvolver-se, dar-se um ser. É relevante observar que seu sentido mais rico é aquele do verbo reflexivo, como que indicando que é uma ação cujo agente só pode ser o próprio sujeito. (SEVERINO, 2006, p. 2).

Retomamos aqui uma idéia de Savater mencionada anteriormente nestes termos: a educação é um caminho de humanização, pois, não basta nascermos humanos, temos que chegar a sê-lo. A idéia de humano já implica a educabilidade, o aprendizado humanizador, o dissemos também, na continuidade do seu pensamento. E acrescentamos: a educação é um caminho necessário de humanização. É o caminho da formação ou o caminho da ajuda para que crianças e jovens “formem-se”. E nesse caminho há a necessidade do ensino da Filosofia.

2. Desafios do Ensino de Filosofia

Observações várias sobre o que ocorre no momento sócio-cultural que vivemos nos alerta para o desinteresse verificado ou sentido nos jovens, sobretudo no tocante ao exercício do pensar reflexivo e crítico. Essas observações nos colocam diante da difícil tarefa de formarmos pessoas que sejam capazes de refletir, analisar, avaliar e escolher. De formarmos sujeitos autônomos, capazes elaborar argumentos mais críticos acerca dos acontecimentos naturais, das ações e das práticas humanas, do próprio conhecimento produzido pela humanidade, preocupados com o que nos torna semelhantes, com que possibilita o pleno

desenvolvimento dos seres humanos, buscando auxiliar para afastar o perigo da violência e das visões obscurantistas que ainda pairam sobre nós. Uma dessas observações é a do professor Júlio, que lecionava a disciplina de história para alunos de cursinho pré-vestibular na década de 70 e que foi publicado na revista “Pais e Filhos”, na edição de novembro de 1976:

Meus adolescentes estão mergulhados numa infância prolongada – são crianças velhas. Crianças de olhos fechados para o novo, incapazes de alimentar a reduzida informação que recebem com a curiosidade própria da infância. Meus adolescentes só fazem abrir a boca para ingerir o que já vem pronto; o novo encaixotado. Estão programados para ingerir o que já vem pronto (...) Estão programados para serem ótimos executantes, a não desenvolver a capacidade de reflexão. Não pensar. É melhor não pensar (...). Conheci essa gente mais informada, mais curiosa, mais livre de preconceitos, dona de uma autonomia que o vestibular de múltipla escolha retirou inteiramente do aluno que se prepara hoje, para entrar na universidade (...) A perda da autonomia corresponde ao ganho da ilusão de exatidão, como fazer um bolo seguindo a receita que já vem pronta (...) Meus adolescentes não têm surpresas (...) São tradicionalistas, medrosos e tontos. Não creio que cresçam nunca. Vagarosamente, eles caminham para se transformarem em adultos retardados. (BORAN, 1981, p. 42 e 43)

Talvez não possamos transportar esse relato para a realidade de nossos dias. Mas talvez a realidade aí relatada persista se é que não tenha piorado. Ainda encontramos observações como esta nos dias de hoje. Muitos professores reclamam que não conseguem lecionar sua disciplina. Reclamam da falta de interesse dos alunos, da falta de estrutura das escolas, da falta de apoio das autoridades e dos familiares dos alunos e, por fim, reclamam que não são valorizados como deveriam. O desabafo do professor Júlio vai ao encontro do que pensam muitos professores na atualidade, ou seja, que de fato seus alunos não se interessam pelo pensar e que preferem executar tarefas a terem que elaborar por si próprios alguma definição sobre algo ou terem que analisar alguma situação problemática. Dada a frequência

dessas observações não se pode simplesmente negar que reflitam uma realidade. Há mesmo posturas de recusa à reflexão, à criticidade, ao aprofundamento da compreensão. Isso quer dizer o quê? Há um clima cultural que favorece estas posturas? Alguns autores nos indicam que sim e apontam características de nosso tempo que poderiam ser tomadas como causas delas ou, ao menos, como coadjuvantes do seu acontecer. O fato é que tais posturas geram enormes desafios para o ensino da Filosofia nas salas de aula do Ensino Médio nos dias de hoje. Vejamos o que dizem alguns desses autores.

Segundo Fischer (2001), longe do entendimento das lutas políticas, das lutas de classe, dos problemas econômicos e sociais do país, temos aprendido que a informação valorizada, o dado que efetivamente interessa é aquele que nos diz como e com quem se relacionam amorosa ou sexualmente as pessoas, de que modo cuidam de seu corpo, como conseguem permanecer tão bonitos e tão em forma, como dormem, e assim por diante. Esse modo de ser dos nossos tempos está diretamente relacionado à construção de um individualismo muito específico: o culto da individualidade pública.

Esse voltar-se para a intimidade das pessoas, através da mídia, elege em nossos dias um público específico: o público adolescente. Fischer, retomando um pensamento do historiador Eric Robsbawm, destaca que no século XX a cultura Ocidental será conhecida, entre outras características, pelo *“juvenescimento da cultura”*. Quer dizer que se do ponto de vista da expectativa de vida, somos mais velhos; do ponto de vista cultural, somos ou devemos ser, sempre e eternamente, jovens.

De acordo ainda com Fischer, se, em outros tempos, a adolescência e a juventude representavam aquele período preparatório para a vida adulta, hoje esse período passa a caracterizar-se como estágio final do pleno desenvolvimento dos indivíduos. A adolescência passa a ser, culturalmente, um ponto de chegada e de permanência. Isso também pode ser considerado pela própria realidade do mercado de trabalho e por tantas outras condições econômicas e sociais em nível nacional e internacional. Os mais velhos, por sua vez, já não são o lugar da sabedoria, aquelas pessoas em que se busca encontrar um conselho, a voz da experiência. Dada a rapidez incomensurável das mudanças tecnológicas, o site da sabedoria,

paradoxalmente, pertence aos mais jovens, são eles que podem ensinar como devemos nos comunicar, como digitar um texto no computador, como acessar um endereço na internet, como gravar um CD, etc. Cada vez mais, os adultos ficam para trás e acreditam que, afinal, “é assim mesmo”, embora a angústia e a turbulência dos conflitos diários convidem a imaginar que tudo ou alguma coisa, pelo menos, poderia ser diferente.

Juntamente com o ideal de juventude eterna, compreende-se e reitera-se uma regra básica de vida: a de que nada nem ninguém teriam história, a negação da vida como processo, a afirmação de que o presente é algo espontâneo e independente de uma história. Nesse ambiente, portanto, para Fischer, os meios de comunicação falam às pessoas e, especialmente, aos mais jovens em um ambiente que nega a história, que privilegia a privacidade, desde que se torne pública, e que elege o jovem como “poderoso”, conferindo-lhe um lugar de destaque nas diferentes instâncias da sociedade.

Como chegamos a esse estado de coisas? Quais as possíveis causas da passividade de grande parte de nossos jovens? Como foi forjada essa cultura do individualismo e do presenteísmo?

Para Trípoli (1998) o tempo da modernidade esgotou o “agir”, saturou o momento da “criação”, fundando o tempo da pós-modernidade, tempo de pura contemplação do mundo, de estar no mundo. Não se trata de opor-se ao mundo, mas de vivê-lo do modo como se apresenta. Sua transformação faria parte de uma concepção de mundo ultrapassada, das utopias futuristas. É um tempo de não-aventuras, mas de refúgio, de afirmação do próprio tempo e, daí, de estilização. É um tempo que nos apresenta nova tendência que valoriza o “relaxar” da pós-modernidade no lugar do “produzir” da modernidade. Por assim dizer, o tempo pós-moderno é determinado pelo *carpe diem*, por viver pelo viver, o estar junto sem nenhuma outra finalidade. É o tempo das não-finalidades, da desordenação, da negação, para a afirmação de uma nova ordem.

Arbex e Tognoli (2000) apresentam como uma das características mais marcantes de nossa época exatamente o relativismo de todos os conceitos e noções políticas, culturais, éticas e estéticas. Afirmam também que a célebre frase de Albert Einstein “tudo é relativo” transformou-se na síntese, no emblema mais característico de nossos dias. Todas as certezas

seriam, portanto, colocadas em questão no mesmo instante em que são enunciadas. Tudo parece ser ligeiro, frágil, provisório e precário. É muito comum ouvir falar de crise hoje em dia. Fala-se de crise valores, de conceitos, de princípios, de ideologias: há crise na arte, na economia, na política, na história, na filosofia, na religião, na cultura. Até parece que o mundo todo entrou num processo caótico, desgovernado e não consegue mais dar uma explicação satisfatória para o embaralhamento geral das coisas. Assim o diz Marcondes Filho (1994) que acrescenta:

As filosofias, as reflexões sobre as maneiras de se viver, de organizar a vida, os princípios que norteavam os relacionamentos, inclusive os amorosos, o desfrute artístico, enfim, muito desse mundo está sofrendo uma rápida redefinição e reelaboração. Já não há mais modelos prontos de respostas. A crise de que se fala hoje em toda a parte é principalmente a de orientação, de estar em um mundo no qual desapareceram repentinamente todos os mecanismos que apontavam para o norte nas ações das pessoas. (MARCONDES FILHO, 1994, p. 9).

Talvez não deva haver “norte”, ou “um norte”. Mas é preciso pensar em orientações resultantes de reflexão e bons argumentos que as sustentem de algum modo. Viver à deriva pode não ser bom e nem seguro. A escola é um bom lugar para as discussões a respeito e ela não pode se furtar a esta tarefa. Dentro dela o ensino da Filosofia pode ser uma grande ajuda, ainda que tenha que enfrentar tantos desafios como esses apontados que convidam nossos jovens para um movimento ao contrário. Figueiredo (1999) reforça a presença desses desafios mostrando como a vida cotidiana mais que nunca passa a submeter-se às solicitações do sempre novo, das modas, instaurando-se uma cultura do efêmero, do imediato, que redimensiona a relação com o passado, com a tradição. Nesse quadro, nossos referenciais se embaralham, as certezas caem por terra.

Porém, talvez, toda esta crise possa ser uma oportunidade de um novo começo. Talvez estejamos em um ponto de passagem como diz também Marcondes Filho (1994). Para ele, a dispersão, o caos, a desintegração indicam um ponto de passagem, um ponto em que

o mundo que conhecíamos até então, desmorona-se, perde sua unidade, rui, e, por assim dizer, “desaba sobre nossas cabeças”. Mas, o que estaria ocorrendo é que está configurando-se um novo tipo de sociedade, um novo tipo de mundo que ainda não se estruturou totalmente, mas que se instala como um universo absolutamente diferente daquele que conhecíamos. “É por isso que a fase que se caracteriza como crise é um **momento de passagem** em que se está compondo um novo tipo de organização da sociedade e que rejeita tudo o que havia anteriormente”. (MARCONDES FILHO, 1994, p. 10. Grifo do autor).

Pensando a partir dessa perspectiva os desafios da educação escolar não deixam de ser ainda maiores e, no seu interior, os desafios do ensino da Filosofia. Além do convite ao exame crítico de tudo que aí está, acrescenta-se a necessidade do convite a se pensar de maneira reflexiva e profunda as novas e necessárias orientações para um novo mundo.

Alarcão (2003) afirma que o mundo contemporâneo, marcado por tanta riqueza de informação, precisa urgentemente do poder clarificador do pensamento. Em uma alusão ao pensador Edgar Morin, Alarcão diz que uma cabeça bem feita é a que é capaz de transformar a informação em conhecimento. E o conhecimento pertinente é aquele capaz de situar qualquer informação em seu contexto. A compreensão, portanto, é fundamental, pois ela é a capacidade de perceber os objetos, as pessoas, os acontecimentos e as relações estabelecidas entre todos. Reconhece também que, nesta era da informação, do conhecimento e, portanto, da aprendizagem, a escola não detém o monopólio do saber. O professor não é o único transmissor do saber e tem de aceitar-se nas suas novas circunstâncias, que por sinal são bem mais exigentes. O aluno, por sua vez, já não é mais o receptáculo a deixar-se recheiar de conteúdos. O professor tem de aprender a gerir e a relacionar informações para transformá-las no seu conhecimento e no seu saber, bem como para aprender a lidar de maneira nova com esta nova realidade.

Para Alarcão “não há que declarar morte ao professor. Pelo contrário, “na era da informação, ele é o timoneiro na viagem da aprendizagem rumo ao conhecimento” (ALARCÃO, 2003, p. 31).

De acordo com Alarcão, o pensamento e a compreensão são os grandes fatores de desenvolvimento pessoal, social, institucional, nacional e internacional. Nesse sentido, ela aponta para uma formação que não fica apenas na superficialidade da informação, mas vai para além dela até atingir a sabedoria. Partindo dos dados, uma pessoa sábia, eleva-se através da informação, da compreensão e da visão geral ou abrangente, até chegar à sabedoria. Há um processo gradual que também apresenta as dificuldades crescentes dos vários degraus.

Até onde a escola pode auxiliar os alunos neste percurso? O quê e em quê pode o ensino da Filosofia ajudar nesse percurso? Diante desse desafio podemos facilmente responsabilizar a escola por não conseguir formar cidadãos com condições de exercer sua capacidade crítica de escolha, análise, interpretação e reflexão a partir de tantas informações existentes hoje e oferecidas de maneira desconexa. É claro que não é ela a única responsável pela formação de nossos jovens, conforme ainda diz Alarcão. Há responsabilidades da sociedade como um todo e das pessoas individualmente, por certo. Não se deve negar, porém, a parcela importante de responsabilidade da escola. E esta começa pelo necessário enfrentamento da busca de como responder aos novos desafios.

No mundo contemporâneo, a informação, pela sua grande quantidade e pela multiplicidade de utilização que dela se pode fazer, tem de ser organizada por quem a procura, a quem compete pôr em ação a sua mente interpretativa, seletiva, sistematizadora, criadora. Portanto, é preciso saber o que procurar e onde procurar, bem como distinguir o que é relevante e irrelevante, sério e fraudulento para reter o que é importante e jogar no lixo o que não presta ou não se adapta. E ainda para organizar as informações em sistemas de conhecimentos que ajudem a produzir sentidos. Este é um papel da educação formal para o qual deve haver uma contribuição fundamental da formação filosófica. É desafio que se coloca ao ensino da Filosofia. Para que as pessoas possam assumir o papel de atores críticos, situados, elas precisam desenvolver a grande competência da compreensão que assenta na capacidade de escutar, de observar e de pensar. E, também na capacidade de utilizar as várias linguagens que permitem ao ser humano estabelecer com os outros e com o mundo mecanismos de interação e de intercompreensão. As noções de pessoa, diálogo,

conhecimento, valores, e outros se encontram na base dos atuais paradigmas de formação e de investigação. Há um lugar específico nesse contexto para a formação filosófica dessas pessoas.

Desafios não faltam: para a escola de nosso tempo e, dentro dela, para o ensino da Filosofia. Se há desafios e se há possibilidades de dimensioná-los, poderá haver possibilidades de enfrentamento e até de sua superação. Como ou em que medida a Filosofia pode auxiliar na formação desses jovens desse “novo mundo”?

CAPÍTULO II

O ENSINO DE FILOSOFIA

2.1. Importância do Ensino de Filosofia

Que valor e que importância tem a Filosofia no processo formativo dos jovens de nossos dias? Que importância tem o ensino de Filosofia na etapa da educação escolar denominada de Ensino Médio? Não são poucos os autores que têm tratado dessa questão recentemente. Talvez por conta das questões postas no capítulo primeiro e que desafiam os educadores de modo geral e os professores de Filosofia de modo particular, esta questão tem merecido uma atenção especial. Numa realidade marcada pelo presenteísmo, pela rapidez, pelo acúmulo pura e simplesmente de informações para usos efêmeros, pela denominada crise de referências, parece natural perguntar-se se a Filosofia tem mesmo uma contribuição na formação dos jovens que os auxilie a superarem esses aspectos considerados negativos de nosso tempo. Na verdade, nos tempos de crises a Filosofia é sempre chamada. Vejamos algumas posições relativas à questão.

Antônio Joaquim Severino é um pensador brasileiro que tem se dedicado às discussões e propostas relativas ao ensino da Filosofia. Segundo ele não pode haver formação verdadeiramente formativa, sem a participação, sem o exercício e o cultivo da filosofia. Sem negar a importância dos demais conteúdos presentes no currículo escolar, ele diz:

É que só o conhecimento técnico-científico não é capaz de nos revelar todas essas dimensões dos valores da dignidade humana, da cidadania, uma vez que concentra em ensinar o que são as coisas, como elas funcionam e como o homem pode manipulá-las para fazer, construir, transformar os objetos materiais (...). É preciso recorrer à modalidade do conhecimento filosófico que é onde desenvolvemos nossa visão mais abrangente do sentido

das coisas e da vida, que nos permite buscar, com a devida distância crítica, a significação de nossa existência, e o lugar de cada coisa nela. (SEVERINO, 2005, p. 187)

Severino tem razão ao apontar a necessidade que todo ser humano tem de buscar sentido ou significação para sua existência. E tem razão ainda ao indicar que a Filosofia é uma forma de saber apropriada para auxiliar nessa busca. Se os conhecimentos que ele denomina de técnico-científicos nos ajudam a entender as coisas, os conhecimentos filosóficos nos ajudam a compreendê-las, ou seja, a situá-las num conjunto de sentidos que podem nortear a existência humana.

O filósofo grego Epicuro (2002) já apontava a filosofia como um bom caminho em direção à felicidade e propunha que ela estivesse presente na vida de todas as pessoas independentemente da idade.

Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz. Desse modo, a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho. (EPICURO, 2002, p. 21)

Contudo, parece não ser esse o entendimento de muitas pessoas em nossos dias. Salvo em alguns redutos específicos a filosofia e o filosofar são marginalizados. Percebe-se até falas e posturas na direção de sua desqualificação. Temos tido decisões que caminham na direção de uma escola tecnicista e autoritária que banuiu a filosofia dos currículos. A ordem tem sido produzir uma massa passiva, pessoas sem consciência, mão-de-obra dócil à implantação e solidificação de um modo de produção mais preocupado com o capital do que com o próprio ser humano conforme aponta, por exemplo, Nunes (2002). O ensino da Filosofia poderia, por certo, contribuir para a formação de cidadãos críticos, com melhores condições de avaliar e, portanto, capazes de escolhas possivelmente mais acertadas.

Além disso, o movimento ou o processo reflexivo desencadeado em muitas aulas e de forma contínua poderia auxiliar para interromper o atual quadro de passividade, aparentemente instalado em grande parte dos jovens que passam pelo ensino Médio. Esse quadro torna as pessoas candidatas a fazerem parte da massa ávida pelo consumo e pela produção artificial de novidades. É importante, porém, ter em mente que esse quadro é parte de toda uma mentalidade que foi desenvolvida a partir de certa visão de mundo, de pessoa, de sociedade e de valores que serve a uma determinada sociedade que é a sociedade capitalista. Há uma ideologia presente nesta formação histórica, ou seja, há uma concepção do que é bom e válido e que decorre de uma filosofia que se tornou hegemônica: trata-se da filosofia liberal burguesa. Esta maneira de pensar torna-se um grande conjunto de referências. É necessário trabalhar com os jovens para que conheçam e compreendam este conjunto de referências e para que sejam capazes de submetê-lo a uma análise reflexiva e crítica. Como diz Lorieri (2002), nada mais urgente e necessário para todas as pessoas que a compreensão dessa ideologia e a capacidade de examiná-la reflexivamente, criticamente, metodicamente, profundamente: ou seja, à maneira filosófica. Ou as pessoas fazem tal análise e decidem pelas direções a dar às suas vidas, ou elas a receberão prontadas as direções através de diversos mecanismos possibilitados pela força da persuasão publicitário-ideológica e possibilitada, mais ainda, pela falta de condições de análise filosófica a que muitas pessoas estão sujeitadas, conforme ainda acrescenta Lorieri:

Não é permitido que as pessoas possam, desde o mais cedo possível se achegar às diversas produções filosóficas para, de dentro delas, aprenderem a filosofar. Não é permitido que as pessoas, desde o mais cedo possível, possam aprender analisar as “respostas” filosóficas às questões de fundo sempre postas pela humanidade. Não é permitido que as pessoas tomem e retomem essas questões de fundo, sem as escamotear, e aprendam a colocá-las e recolocá-las de forma cada vez mais atenta e clara. Não é permitido que as pessoas, ao serem convidadas a colocar e recolocar as questões de fundo, possam fazê-lo cotejando, a sua maneira de as colocar, com a maneira como os considerados grandes filósofos o fizeram.

Muitas vezes não é permitido às pessoas, mesmo tendo acesso aos grandes filósofos, colocá-los em questão. (LORIERI, 2007, p. 15-16)

Vivemos, hoje, um momento em que o Ensino de Filosofia é, não apenas permitido, mas obrigatório no Brasil no Ensino Médio. Temos que pensar que é necessário tornar esse caminho aberto pela legislação como um caminho de fato para que tudo isso que, segundo Lorieri precisa ser permitido, o seja realmente. Como ele diz, é uma necessidade para todas as pessoas, participar da construção das referências que indicam sentidos ou direções para suas vidas.

Um dos traços da atividade e da experiência filosófica reside na sua capacidade crítica e emancipatória, pois ela nos traz a possibilidade de não aceitação passiva das idéias, dos conceitos, das práticas, das vivências. Interroga-se sobre elas e auxilia para que se vislumbre, se não uma solução para os problemas, ao menos alternativas possíveis. É mesmo necessário fazer com que ocorram eventos filosóficos nas nossas salas de aula, como o quer Dantas (2005) na medida em que a radicalidade, o rigor e a criticidade da discussão em torno de razão de ser, de seu sentido e de sua significação leve alunos e professores às primeiras e últimas questões que nos são colocadas por nossa própria existência. Ir às questões primeiras e últimas ou às questões de fundo. Ir ao problemático de nossas vidas, como diz bem Edgar Morin. Segundo ele a Filosofia deve contribuir para que tenhamos uma atitude problematizadora frente aos grandes problemas com que todos nos defrontamos e que não podem ser simplesmente colocados de lado. A filosofia e seu ensino ajuda a todos a levá-los em conta e a enfrentá-los pela necessidade de encaminhamentos em relação a eles.

A filosofia deve contribuir eminentemente para o desenvolvimento do espírito problematizador. A filosofia é, acima de tudo, uma força de interrogação e de reflexão, dirigida para os grandes problemas do conhecimento e da condição humana. (MORIN, 2002b, p. 23).

Cabe, pois, colocar e recolocar, insistentemente, os problemas fundamentais da existência humana e desafiar, especialmente os jovens, para a busca de respostas a eles. Desse modo, de acordo com Morin, a filosofia não é uma disciplina, mas uma força de interrogação e de

reflexão crítica dirigida não apenas aos conhecimentos e à condição humana, mas também, aos grandes problemas da vida. É papel da filosofia e de todo filósofo estimular a aptidão crítica e autocrítica, insubstituíveis fermentos da lucidez, e exortar à compreensão humana, tarefa fundamental da cultura. (MORIN, 2002b).

Tarefa nada fácil em uma realidade na qual as pessoas, de um modo geral, não são convidadas a pensar e a refletir sobre sua realidade. Há até uma idéia difundida entre os profissionais da educação de que nossos alunos não estariam interessados em buscar respostas bem pensadas para os problemas que os afligem. Afirma-se que o que desejam são soluções rápidas e simples, e que não se dispõem a um trabalho que exija um pensamento reflexivo ou filosófico. “De fato os homens não estão habituados a pensar, a refletir filosoficamente.” (NUNES, 2002, p.440). Que respostas pode o ensino de Filosofia dar a esta situação?

2.2 O Ensino de Filosofia

Se o quadro atual é esse, justamente aí é que vemos como importante o ensino de Filosofia. Trata-se de compreendermos que é nesse mundo, da chamada sociedade tecnológica ou pós-moderna, que as novas gerações estão se formando, crescendo e construindo suas identidades e que, portanto, é nesse mundo que a educação deve ser pensada e repensada. E que o ensino de Filosofia deve e pode contribuir para a formação de cidadãos críticos, participativos, que saibam escolher, avaliar e analisar as informações que lhes são transmitidas, transformando-as em conhecimento, possibilitando uma atuação política em favor de uma sociedade mais humana, justa, fraterna e solidária.

É muito difundida a afirmação atribuída a Kant de que não se aprende filosofia, mas se aprende a filosofar ou, no mesmo sentido, de que não se ensina filosofia, mas se ensina a filosofar. Pelo contexto no qual Kant diz isso, isto é, em: “Notícia do Prof. Immanuel Kant sobre a organização de suas preleções no semestre de inverno de 1765-1766” (2003), ele quer chamar a atenção para a necessidade de, ao mesmo tempo em que os alunos conhecem conteúdos já pensados por grandes filósofos, eles devem aprender a pensar por si

mesmos, isto é, a filosofar. Diz Kant neste texto que o professor de Filosofia “não deve ensinar pensamentos, mas a pensar” (2003, p. 174) e, na mesma página acrescenta: “O adolescente que acabou sua formação escolar estava acostumado a aprender. Ele pensa que, de agora em diante, vai aprender Filosofia, o que porém, é impossível, pois agora ele deve aprender a filosofar.” No intuito de deixar isso mais claro, Kant acrescenta a seguir que, “para aprender, pois, a Filosofia, seria preciso que realmente já houvesse uma.” (idem). Importante frisar o artigo definido “a”. Diz ele que não há, até agora, algo a que se possa chamar de “a Filosofia”. O que Kant considera importante é o uso do autor filosófico que proporcione o “refletir e concluir por conta própria”. Vejam-se as palavras de Kant sobre o uso de autores que ele denomina de filosóficos e o que propõe como resultado do ensino que os leva em conta. O autor utilizado deve ser visto:

(...) apenas como o ensejo de julgarmos nós próprios sobre ele e até mesmo contra ele; e o método de refletir e concluir por conta própria é aquilo cujo domínio o aprendiz está a rigor buscando, o qual também é o único que lhe pode ser útil, de tal sorte que os discernimentos decididos que por ventura se tenham obtido, ao mesmo tempo têm que ser considerados como conseqüências contingentes deles, conseqüências estas para cuja plena abundância ele só tem de plantar em si mesmo a raiz fecunda. (KANT, 2003, p. 175).

Para Cerletti (2008), o professor tem uma tarefa fundamental: estimular a vontade de pesquisar e o desejo de pensar. Ensinar é convidar a pensar. É convidar a compartilhar uma atividade que supõe esforço e que abre enorme perspectivas de pensar por si mesmo. Ora, o convite para o pensar deve ser feito aos jovens e a todas as pessoas, pois, como diz Favaretto (2008), a cultura de consumo constitui-se de um acúmulo de signos em que a significação é limitada e contida pelas expectativas de comunicação. Há como que um seqüestro da significação no uso dos signos na cultura do consumo. Esse seqüestro faz das pessoas prisioneiras dos sentidos que se quer encaminhar. Os jovens deveriam estar munidos de sistemas de referências e estilos de interrogação para que tenham condições de liberar os signos dos seus usos seqüestrados. No vasto e diversificado mundo da cultura,

particularmente da cultura de consumo, hoje hegemônica, a contribuição educativa da formação que vem do trabalho filosófico pode ser vista na elaboração de diretrizes conceituais e de estilos de interrogação, ou seja, ao gosto de Kant, de estilos de pensar por si próprios, que permitam aos alunos adquirir meios de orientar-se no pensamento.

(...) o ensino de filosofia pode contribuir para gerar as condições de criticidade. A crítica, como é sabido, não se coaduna com a pressa, com a velocidade, o sucesso, a prospecção, o prazer; com o ganhar tempo, com a eficiência, com tudo isto que nos fala e em que freqüentemente nos afundamos, pois a crítica suspende a realidade para melhor vê-la. A crítica é uma intervenção na realidade. (FAVARETTO, 2008, p.46)

A filosofia, ainda de acordo com Favaretto, gera condições indiretas de intervenção na realidade, nos modos dos jovens se situarem face à multiplicidade e heterogeneidade dos problemas, fatos, acontecimentos em que estão envolvidos. Intervir significa então descobrir o funcionamento e o sentido das configurações (teorias, ideologias e mitologias, religiosas, científicas, tecnológicas, artísticas); significa interrogar, formular questões e objeções. Para isso, os jovens podem passar a utilizar os sistemas de referência que lhes são oferecidos no curso de filosofia como uma experiência significativa de trabalho filosófico.

Aí está, por certo, uma grande e importante contribuição do ensino de Filosofia na formação de nossos jovens. Cabe aos professores se aperceberem disso e desenvolverem seus programas de ensino nessa direção. Para este autor, um trabalho específico de filosofia no ensino médio pode ser muito significativo quando resulta da conjugação de um repertório de conhecimentos – que funcionam como um sistema de referências para discussões, julgamentos, justificações e valorações – e de procedimentos básicos do trabalho filosófico – elaboração de conceitos, modalidades de argumentação e de problematização, o que sempre implica procedimentos de leitura, de análise e de produção de textos.

Tomando posse desse repertório de conhecimentos e dos requisitos fundamentais da enunciação filosófica, constituindo uma retórica, isto é, acedendo a um sistema discursivo, o aluno pode passar da variedade dos fatos, acontecimentos, opiniões e idéias para o estado reflexivo do pensamento. (FAVARETTO, 2008, p.49)

Bem ao gosto, por certo do que propunha Kant, educar para a inteligibilidade significa reafirmar que a crítica não vem antes das condições que a tornam possível. Portanto, o desenvolvimento do pensamento crítico não provém de genéricas discussões de temas e problemas. Não provém também de uma coleção de conceitos, doutrinas, problemas e textos: “O pensamento reflexivo é fruto de uma aprendizagem significativa, que supõe o domínio e a posse dos procedimentos reflexivos, e não apenas de conteúdos”. (FAVARETTO, 2008, p.49-50)

Para Favaretto, a crítica surge da capacidade dos alunos em formular questões e objeções de maneira organizada, e o quanto possível rigorosa conceitualmente. Pois, a crítica, como processo reflexivo, não é um conhecimento expositivo, um saber positivo sobre o mundo e muito menos uma percepção: é uma interpretação, que exige perspectiva de análise, sistemas de referência e práticas discursivas adequadas. A filosofia como disciplina de ensino exercita capacidades intelectuais e é, acima de tudo, uma disciplina cultural, pois a formação que propicia diz respeito à significação dos processos culturais e históricos.

Assim, pode-se conceber um programa de filosofia para o ensino médio a partir de temas e problemas – recortados na tradição fixada como história da filosofia ou no elenco das áreas filosóficas (ético-políticos, científicos, estéticos), referidos ou não a problemas imediatos (sociais, culturais, vivenciais). Qualquer recorte ou escolha supõe evidentemente os interesses e a formação do professor (...). (FAVARETTO, 2008, p.51)

Para Favaretto, a aprendizagem da filosofia é um exercício pessoal que se realiza com proveito através do próprio conteúdo sistematicamente elaborado nos textos da tradição filosófica; neles estão os temas, os problemas, os conceitos, os métodos, os procedimentos. Mas o autor também enfatiza a importância dos procedimentos gerais de pensamento,

entendidos como princípios metodológicos da atividade intelectual – desenvolvimento das capacidades de análise e leitura; de técnicas de raciocínio e argumentação; de métodos de questionamento, problematização e expressão. Ambas as coisas devem ser buscadas nesse ensino que, por tudo o que foi dito, é fundamental na formação dos jovens. Em que pese as dificuldades presentes na nossa realidade, conforme já apontado.

De acordo com Danilo Marcondes (2008), outro pensador brasileiro preocupado com o ensino da Filosofia para os jovens, o grande desafio consiste em motivá-los e em desenvolver neles o interesse por este pensamento, a compreender sua relevância e a vir a elaborar suas próprias questões e posicionamentos. Assim, é preciso ser sensível aos seus interesses, pois, nesses casos, a melhor forma de abrir caminho para a filosofia é através da discussão de questões existenciais, que foram sempre centrais na filosofia, mostrando a continuidade entre filosofia e nossa vida concreta e indicando como essas questões que vivenciamos foram também questões dos grandes filósofos e que, o modo como as discutiram, pode ser relevante para nós, pode nos ajudar a pensar por nós mesmos. De acordo com Marcondes Filho se o que se ensina em filosofia é a possibilidade de desenvolver o seu próprio pensamento de forma crítica, os textos dos filósofos da tradição, os conceitos que formularam e os argumentos que desenvolveram podem fornecer os pontos de partida e os instrumentos através dos quais essa reflexão se desenvolverá.

Navia (2008), ajuda-nos a pensar a importância do ensino da Filosofia especialmente para os jovens. Diz ele que não há nenhuma outra instância onde se reflete sobre o fundamento e os limites do conhecimento, tratando de gerar critérios sobre a distinção entre conhecimento fundamentado e não fundamentado e de tirar fora o obscurantismo e a mistificação da ciência; nenhum outro âmbito onde se reflete sobre problemas éticos, estéticos, antropológicos, sócio-históricos e culturais, procurando um antídoto contra o dogmatismo, o fanatismo e a intolerância. Uma instância, além disso, onde se desenvolvem as capacidades de argumentação e discussão de idéias explicitadamente fundamentadas e com elucidação dos princípios e supostos implicados como modelo privilegiado de qualquer análise, elucidação e avaliação de supostos de um discurso que inclua princípios gerais. Tudo isso faz dos cursos de filosofia uma esfera insubstituível na estruturação de uma atitude de

abertura mental, de análise, de fundamentação e de exigência de fundamentação, que são imprescindíveis para a participação responsável e livre em uma sociedade democrática. “Por certo que essa atitude não é gerada somente pela filosofia senão pela educação em seu conjunto, mas o ensino da filosofia atua como uma instância de coesão, explicitadora e reforçadora dessas capacidades”. (NAVIA, 2008, p.70).

Segundo ele, no âmbito cultural atual o panorama não é tão alentador: carentes de livros os jovens se aprofundam em uma TV de baixíssimo nível cultural, cultivadora de toda classe de simplismos e imediatismos, onde inclusive veiculam-se massivamente mensagens contra-culturais e antiintelectuais. No seu entendimento os jovens se submergem nos locais mais banais de limitadíssimos recursos culturais e lingüísticos ou se limitam a uma conversação empobrecida e anônima que antes se desenvolvia de forma mais enriquecedora.

Segundo Marcondes, aparecem também outras características compartilhadas com a pós-modernidade: depressão, desmotivação, ansiedade, atenção flutuante (zapping), necessidade de satisfação imediata etc. Nesse sentido, evidencia-se que todos esses traços dificultam enormemente o processo educativo e, dentro dele, o ensino da filosofia.

Diante desta situação, alguns docentes têm tentado seguir adiante para um ensino pós-moderno: substituindo os textos clássicos pelos cômicos, a linguagem elaborada pela gíria juvenil, os problemas filosóficos pela última inquietude dos adolescentes etc. Parecem ignorar que a atualização pedagógica é algo muito mais complexo, modesto e prudente. (MARCONDES, 2008, p.76).

São por certo dificuldades que impactam a educação escolar em geral e o ensino de Filosofia em particular. Mas é necessário não só constatar as dificuldades e sim buscar soluções. Se sabemos da importância e da necessidade do ensino da Filosofia temos que buscar caminhos para sua realização.

Os autores estudados apontaram estas dificuldades e apontaram também possíveis caminhos.

O ensino da filosofia não pode limitar-se a ser apenas o estudo das idéias dos filósofos, ainda que elas sejam de fundamental importância. Se considerarmos o ensino de filosofia dessa forma, isso dificultaria precisamente algo que se tem como importante atingir, que é a formação de um senso crítico, de um pensar autônomo. A busca de uma atitude reflexiva, questionadora e crítica. O que se poderia começar por ensinar é, então, esse olhar agudo que não quer deixar nada sem rever, essa atitude radical que permite problematizar os eventuais fundamentos ou colocar em dúvida aquilo que se apresenta como óbvio ou naturalizado. Isso é possível, pensamos nós, concordando com o que diz Silvio Gallo: “Estou, pois, convencido de que é possível aprender filosofia.” (Gallo, 2002, p.194). Diz ele que é possível também ensinar o exercício do filosofar.

Segundo ele, a dificuldade de ensinar filosofia é que esta disciplina consiste mais numa atitude intelectual do que num conjunto bem estabelecido de conhecimentos, cada um dos quais poderia ser separado sem diminuição de sua força assertiva. O distintivo do filósofo não é arengar às massas nem sequer doutrinar grupos de estudo, mas comunicar o individualmente pensado a um interlocutor também único e irrepetível. E, acrescentamos, convidando-o a realizar o trabalho do filosofar.

Até aqui podemos afirmar que há razões nas circunstâncias históricas atuais que podem justificar ou explicar o desinteresse dos alunos do Ensino Médio pelas aulas de Filosofia. Esta é uma das indagações que nos colocamos como objeto de nossa pesquisa. A segunda indagação diz respeito ao que os alunos afirmam sobre as temáticas tratadas nas aulas de Filosofia e sobre seu interesse por elas. Pensando neles, dirigimos-lhes perguntas sobre sua disposição para um trabalho de reflexão sobre essas temáticas e sobre seu interesse nas questões que denominamos de filosóficas.

Perguntamos também aos professores que estão em contato com eles exatamente neste panorama cultural atual apontado até agora sobre o que percebem nos seus alunos.

Essas perguntas e outras correlatas fizeram parte de questionários que foram respondidos por jovens de escolas particulares e públicas da cidade de São Paulo e por seus professores. Os resultados dessa enquete e análises decorrentes dos dados colhidos são apresentados a seguir.

CAPÍTULO III

ALUNOS DE ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO SE MANIFESTAM

51 alunos (40 de escolas públicas e 11 de escolas particulares) responderam a questionários (Anexo 1) que continham perguntas conforme mostradas a seguir. É possível extrair indicadores relativos ao acolhimento do ensino de filosofia, ou não, por parte destes alunos. Apesar do universo restrito no qual os questionários foram aplicados, podem ser percebidos dados interessantes que nos dizem o que pensam estes jovens a respeito do ensino de filosofia, de temáticas trabalhadas nas aulas da disciplina e sobre a importância do pensamento reflexivo e crítico.

A seguir são apresentados esses dados. Os primeiros três quadros e o mapa oferecem informações sobre a idade, local de residência, escolas que freqüentam e quantidade de anos nos quais tiveram aulas de Filosofia. Os quadros seguintes, que são acompanhados de análises das respostas, oferecem uma síntese das respostas às questões de número 2 a 10.

Primeiro grupo: Questões que solicitam caracterização dos alunos:

Características dos entrevistados.

IDADE	TOTAL	%
13-16	34	67
17-19	8	15,5
20-21	1	2
+ 21	8	15,5

ESCOLAS DE ORIGEM	TOTAL	%
PÚBLICAS	40	78
PARTICULARES	11	22

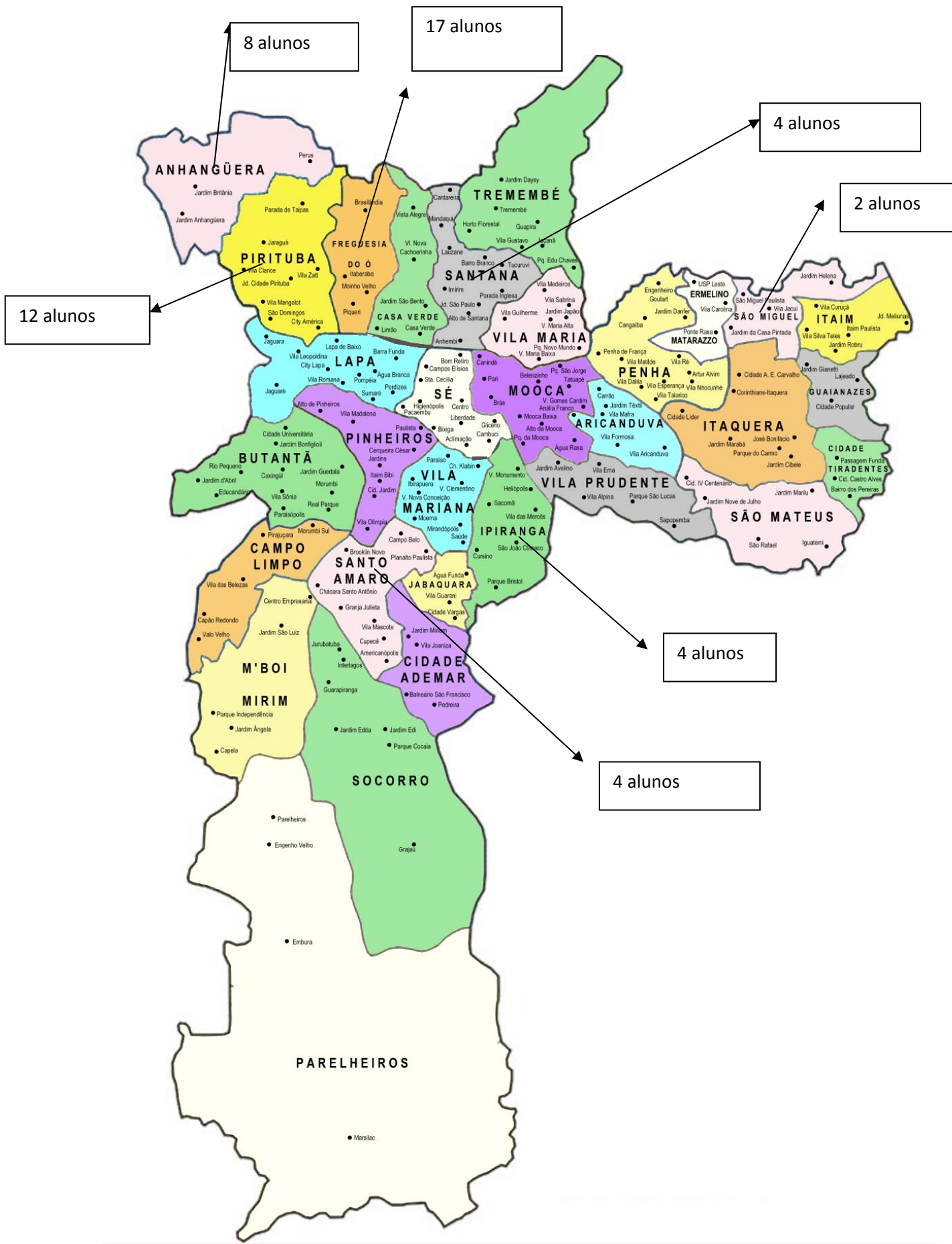
Anos de estudo de Filosofia

Menos de um ano:	4 alunos
Um ano:	23 alunos
Dois anos:	19 alunos
Três anos ou mais:	5 alunos

Bairros de origem

ANHANGUERA: Perus.	Total de 8 alunos
FREGUESIA DO Ó: Freguesia do Ó, Piqueri, Chácara Brasil, Taipas	Total de 17 alunos
IPIRANGA: Ipiaranga, Vila Carioca.	Total de 4 alunos
PIRITUBA: Pirituba, Jaraguá, V.dos Remédios, V.Zatt, V. Rodrigo	Total de 12 alunos
SANTANA: Santana.	Total de 4 alunos
SANTO AMARO: Moema, Santo Amaro.	Total de 4 alunos
S. MIGUEL PAULISTA: São Miguel Paulista.	Total de 2 alunos
TOTAL GERAL:	51 alunos

Mapa demonstrativo da origem dos alunos



Segundo grupo: questões (2, 3 e 4) sobre interesse dos alunos pela Filosofia e suas temáticas.

Questão 2: Indique um, dois ou mais temas ou assuntos trabalhados nas aulas de Filosofia que você julgou mais interessantes.

51 alunos (todos os entrevistados) indicam algum tema específico da Filosofia pelo qual se interessaram. Os números entre parêntesis indicam a quantidade de alunos que se manifestaram como interessados pelo tema ou assunto:

- Mito; mitologia grega; deuses gregos (12);
- Filosofia grega; nascedouro da Filosofia (4);
- Filósofos antigos; pré-socráticos; Pitágoras; Heráclito (A duplicidade ou a multiplicidade das coisas) (9);
- Sofistas (3);
- Sócrates (5);
- Platão (13);
- Aristóteles (1);
- Epicuro (1);
- Agostinho (pensamento do mal) (1);
- Maquiavel (3);
- Descartes (1);
- A corrente do Existencialismo (1);
- Religião (2);
- Teoria do Conhecimento (13). As menções foram feitas por temas: “Teoria do Conhecimento; formas de conhecimento; ideologia; verdade”;
- Ética (11). Um deles diz assim: “Eu gostei do assunto Ética, que é toda aquela idéia de possibilidades de escolha, de decisão, opção, buscando entender o caráter das pessoas, o modo de vida, etc.” Outro diz: “Filosofia Moral e Por que somos corruptos?”;

- Política (10). Indicaram assim: “Política; Poder político; ditadura, democracia, monarquia”;
- Estética (3). Disseram assim: “Estética e Filosofia da arte”;
- O que é Filosofia (2). Disseram assim: “O que é Filosofia? Seus objetivos e como podemos aplicá-la em nossa vida; definição do estudo da filosofia”.
- Aborto (6);
- drogas (4);
- sexo; preconceito; paixão (3);
- racismo; amor; amizade; clonagem; eutanásia; maioria penal; atividade humana e animal; egocentrismo; etnocentrismo e sociocentrismo (1).

Acrescentem-se os seguintes depoimentos:

Gostei também de falar de estereótipo, que é uma coisa muito presente no nosso dia-a-dia. As dissertações feitas como trabalho foram muito interessantes também.

Na minha opinião, todos foram interessantes, mas os que eu mais gostei foi fazer análise crítica de textos, analisar pinturas ou imagens e identificar sua visão ou compreensão de mundo.

Questão 3: Escolha um ou dois desses temas e diga por que você os julgou mais interessantes.

Todos os alunos perguntados responderam. As respostas foram organizadas do seguinte modo:

FILOSOFIA:

Escolhi o tema “O que é Filosofia?”, pois antes de conhecer tudo o que ela abrange, acho que é necessário sabermos o que é filosofar.

O nascido da filosofia pela parte histórica, é legal para se ter uma base do que foi; As formas de pensamento que mostram como solucionar algumas dúvidas para surgirem outras, e a mitologia grega, pela intensidade de como eles os colocavam.

RELIGIÃO:

Religião: Eu gosto de discutir sobre os atos e costumes (muitas vezes idiotas) pregados pelas igrejas.

MITOS:

Mitos, porque conhecemos os próprios deuses que existiam.

O mito, por falar da forma que o homem encarava o mundo.

A mitologia grega, onde se aprende sobre os mitos, as lendas, religião e os deuses gregos daquele século.

Por eu gostar muito de história, identifiquei-me mais com o tema “mitos”. Uma mistura de narração simbólica e fictícia. É um tema bem interessante e os personagens dão um toque a mais no assunto.

Mito, pois mostra o fanatismo pelos seus ídolos, e fala sobre a realidade e a ilusão.

FILOSOFIA MORAL, ÉTICA:

Filosofia Moral, Ética. A Ética tem um pressuposto, a possibilidade de escolha, de decisão e de opção.

Todos os temas foram bem explicados, eu escolho o último tema (atitude imoral ou antiética), pois é bom sabermos essa diferença. Na nossa sociedade precisamos saber de que forma.

O Preconceito porque hoje em dia está dominando as pessoas e prejudicando outras.

Ética. Porque chama a atenção para o comportamento humano.

Gostei de Ética por falar das nossas escolhas, de como isso não afeta apenas a mim, como afeta outras pessoas também. Estereótipo é legal de falar, pois é uma coisa que vemos muito, saímos carimbando todo mundo que conhecemos de vista. Por exemplo: loira é burra, homem não chora, etc.

Por que somos corruptos? Esse tema me chamou mais atenção porque, nos faz pensar um pouco e pensar o quanto somos corruptos, o quanto somos ignorantes no nosso dia-a-dia, faz-nos refletir para sermos menos corruptos.

ESTÉTICA:

Estética, pois ela fala sobre a arte.

TEORIA DO CONHECIMENTO:

A Teoria do Conhecimento é muito interessante, porque diz que passamos por constantes mudanças, juntamente com o mundo.

Teoria do Conhecimento foi interessante ter estudado, pois vimos o que filósofos importantes falaram sobre o pensamento e suas idéias.

Teoria das Idéias. Bom, eu julgo a mais interessante, porque fala um pouco da teoria humana, fala sobre o aprendizado das pessoas e o desenvolvimento de cada década.

Ideologia: pois podemos observar tentativas de manipulação que estão presentes em nosso dia-a-dia e inseridos em nossa sociedade, nos levando a aceitar certas regras impostas.

Ideologia permite discutir sobre as pessoas e suas atitudes. A verdade é um tema polemico que nos permite refletir a (há) a verdade absoluta.

Ideologia e razão, porque acreditamos tratar de um assunto que sempre é atual, e importante, afinal é algo com que convivemos e em nossa idade é bem presente pelo fato de estarmos amadurecendo esses conceitos.

POLÍTICA:

Poder político, porque aprendemos as políticas.

FILOSÓFOS IMPORTANTES/ CORRENTES FILOSÓFICAS:

Os mais importantes filósofos, pois é muito importante saber a origem das idéias filosóficas.

Sócrates e Platão. Eu os julguei mais interessantes pois são homens que se expressam somente com verdade, tendo sua personalidade própria, além de não levar só em conta a aparência. Fora isso, seus pensamentos, como o de Sócrates, passam seu conhecimento ao próximo, sempre estudou a razão do homem, com isso chegava a criticar a classe dominante, pois achava que o povo tinha que ter sua voz. Agora o mais legal é que levou o seu modo de ser até o fim, até ser condenado. Platão seguiu o exemplo de Sócrates, mas seu tema favorito é expressado em uma alegoria, "o mito da caverna", onde nos quer passar que não devemos viver acorrentados na ilusão, na sombra, e muito menos manipulados pela mídia e viver na luz, no verdadeiro mundo.

Platão e o platonismo para mim é o mais interessante, porque Platão foi um filosofo que buscava o verdadeiro conhecimento, levando a sociedade daquela época a vários questionamentos que persistem até os dias de hoje.

Aristóteles, pois assim pudemos descobrir (coisas) sobre os filósofos.

Teoria de Heráclito porque ele diz sobre a mudança da ordem do universo e da natureza que, no entanto, ocorre até os dias de hoje, por isso me interessei.

Pensamento de Agostinho, esse tema foi muito interessante, pois faz a gente pensar em mil e uma coisas e situações. Foi muito legal trabalhar esse tema.

Maquiavel e Descartes, pois nos ensinam a ter um pensamento nosso e não nos deixar sermos hipnotizados pela mídia.

Heráclito, porque este assunto revela uma coisa que ninguém antes pensou, a “Duplicidade” das coisas é uma matéria muito interessante, ela se liga com a física quântica, pois nesses dois “ramos” há uma probabilidade igual para coisas diferentes, entre si, que estão incorporadas, compartilhadas e armazenadas em um ser.

Existencialismo, pois apresenta uma forma abordagem mais dinâmica e nos permite relacionar muitos temas atuais.

ESTÉTICA:

Na minha opinião o mais interessante foi a análise crítica das pinturas e imagens pelo fato de nós, alunos, escolhermos a imagem que queríamos trabalhar e depois passávamos a visão e compreensão de mundo, e expressávamos nossos pensamentos e sentimentos.

TEMAS DA ATUALIDADE:

Aborto, porque é o que está acontecendo, é atual e tem adolescente e crianças morrendo, precisa de mais cuidado.

O aborto para que os jovens de hoje pensem bem antes de provocar um aborto.

Aborto, pois trata da realidade que nos cerca.

Aborto, porque é um assunto muito polêmico, dependendo do caso em que ocorre o aborto.

Drogas nas escolas, pois mostra a realidade do país em relação às drogas e segurança nas escolas.

Drogas, pelo fato de ser uma coisa muito usada, principalmente por adolescentes que sabem que é proibido, e meio que desafia a polícia.

Capitalismo, porque eu não sabia nada sobre o capitalismo.

Questão 4: No seu entender, o que você tem tido nas aulas de Filosofia tem dado uma contribuição para ajudar a pensar temas e problemas que preocupam e interessam aos jovens de hoje? Explique seu ponto de vista.

A maioria absoluta dos alunos disse que sim. Apenas 3 disseram que não. Vejamos quais foram as respostas:

Sim, deu para ajudar sim. Hoje tenho outra visão sobre política, religião e a ética.

Com certeza, todos os temas abordados, nos serve de apoio para todas as atitudes que nós, os jovens de hoje, formos fazer.

Sim, Porque nos ajuda a entender a realidade e suas falcatruas.

Claro que sim, pelo menos para mim, coloquei alguns pensamentos em ordem e outros em desordem, mas com a lógica. Sei que para outras pessoas também pode ter ajudado.

Sim, pois além de estarmos estudando o passado, podemos também, estudar o nosso futuro.

Sim. O professor discute assuntos que tem a ver com a realidade dos alunos da sala, o que eles estão vivendo.

Com certeza, com o trabalho dos filósofos podemos vivenciar os acontecimentos de hoje com mais clareza.

Sim, porque a Filosofia nos faz pensar muito e refletir sobre algumas coisas que fazemos.

Sim. As aulas de filosofia ajudam no pensamento reflexivo hoje em dia.

Ajudou sim. As aulas de Filosofia mostram que não basta apenas ler algum tipo de texto ou conviver com certos problemas. Temos que refletir e por fim expressar nossas idéias e críticas.

Sim. Se você for olhar o mundo ao seu redor, você verá as pessoas se tornando cada vez mais corruptas, nas aulas sobre ética e política você pode compreender melhor porque as pessoas se corrompem.

Na Filosofia há sempre o questionamento em relação aos principais fatos que ocorrem no mundo. Isso faz com que o meu entendimento se esclareça e eu desenvolva um senso crítico melhor.

Sim, pois, como foi dito anteriormente, são fatos que ocorrem no nosso dia-a-dia e como a Filosofia é o Amor ao Conhecimento, os jovens e principalmente os adolescentes, estão

nesse processo de Amar o que conhecem ou mesmo no processo de se interessar realmente pelo conhecimento e de desenvolvimento do seu senso crítico.

No meu entender a Filosofia contribui na minha reflexão, pois nela estudamos vários pensamentos, onde por sua vez nos faz debater, liberando na nossa mente uma forma de pensar do mundo atual, livrando nosso senso crítico para não sermos “enganadas” um dia. Um exemplo é televisão com a política, a televisão por sua vez é o meio que manipula as pessoas, fazendo que acreditem no que não é real. Reparem no comercial que fala que jovem não tem voz e deve tirar seu título de eleitor, “como jovem quase sem experiência da vida vai decidir o futuro de um determinado lugar?”.

Sim, as aulas de Filosofia são muito boas, éticas e nos proporciona pensamentos criativos, senso crítico, assim podemos saber como lidar com o mundo aí fora. Tem muitos jovens que não tem personalidade e a Filosofia nos dá essa confiança. Eu aprendi muito, principalmente a lidar comigo mesmo, a aceitar a minha raça negra e sou feliz.

Os temas abordados nas aulas de Filosofia tem dado total base para um melhor entendimento de aspectos comuns a todos nós e que interessam muito ao jovem.

Eu acho que a Filosofia tem ajudado os jovens de hoje sim, porque na Filosofia a gente sempre fala de “ética” e isso é uma coisa que no nosso vocabulário de hoje em dia não temos. Então, a Filosofia aprofunda esse conhecimento da “ética” e faz com que os jovens se interessem mais pelo assunto.

Sim, as aulas de Filosofia nos ajudam a fazer um pensamento sobre nossos direitos tanto os nossos direitos escolares como alunos, quanto os nossos direitos como cidadãos brasileiros, e nossos direitos como seres racionais.

Nas aulas de ética aprende-se bons costumes e modo de agir correto e, a partir disso pode-se ver os problemas causados pela falta de seguimento dessas normas por parte de políticos, juízos, etc.

Sim, pois o estudo da Filosofia nos ajuda a pensar e perceber que como a Ideologia de apenas uma pessoa pode mudar a sociedade em que vive.

Sim, (a) coisa política, faz parte da nossa vida.

Um texto muito interessante foi “consciência crítica e filosofia”, que fala sobre os riscos da violência, da alienação e da solidão, e que por isso devemos ter o pensar crítico e racional. Não só esse texto, como as dissertações também, com frases reflexivas: “O sono da razão produz monstros”, “Escolas gaiolas prendem, escolas (...) fazem voar”.

Não, pois hoje em dia as aulas de filosofia não são tão levadas a sério.

O meu ponto de vista é uma bagunça, os alunos dominam a aula.

Creio que hoje em dia os jovens não se interessam muito com pensamentos, conhecimentos e teorias antigas, infelizmente, pois se pensassem seriam mais cultos e inclusive educados.

Análise das respostas desse grupo de questões.

Todos os 51 alunos pesquisados afirmaram haver pelo menos um tema que fora estudado nas aulas de Filosofia que lhes despertou interesse ou que veio ao encontro de interesses que já tinham. Com base nesses dados não se pode afirmar que estes jovens não têm interesse pela Filosofia ou por temáticas filosóficas.

Na questão que lhes solicitava uma justificativa do por que o tema despertou neles interesse há respostas que não deixam dúvidas sobre o mesmo e pelas aulas de Filosofia.

Nossa hipótese era de que os jovens não se interessavam pela Filosofia, pelo filosofar, por um pensar crítico, lógico, abrangente e sistemático. Tínhamos como pressuposto o fato de que a juventude estivesse demasiadamente envolvida numa cultura que não valoriza a leitura, que não valoriza a reflexão crítica, que os jovens estão muito mais preocupados com os corpos malhados, com o imediatismo das paixões, com o *carpe diem*.

Quando verificamos as respostas dadas pelos alunos, nos damos conta de que nossa hipótese inicial não se confirma, isto é, não é correto afirmar que os jovens da atualidade não se interessam pelo estudo da filosofia.

Terceiro grupo: questões (5 a 7) sobre valorização do pensamento reflexivo e crítico e contribuição das aulas de Filosofia para o seu desenvolvimento.

Questão 5: Você acha que, nos dias atuais, as pessoas valorizam a reflexão, ou um pensamento reflexivo? Por quê?

Não, pois elas preferem fazer tudo da forma mais fácil (talvez para conservar os seus cérebros novos) e acabam não pensando e agindo instintivamente.

Não, hoje as pessoas acham muito mais cômodo se estressar e julgar suas atitudes dizendo que estava nervoso.

Não! Porque quase ninguém sabe o que é reflexão, as pessoas só pensam em besteira.

Não acho que hoje em dia, há muita falta de reflexão das pessoas. O por que não sei dizer, mas as pessoas, na minha visão, estão muito ignorantes, fazem coisas sem pensar, refletir e etc.

Não, pois não acreditam nisso.

Não, pois a vida das pessoas está muito corrida e elas perderem os valores morais.

Acho que a maioria não, pois, hoje em dia, a maioria das pessoas não valorizam a reflexão filosófica.

Não. Porque as pessoas hoje em dia estão cada vez mais se afastando de uma conversa, um diálogo para expressar suas idéias, isso tudo pela tecnologia que cada vez mais afastam as pessoas de uma reflexão (sobre o) mundo.

Acho que não, porque hoje em dia a gente não pensa em antes de fazer, fazemos, mas isso não é uma boa solução. Devemos refletir e pensar antes de cometer algum ato para que não venha prejudicar o próximo ou a si mesmo.

Não. São poucas as pessoas que ainda se preocupam em pensar, talvez por terem se acomodado com os avanços atuais.

Na minha opinião não, porque a gente está no mundo da tecnologia.

Não, porque ninguém tem tempo para pensar e refletir.

Não, não acho que as pessoas valorizam essa idéia. As pessoas não se preocupam em conhecer e refletir, mas pouco conhecer e consumir. Elas não buscam a origem nem o destino das coisas, as pessoas não acreditam nas suas idéias, nem em si mesmas.

Não, pois só pensam em si mesmas.

As pessoas não valorizam mais um pensamento reflexivo, porque a maioria tem preguiça de refletir sozinha.

Não! São poucos os que param pra pensar!

Não. Porque ninguém quer pensar ou refletir situações ou problemas de hoje em dia. E quando uma pessoa pensa muito e reflete sobre assuntos que ninguém discute é considerado louco.

Não. Porque hoje em dia as pessoas só pensam em coisas fúteis, como ficar assistindo televisão por horas.

Não. Hoje em dia ninguém tem mais tempo para ficar pensando.

Sinceramente Não! Algumas pessoas só pensam em se “dar bem na vida”, e conquistar uma boa área financeira. É claro que eu quero ter minhas coisas, até porque é um direito meu como cidadã, mas refletir é sempre bom.

Não, pois se realmente valorizassem, não havia tanta imprudência no trânsito, tantos abortos ou abandonos de crianças ou de idosos em asilos, enfim e entre outros aspectos, tanta falta de consideração do ser.

Não. Porque a maioria só valoriza a aparência, levando só em conta a opinião, essas pessoas são manipuladas por outras pessoas, sem ter sua própria reflexão.

Vejo que os jovens de hoje não gostam de pensar muito, fazem as coisas por fazer.

Algumas sim, outras não. Mas pelo corre-corre do dia-a-dia, as pessoas acabam não tendo tempo para colocar os pensamentos em ordem.

Um pouco. Acho que as pessoas mais velhas valorizam mais e tentam passar isso para os jovens, mas tenho como opinião que a juventude está muito alienada, e pouco para pra pensar e refletir no que fazem.

Algumas pessoas valorizam bastante a reflexão, entretanto vivemos em um tempo regido pela velocidade, onde as informações e conclusões são mastigadas e impostas a nós.

São poucos que valorizam a reflexão, as pessoas de hoje em dia fazem/agem sem pensar e só vêm depois o erro que cometeram por não pensarem/refletirem antes de fazerem suas coisas.

Sim, pois é necessário parar para refletir na vida.

Se o jovem não pensar, ele não consegue os objetivos na vida.

Acho que sim, porque todos precisam pensar muito e refletir diante dos problemas e, as vezes, isso é visto como arte.

As pessoas valorizam um pensamento reflexivo.

Questão 6: Você julga importante ou necessário que os jovens sejam capazes de um pensamento reflexivo e crítico? Justifique sua resposta.

Acho que sim, todos nós devemos ter um pensamento reflexivo e crítico, pois assim tomamos mais ciência do que fazemos.

Necessário. Porque os jovens são muito enganados pela mídia e pelas coisas fúteis.

Sim, pois o mundo vai depender dos jovens, são eles que vão decidir o futuro do planeta Terra e o seu próprio futuro.

Sim, pois os jovens são o futuro do amanhã e como será um futuro sem pessoas críticas e reflexivas?

Sim, pois jovens enxergariam com mais clareza a realidade do mundo em que vivemos.

Com certeza, para viver melhor nos dias de hoje tem que ser crítico e refletir muito sobre os acontecimentos.

Eu julgo necessário que os jovens de hoje sejam capazes de um pensamento reflexivo ou crítico, porque nós, jovens, somos o futuro de nossa nação, não só do Brasil, mas como do mundo todo. Os jovens de hoje se prendem à tecnologia como a televisão, o computador, e não tem um habito de pegar um bom livro para ler. Na minha opinião os jovens deveriam parar e pensar, sair desse mundo que eles criaram para eles próprios e ver que o mundo não é só um simples jogo ou brincadeira, acordar e ver que somos o futuro de nossa nação. Com esses pensamentos os jovens poderiam melhorar. Porém, não pensando e expressando suas idéias, só estarão perdendo o próprio direito de expressão.

Sim. Na juventude fazemos escolhas que decidem nosso futuro, e isso requer reflexão sobre nossa vida, e sobre o que acontece com os outros e com o mundo.

Sim. Nós, jovens, somos muito violentos e temos que entender que com violência não se resolve nada, temos que sentar, analisar a situação e procurar a melhor solução para o problema e não sair dando porrada em todo mundo.

Sim. Acho importante porque com isso (o pensamento reflexivo e crítico) eles aprendem mais sobre tudo, e são capazes de perceberem por si mesmos o certo e o errado, sendo assim, fazendo, cada vez mais, coisas boas.

Sim. Isso ajudaria na convivência com outras pessoas, com ela mesma e para ela se tornar um adulto inteligente, independente e ajuda inclusive na paz interior e saúde mental.

Com certeza, só assim eles poderão ter opinião própria e poder argumentar com o mundo que os cerca.

Sim, pois se uma pessoa tem opinião e crítica, ele pode se fazer ouvir.

Sim, pois se eu não parar pra pensar em minha vida quem vai pensar?

Sim. Pode ser que nós jovens não sejamos muito concisos em nossas opiniões, já que estamos mudando-as sempre, mas temos consciência sobre nossos atos, que por não serem apoiados, muitas vezes, pelas nossas opiniões, precisam ser pensados, e é aí que usamos a crítica e a reflexão.

Sim. Pois penso que cada pessoa tem que ter seu modo de pensar e criticar e se não for por esse caminho serão manipulados por outras pessoas.

É muito importante, porque é dessa forma que pensamos melhor sobre a política.

Questão 7: Aulas de Filosofia podem auxiliar no desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico? Por quê?

Sim, pois nas aulas de filosofia a pessoa é estimulada a refletir, desenvolvendo assim a capacidade de pensa

Sim, com a filosofia aprendemos a refletir sobre os nossos atos.

Sim, porque você procura entender os sentidos das palavras. Tem muitas palavras estranhas.

Sim, acho que sim, é um dos principais objetivos da filosofia: fazer com que o ser humano entenda, reflita e pense sobre seus atos.

Pode nos mostrar o que há por trás da mídia e nos ensina a vermos a vida e o que está ao nosso redor com nossos olhos e não com de outras pessoas.

As aulas de Filosofia trouxeram duas coisas que acrescentaram: a parte histórica e a forma de pensamento, importante sim para a ajuda da formação reflexiva e crítica.

Sim. As aulas são importantes por causa dos textos de reflexão, que você acaba parando pra pensar nos problemas da sociedade, nas mudanças que ocorrem o tempo todo. A Filosofia incentiva você a pensar e a relacionar textos e situações filosóficas com a sua vida.

Sim, porque nas aulas praticamos o ato de ler, pensar, refletir, debater e opinar.

Sim, pois elas ajudam a anular a irracionalidade.

Sim. Porque pode tanto questionar como também dar opiniões e isso desenvolve o pensamento criando idéias, solucionando algo, etc.

Sim. Porque para entender o conteúdo devemos questionar e refletir sobre o assunto, para assim, entende-lo.

Sim. Foi uma palavra correta dizer auxiliar, pois o pensamento crítico e reflexivo está dentro de cada um, o que falta é algo para “empurrar” e “forçar” a esse pensamento ser exposto. Também falta o interesse de cada um.

Sim, pois estimula o aluno a discutir e refletir sobre os temas propostos.

Sim, pois estimula o trabalho de nossa autocrítica sobre o mundo e nós mesmos e refletirmos sobre o conhecimento do mundo (universo).

Sim, pois ajuda a raciocinar e a entender coisas que antes eu nem sabia que existia.

Sim. As aulas amadurecem meu modo de pensar e faz com que eu esteja aberta para diferentes opiniões e possa respeitá-los.

Sim, porque as aulas de Filosofia auxiliam em nosso desenvolvimento e pensamento crítico. Adoro a aula de Filosofia, principalmente o professor Acássio, que um dia nos disse que somos o que somos e ninguém pode mudar. Disse que fazemos parte de nossas raízes, que cada um nasce de cor, cabelo, jeito diferente, por sermos especiais e humanos. Hoje posso dizer que sou reflexiva. Obrigada.

Não, apenas em alguns alunos, como qualquer matéria.

Não.

Pode auxiliar, mas as pessoas não dão atenção nas aulas, elas não percebem a importância que tem a Filosofia.

Análise das respostas desse grupo.

De acordo com as respostas desses jovens as aulas de filosofia oferecem boa oportunidade para refletir sobre o mundo, sobre a realidade na qual estes jovens vivem, podendo, a partir dessa reflexão, tornarem-se pessoas mais críticas e mais participativas na e para a sociedade. São respostas bastante interessantes pela clareza com que se expressaram e pelo entendimento que demonstraram ter do próprio trabalho do filosofar. Ao afirmarem que o estudo da Filosofia os ajuda a organizar melhor as idéias, a serem mais críticos, mais reflexivos e mais rigorosos a partir do que ouvem, lêem, vêem, enfim, a partir do que aprendem, estão, já, filosofando. Eles estão como que confirmando afirmações de alguns autores pesquisados sobre a necessidade da Filosofia e de que esteja ao alcance de todas as pessoas.

Chamo-nos atenção quando um jovem diz que: “a Filosofia é o Amor ao Conhecimento, os jovens e principalmente os adolescentes, estão nesse processo de Amar o que conhecem ou

mesmo no processo de se interessar realmente pelo conhecimento e de desenvolvimento do seu senso crítico”. O filosofar, no seu entendimento, é uma prática ou trabalho intelectual que gera autonomia e pensamento crítico.

Quando perguntados se nos dias atuais, as pessoas valorizam a reflexão, ou um pensamento reflexivo os alunos, em sua maioria, manifestaram que as pessoas não valorizam a reflexão e isso é constatado pelos jovens. Mas ressaltam ser necessária esta forma de pensar. Assim se manifestaram sobre se há valorização da reflexão: “Não, pois elas preferem fazer tudo da forma mais fácil (talvez para conservar os seus cérebros novos) e acabam não pensando e agindo instintivamente”.

Outro aluno assim se expressou: “Acho que hoje em dia há muita falta de reflexão das pessoas. O porquê não sei dizer, mas as pessoas, na minha visão, estão muito ignorantes, fazem coisas sem pensar, (sem) refletir, etc.”.

As respostas nos fazem pensar que uma parte de nossa hipótese sobre desinteresse pela reflexão e pelo pensamento crítico se confirma. Um aluno disse que não se valoriza a reflexão “porque as pessoas hoje em dia estão cada vez mais se afastando de uma conversa, um diálogo para expressar suas idéias, isso tudo pela tecnologia que cada vez mais afastam as pessoas de uma reflexão (sobre o) mundo”. Outro declarou que “não, porque a gente está no mundo da tecnologia”. Estas últimas afirmações dos alunos declaram textualmente que o mundo moderno e suas comodidades afastam as pessoas de um pensar mais rigoroso e profundo.

Muitos disseram que as novas tecnologias (tais como MPB3, celular, internet e mesmo a TV) são grandes “distraindores”, isto é, possuem a capacidade de distrair a atenção e o tempo das pessoas para coisas mais amenas, menos sérias ou que exigem pouca concentração por parte de quem deseja uma compreensão mais aprofundada da realidade, da cultura, da natureza, dos homens. Alguns disseram que não há interesse pela reflexão “porque ninguém tem tempo para pensar e refletir” e, ainda, “algumas pessoas valorizam bastante a reflexão, entretanto vivemos em um tempo regido pela velocidade, onde as informações e conclusões são mastigadas e impostas a nós”.

Interessante notar que muitos disseram que há falta de tempo para pensar. Contudo, estas afirmações mostram que eles constatam esta realidade, mas eles a vêem como indesejável. Para eles o mundo moderno, com todas as possibilidades que oferece, afasta as pessoas de um pensar mais atento sobre a realidade, sobre a cultura, sobre as pessoas. Essa posição pode ser verificada nessa resposta: “Não, não acho que as pessoas valorizam essa idéia. As pessoas não se preocupam em conhecer e refletir. (...) Elas não buscam a origem nem o destino das coisas, as pessoas não acreditam nas suas idéias, nem em si mesmas”. Ou neste

outro depoimento: “as pessoas não valorizam mais um pensamento reflexivo, porque a maioria tem preguiça de refletir sozinha”, como disse um aluno.

Ainda que muitos compreendam a importância da reflexão outros a rejeitam, até se referem a expressões que identificam o exercício do pensar como loucura: “ninguém quer pensar ou refletir situações ou problemas de hoje em dia. E quando uma pessoa pensa muito e reflete sobre assuntos que ninguém discute é considerado louco”. Estes jovens demonstram entender a importância e a necessidade do pensamento reflexivo e crítico e, nos seus depoimentos, constatam que as pessoas, de modo geral segundo eles, não entendem assim. Para a maioria dos alunos, as pessoas não se interessam pela reflexão.

Essa constatação é importante porque nos coloca diante de uma situação que pode dificultar o próprio trabalho dos professores de Filosofia. Por um lado os alunos acham importante que se possa pensar de forma reflexiva, rigorosa, sistemática e abrangente, como ocorre no trabalho filosófico, por outro lado, expressam que na atualidade as pessoas, de modo geral, não se interessam por um tipo de pensamento com tais características. Essa constatação pode desestimulá-los.

As colocações dos alunos justificam nossa pesquisa porque, embora eles julguem e reconheçam a importância do “pensar bem”, ou seja, de um pensamento com as características do rigor filosófico, eles também reconhecem a dificuldade que envolve este tipo de pensar atualmente. Eles expressam o que vivem em seu cotidiano. E não podemos dar as costas para esta realidade. Ela está aí, a nos rodear e nos pede não apenas uma compreensão dela, mas uma ação efetiva para sua transformação. Daí, mais uma vez, que se coloca a importância do “poder clarificador do pensamento”, como disse Alarcão.

Para nós foram surpreendentes as respostas dos alunos nas quais eles apontam indicações para o enfrentamento do problema relativo à pouca importância dada ao pensamento reflexivo. De acordo com muitos deles é importante ou necessário que os jovens sejam capazes de um pensamento reflexivo e crítico porque “com certeza, só assim eles poderão ter opinião própria e poder argumentar com o mundo que os cerca” e, mais ainda, “se uma pessoa tem opinião e crítica, ele pode se fazer ouvir”. Nossos alunos sabem que a reflexão crítica é necessária para que sua cidadania seja efetiva e não apenas formal. Sabem, também, identificar os problemas que dificultam o pensamento crítico e reflexivo. Eles reconhecem que o mundo contemporâneo, com a oferta de infinitas opções desvia os jovens, e de modo geral também as outras pessoas, da atividade reflexiva. De acordo com eles “os jovens são muito enganados pela mídia e pelas coisas fúteis”.

Eles sabem que “o mundo vai depender dos jovens, são eles que vão decidir o futuro do planeta Terra e o seu próprio futuro” e questionam “como será um futuro sem pessoas críticas e reflexivas?”. Para eles, a partir de um pensamento reflexivo e crítico os “jovens

enxergariam com mais clareza a realidade do mundo em que vivemos”. Um deles assim se expressou: “Eu julgo necessário que os jovens de hoje sejam capazes de um pensamento reflexivo ou crítico, porque nós, jovens, somos o futuro de nossa nação, não só do Brasil, mas como do mundo todo. Os jovens de hoje se prendem à tecnologia como a televisão, o computador, e não têm um hábito de pegar um bom livro para ler. Em minha opinião, os jovens deveriam parar e pensar, sair desse mundo que eles criaram para eles próprios e ver que o mundo não é só um simples jogo ou brincadeira, acordar e ver que somos o futuro de nossa nação. Com esses pensamentos os jovens poderiam melhorar. Porém, não pensando e expressando suas idéias, só estarão perdendo o próprio direito de expressão”.

Os depoimentos resultantes das respostas deste bloco indicam que pode ter esperanças em relação ao interesse dos jovens, ou ao menos de parte deles, pela Filosofia e pela maneira de pensar que seu ensino pode auxiliar a desenvolver. E indicam que não se pode e nem se deve negar este ensino a eles.

Quarto grupo: questões (9 e 10) sobre as aulas de Filosofia.

Questão 9: Qual sua opinião de como foram ou têm sido as aulas de Filosofia? Elas despertaram seu interesse e dos demais alunos? Por quê?

O meu sim, pois elas estimulam a pensar na razão das coisas serem do jeito que são. Sobre os outros, isso não me interessa.

Sim, com as aulas de filosofia nós aprendemos a refletir sobre os problemas sociais.

Eu sempre tive um lado pensativo, sempre escrevi. As aulas me auxiliaram em forma de organizar os pensamentos aleatórios, fazendo com que encontrasse mais respostas e mais perguntas. Meus colegas também, se interessam pelos temas, mas nem tanto por causa da falta de interesse próprio de querer evoluir mais no que estudam, alguns ainda estão descobrindo a Filosofia (a forma de pensar) e vêem como uma matéria, não como uma forma de auxílio, como eu.

Na minha opinião, as aulas são muito importantes para nossa formação. Eu gosto, pois reflito e penso em assuntos importantes, infelizmente alguns alunos ainda não tem maturidade suficiente para aprender e se dedicar.

Sim, pois ajuda na compreensão, nas críticas, análise e na reflexão.

Vou responder por mim, tive um professor bem esclarecido, nos temas de suas aulas, gostei bastante, gosto de discutir sobre esses assuntos que ele nos passou.

Eu sempre gostei de filosofia, principalmente para entender os grandes pensadores e suas teorias.

As aulas são ótimas e eu também gosto dessas coisas que analisam comportamentos das pessoas, mas o pessoal não gosta muito.

Mais debates ajudam a adquirir um conhecimento, que nas aulas normais não adquirimos.

As aulas de Filosofia tem sido muito interessantes. A aula desperta muito interesse não só em mim, mas em toda a sala pelo fato de sermos jovens e gostarmos de expressarmos nossos pensamentos, idéias e sentimentos. Todo jovem gosta se expressar tanto pela música que é escrita quanto por gestos e características que separam (distingue) cada ser humano.

As aulas de Filosofia me ajudaram muito. Quer dizer que para mim não é uma “aula” é sim uma terapia, pois me ajuda a refletir e pensar sobre minha vida. Agora, eu não sei para os demais alunos.

Gostei das aulas de Filosofia que tive esse ano, aprendi coisas bem legais, fizemos trabalhos muito produtivos. A sala não cooperou em nenhum dos dois anos que tive essa disciplina.

Para mim elas são legais, pois elas ensinam a “pensar”, como eu disse, porém, acho que os alunos não têm interesse, pois a maioria parece não dar a mínima para a escola, a exceção de alguns poucos que se interessam.

As aulas de Filosofia foram ótimas. Sim, porque ajuda a pensar, forma idéias, questionar, organizar a mente, aprende a falar melhor e desenvolve o pensamento.

As aulas de Filosofia são boas e despertam sim o interesse pela Filosofia, pois os conteúdos são muito bons e despertam curiosidade para entender os conteúdos.

Sim. Porque agente aprende a lidar com o mundo da realidade.

Bons. Não muito, mas são legais.

As aulas de Filosofia são interessantes, elas despertaram meu interesse, mas não acho que os outros alunos se despertam ou interessam. Acho que essa falta de interesse está ligada à falta de costume do povo brasileiro pensar e refletir.

As aulas de Filosofia tem sido ótimas, além de se tratarem de uma ótima oportunidade de interação entre os alunos, despertando o interesse comum a todos.

O meu sim, a sala também, poucos não, porque tem temas que são cansativos e fazem todos ficarem cansados, como a história dos temas, mas também há temas onde a sala desperta um grande interesse e você vê que tudo o que se fala é ouvido e guardado.

Sim, pois além de ser uma matéria nova, aborda temas interessantes para o mundo atual ser mais bem relacionado.

Nas aulas são relacionados filmes, livros, histórias em quadrinhos, que estão em nosso cotidiano, e relaciona com as teorias filosóficas, de filósofos da antiguidade e pensamentos que passam pela cabeça de muitas pessoas, como por exemplo: por que existimos? Existe vida fora daqui? Entre outras perguntas.

Sim, pois faz com que a gente reflita sobre a vida, sobre o convívio e o que ocorre em nosso cotidiano.

Tem sido importante, pois desperta meu interesse, só que é pouco tempo, não dá para aproveitar ou expressar idéias.

O meu sim, os demais eu não sei.

Eu até gosto das aulas de Filosofia e acho bacana o professor e os temas que ele aborda. Mas os alunos não tem o mesmo interesse.

Particularmente, todos os assuntos de Filosofia são interessantíssimos e quem realmente se interessa fica bastante ligado.

Prazerosa. O meu sim, mas nem todos prestam atenção no professor.

Foram ótimas as aulas desse ano. A minha professora, com seus temas críticos, nos ajudou muito a despertar nosso interesse pela Filosofia.

Muito boas, os meus sim os outros não sei, porque é algo interessante.

Sim. Porque a professora passa temas interessantes.

Elas são ótimas. Sim, pois elas nos ajuda a parar e refletir sobre tudo que está ao nosso redor em todos os ângulos, além de nos auxiliar a buscar nossos objetivos em vários aspectos na vida e a expressá-los com clareza.

Na minha opinião foi legal, pena que tive que mudar de escola. Nos demais alunos não sei, pois sempre tem alguns que “não estão nem aí”, mas metade sim, agora eu gostei muito, porque nos faz refletir, criticar e debater em sala, com conhecimentos filosóficos. Afinal tornando-nos um cidadão.

Sim, porque a Filosofia é uma cultura desconhecida entre os alunos.

Sim, porque os assuntos são interessantes.

Bom, sim. Despertou interesse de saber cada dia mais as coisas do mundo, hoje sim, posso dizer que estou mais interessada na vida filosófica e moral.

Não.

Alguns alunos são totalmente desinteressados, não só com a aula de Filosofia, mas como em outras. Mas aqueles que gostam de aprender assuntos que dizem respeito aos filósofos e seu modo de pensar, trazem para os dias de hoje bastante informações interessantes.

As aulas foram boas, mas não conseguiram prender a atenção de todos os alunos presentes.

Acreditamos que ultimamente não, como já citamos, nesta etapa os alunos já pensam ter seus próprios conceitos formados e nem sempre sentem a necessidade de expor seus porquês ou suas metas pensando ou agindo assim.

Na minha opinião tenho gostado bastante. São aulas com assunto diferente das demais e são chamativas, por esse motivo despertam na classe o interesse pelo poder filosófico.

Alguns alunos não gostam das aulas de Filosofia e muito menos da matéria. As aulas foram importantes. Creio que agora, cada um tem seu princípio e seu modo de pensar.

Às vezes sim, às vezes não. Tem assuntos que não dá vontade de prestar atenção. Alguns são legais.

Boas, não muito pois a maioria dos alunos não se preocupam com a política.

Não, apenas em alguns alunos, como qualquer matéria.

As minhas amigas falaram que é uma droga, uma porcaria, um lixo, a pior matéria que tem.

Questão 10: Você tem alguma sugestão sobre a maneira como devem ser as aulas de Filosofia?

Menos texto e que fale mais de vida.

Sim, peço para que os temas abordados sejam aqueles que os jovens gostam de debater como, por exemplo, o aborto.

Na minha opinião, que todos os assuntos sejam de fatos atuais, corriqueiros, pois facilita separar e mostrar o que é a Filosofia.

Acho que elas devem continuar divertidas, interessantes, que estejam relacionadas com nosso cotidiano para prender mais nossa atenção.

Penso que os professores devem trazer pensamentos, pesquisas do mundo em que vivemos hoje, para compararmos com outros pensamentos. Fazer com que o aluno debata mais. Fazer que uma sala seja adaptada com a Filosofia.

Poderiam ter debates. Exemplos: os alunos iriam fazer uma aula com o tema sugerido ou escolhido por eles, discutiriam o tema e defenderiam sua tese.

Bastante debate, assunto que os jovens precisam saber e que o professor seja bem legal.

Sim. Poderíamos fazer um círculo na sala e debater o assunto.

As aulas que oferecem debate e temas polêmicos são sempre mais aproveitáveis.

Acredito que como já vem sendo trabalhadas, ou seja, debates e exposição de nossas idéias.

Com muito dialogo, dinâmica e chamativa e com bons temas para estar sempre na cabeça do aluno. Tudo sem pressão para não desanimar os alunos.

Discussões, mesa redonda sobre assuntos atuais.

Como elas trabalham vários temas que podemos discutir em debates, acho que seria legal se, na classe, sentássemos em círculo. Eles poderiam também ser trabalhados com filmes e músicas, e relatar livros ou indicá-los para leitura, com seminários, como avaliação da compreensão dos temas trabalhados, etc.

Sim, devem ser dinâmicas, com assuntos que abordem a atualidade e que são importantes para que o aluno cresça com uma boa opinião formada.

As aulas devem ser mais dinâmicas, assim os alunos ficam mais interessados.

As aulas devem ser mais dinâmicas.

Dinâmicas. Deve fazer o aluno pensar, trabalhar com isso. Não apenas receber trabalhos prontos para nota. Algumas brincadeiras juntamente com a matéria seriam legais, se a turma colaborasse.

Devem ter entretenimento. Usar mais livros, letras de músicas, reportagens, etc.

Mais filmes e mais trabalhos.

Devem ser mais dinâmicas, sem muitas historias na lousa, e sim mais prática, mostrar como se reflete, como pensar de um jeito dinâmico que faz o aluno despertar o interesse e guardar a aula (tema) dada.

Devem ser mais dinâmicas, com aulas expositivas e jogos para entender a matéria.

Como já disse, se fosse mais interativas e comunicativas.

O professor precisa apresentar vídeo, temas que todos se interessam, conquistar a atenção dos alunos, com debates, por exemplo.

Bom, eu acredito que depende muito do tipo de professor. Mas levando em consideração a pergunta, as aulas de Filosofia devem ser descontraídas. O modo do professor criticar algo tem que ser com respeito, sabendo do que está falando para não haver discussões, mas sim um choque de idéias que ajudarão no desenvolvimento da aula.

Acho que deveriam ter mais aulas de filosofia, duas por semana, no mínimo e nas aulas trabalhar o pensamento filosófico, desenvolver mais o pensamento crítico e reflexivo.

Ensinar mais, ter voz ativa.

Bom, como eu gosto muito de história e filosofia, acho que as aulas deveriam ter menos lições na lousa e mais explicação, que é o que mais interessa.

Análise das respostas dadas a este grupo de questões.

Os 51 alunos responderam às questões sobre como eles vêem as aulas de Filosofia. Dez deles têm algo de negativo a dizer sobre sua experiência. Parece que são as aulas e não a Filosofia o que lhes desagrada.

As justificativas para as respostas dadas são muito parecidas com as justificativas às perguntas sobre a importância de se ter um pensamento reflexivo e crítico e se a aula de Filosofia contribui para o seu desenvolvimento.

Os alunos, na sua maioria, reconhecem que nas aulas de Filosofia há um espaço no qual eles podem expressar suas idéias, pensamentos, sentimentos, possibilitando a reordenação das idéias, a resignificação dos conhecimentos e uma melhor compreensão de si e do mundo. Um jovem solicita mais discussões, pois, “mais debates ajudam a adquirir um conhecimento, que nas aulas normais não adquirimos”. Também este outro aluno se manifesta compreendendo o valor que as aulas de Filosofia tiveram na construção de um pensamento mais ordenado e crítico: “as aulas de Filosofia foram ótimas porque ajudam a pensar, formar idéias, questionar, organizar a mente, aprender a falar melhor e desenvolver o pensamento”.

Com relação à metodologia utilizada pelos professores, houve manifestações positivas relativas à aproximação que os professores fazem dos temas trabalhados com a realidade atual deles. Um dos alunos diz assim: “nas aulas são relacionados filmes, livros, histórias em

quadrinhos, que estão em nosso cotidiano, e relaciona com as teorias filosóficas, de filósofos da antiguidade e pensamentos que passam pela cabeça de muitas pessoas, como por exemplo: por que existimos? Existe vida fora daqui? Entre outras perguntas”.

Outro aluno elogia as aulas e, ao mesmo tempo, elogia os temas escolhidos para serem desenvolvidos nelas: “foram ótimas as aulas desse ano. A minha professora, com seus temas críticos, nos ajudou muito a despertar nosso interesse pela Filosofia”.

Mas há, como foi dito, um grupo de dez alunos que se manifestam desgostosos com as aulas que tiveram. Isso deve ser considerado. Uma aluna apenas refere-se de maneira muito pejorativa às aulas de Filosofia nos seguintes termos, referindo-se à opinião de colegas: “As minhas amigas falaram que é uma droga, uma porcaria, um lixo, a pior matéria que tem”. Outros alunos indicam incômodos mais por conta do desinteresse de alguns colegas chegando a dizer que o desinteresse não é apenas pela Filosofia e sim por todas as disciplinas. Este depoimento vai nesta direção: “acho que os alunos não têm interesse, pois a maioria parece não dar a mínima para a escola, a exceção de alguns poucos que se interessam.” Um aluno que diz se interessar, assim se refere aos demais: “sempre tem alguns que “não estão nem aí”. Outro afirma: “Alguns alunos são totalmente desinteressados, não só com a aula de Filosofia, mas como em outras (...)”. Ou como este: “As aulas foram boas, mas não conseguiram prender a atenção de todos os alunos presentes.”

Talvez estes alunos que manifestam seu próprio desinteresse pelas aulas de Filosofia ou seu desconforto pelo desinteresse dos demais alunos esteja a indicar algo que não é tão restrito assim como os dados colhidos indicam. Para nós foi surpresa, de certa forma, o fato de a maioria absoluta das respostas apontarem interesse e satisfação seja pela Filosofia seja pelas aulas. Há alunos que afirmam que a maioria de seus colegas não tem interesse. É algo a ser mais bem investigado.

De qualquer forma há o desinteresse presente e constatado e isso deve ser motivo para reflexões por parte dos educadores das escolas. Algumas hipóteses que podem explicar esse desinteresse foram apontadas ao longo do trabalho. Dentre elas vale lembrar o fato de que vivemos numa cultura de valorização das coisas imediatas, do presenteísmo, do culto ao corpo e as dificuldades decorrentes de um tipo de uso das novas tecnologias de informação e entretenimento. Obviamente que são todos fatores que dificultam o trabalho dos professores nas escolas e em especial o trabalho do ensino da Filosofia.

É necessário também considerar as sugestões que os alunos ofereceram para o bom encaminhamento das aulas de Filosofia. Esse fato reforça o sentimento decorrente das respostas dadas às questões anteriores sobre o interesse que eles têm. Quem não se interessa não de dá ao trabalho de apontar sugestões. Quatro tipos de sugestões chamam a

atenção de modo especial: pedem aulas mais dinâmicas, com temas atuais, aulas com debates e, muito interessante, solicitam mais aulas de Filosofia. Alguns depoimentos ilustram isso.

Onze alunos disseram que as aulas “devem continuar divertidas, interessantes, que estejam relacionadas com nosso cotidiano para prender mais nossa atenção”. Que a aula seja “com muito diálogo, dinâmica e chamativa e com bons temas para estar sempre na cabeça do aluno. Tudo sem pressão para não desanimar os alunos”. Sugerem utilização de “filmes e músicas, e relatar livros ou indicá-los para leitura, com seminários, como avaliação da compreensão dos temas trabalhados, etc.”

Este depoimento é muito interessante, pois indica a importância que este aluno dá ao desenvolvimento de uma maneira de pensar que deve ser buscado nas aulas de Filosofia segundo muitos autores. Diz ele que a aula “deve fazer o aluno pensar, trabalhar com isso. Não apenas receber trabalhos prontos para nota. Algumas brincadeiras juntamente com a matéria seriam legais, se a turma colaborasse” e também “sem muitas histórias na lousa, e sim mais prática, mostrar como se reflete, como pensar de um jeito dinâmico que faz o aluno despertar o interesse e guardar a aula (tema) dada”.

Com relação à necessidade de mais debates, oito alunos disseram que “os professores devem trazer pensamentos, pesquisas do mundo em que vivemos hoje, para compararmos com outros pensamentos. Fazer com que o aluno debata mais. Fazer que uma sala seja adaptada com a Filosofia”. De acordo com os alunos, “as aulas que oferecem debate e temas polêmicos são sempre mais aproveitáveis”.

Sobre trabalhar com temas atuais algumas respostas apontam que as aulas de Filosofia deveriam ter “menos texto e que falasse mais da vida”, e “que os temas abordados sejam aqueles que os jovens gostam de debater” e que “sejam de fatos atuais, corriqueiros, pois facilita separar e mostrar o que é a Filosofia”.

Três alunos disseram “deveriam ter mais aulas de filosofia, duas por semana, no mínimo e nas aulas trabalhar o pensamento filosófico, desenvolver mais o pensamento crítico e reflexivo”.

Foram 27 respostas apontando para o que os alunos pensam que deve ser trabalhado nas aulas de Filosofia. Eles têm o que dizer e devem ser ouvidos.

Quinto grupo: outras considerações (questão 11).

Questão: Se quiser, acrescente outras considerações.

As aulas de filosofia poderiam ser mais práticas e não tão teóricas, os alunos iriam debater seus temas e defende-los, assim os alunos iriam aprender por conta própria e com gosto pela matéria que já é difícil de chegar até nós.

Gostei de poder ter aulas de Filosofia este ano, e pelo que passou, espero que possamos ter mais conhecimento através das aulas, que possamos ser pessoas com uma forma de pensar de acordo com que se encaixa.

Os temas atuais, drogas, sexualidade e família são temas de interesse de todos e de todas as idades.

A Filosofia é importante, mas não é muito levada a sério pelos alunos, talvez por não saberem que é uma matéria interdisciplinar, partilha com as outras matérias o papel de educar os desinteressados pelos problemas do mundo e pela busca do conhecimento.

O professor para dar aula de Filosofia tem que ser uma pessoa que consiga ganhar o plenário com bons argumentos, que chame atenção com títulos polêmicos e que traga ao ar o esclarecimento da palavra “Filosofia” com mais clareza porque muitas pessoas julgam a Filosofia como parábolas.

Gostaria de poder me aprofundar mais.

Acho que a Filosofia nos faz pensar no hoje, no ontem e no amanhã, gostaria de ter mais destas informações e até orientações.

Eu gostaria de ter mais tempo para me aprofundar mais em Filosofia.

Só penso mais tempo para aprender mais Filosofia porque gosto muito, pena que os governos não investem mais em cultura para os alunos.

Comentários sobre estas considerações feitas por alguns alunos.

Nem todos as fizeram. Mas, algumas delas são importantes por reforçarem respostas anteriores que mostram o interesse desses jovens pela Filosofia e pelas aulas de Filosofia e que reforçam certas coisas ditas antes: trabalhar as aulas de filosofia através de debates; com temas atuais; e que, sim, eles compreendem a importância da Filosofia em suas vidas. Nenhum deles diz que aulas de Filosofia não devem existir. Um deles diz: “Eu gostaria de ter mais tempo para me aprofundar mais em Filosofia.” É algo que se alinha com a luta de

muitos professores para o retorno do ensino de Filosofia à grade curricular dos cursos de Ensino Médio. Recentemente a disciplina de Filosofia foi tornada disciplina obrigatória do currículo do Ensino Médio, através da lei 11.684 de 02 de junho de 2008.

Concluindo a análise das repostas dos alunos podemos afirmar que os jovens têm interesse pela Filosofia, que eles julgam importante a reflexão crítica, que consideram que as aulas de Filosofia são capazes de ajudá-los a desenvolver esse pensamento reflexivo e crítico. Constatam e lamentam o fato de que muitas pessoas atualmente não estejam tão interessadas nesse tipo de pensamento.

CAPÍTULO IV

A VOZ DOS PROFESSORES

Da mesma forma que os alunos das escolas envolvidas foram solicitados a responder os questionários, seus professores também o foram. Foram dez os professores que responderam. Os professores foram perguntados sobre sua formação e sobre o que percebem relativamente ao interesse dos alunos pelas aulas de Filosofia, pelas temáticas nelas trabalhadas e se percebem, ou não, que os alunos dão importância ao pensamento reflexivo e crítico. Os questionários constam do Anexo 1 e as respostas do Anexo 2.

Será seguida a mesma forma de apresentação e análise utilizada no Capítulo III relativa às respostas dos alunos.

Primeiro grupo: Questões (de 1 a 3) que solicitam caracterização dos professores.

Todos são licenciados em Filosofia. Com relação ao tempo que lecionam a disciplina, um professor declarou ter um ano de experiência e os demais declararam ter entre 2 e 20 anos. Quanto às instituições nas quais se formaram, temos a seguinte situação: PUCSP: 2; USP: 2; PUCMG: 1; UNIFAI: 1; UNISAL LORENA: 1; UNISFC: 1; FACULDADE CLARETIANA: 1; FEBESC: 1 - TOTAL: 10.

Análise dos dados do primeiro grupo de questões.

Trata-se, como se vê, de professores formados na área, em boas instituições e, em 90% dos casos com dois ou mais anos de experiência. A formação do professor é um aspecto importante no trabalho com o ensino de Filosofia. Pode-se pensar que a formação desses professores seja um dos fatores que explicam as repostas favoráveis dos alunos à Filosofia e às aulas que tiveram.

Segundo grupo: questões (4 e 5) sobre interesse dos alunos pela Filosofia e suas temáticas.

Em relação aos temas trabalhados nas aulas de filosofia que mais interessaram aos seus alunos, obtivemos as seguintes respostas:

Ética e temas relacionados:	6
Filósofos e correntes filosóficas:	3
Filosofia Política:	2
Antropologia:	1
Estética:	1
Assuntos de atualidade:	1

As justificativas para o interesse dos alunos a respeito dos temas trabalhados em classe foram as seguintes:

Os alunos sempre demonstram interesse quando percebem significado e sentido dos conteúdos e atividades com a vida.

Provavelmente porque se aproximavam da realidade deles, ao mesmo tempo em que oferecia uma nova visão sobre essa realidade.

Porque estão relacionados à realidade vivida por eles.

Talvez porque são mais "fáceis" de serem entendidos e também mais ligados à vivência de cada um.

Porque eles se identificam com esses temas. Não é algo somente abstrato, faz parte do mundo da vida!

Tem um vínculo com a realidade na qual estão inseridos.

Pela atualidade.

Relação com assuntos que eles vivem em seu dia a dia.

Por não terem acesso a eles em outros lugares de forma crítica e reflexiva.

Platão – pela abrangência do tema. Maquiavel – pela relação com a política atual em nosso país.

Análise dos dados do segundo grupo de questões.

Todos os professores afirmaram que as aulas de Filosofia interessaram os alunos. O que foi dito pelos alunos é confirmado pelos professores. Nas justificativas não há nenhuma expressão que demonstra dificuldade dos professores em lecionar a disciplina de Filosofia. Este resultado, para esta situação específica, invalida nossa hipótese de que há uma insatisfação generalizada em relação ao ensino de Filosofia.

Terceiro grupo: questões (6,7,8 e 9) sobre valorização do pensamento reflexivo e crítico e contribuição das aulas de Filosofia para o seu desenvolvimento.

Neste grupo de questões, dadas as características das mesmas, optou-se por fazer análises logo em seguida às respostas registradas de cada pergunta.

Perguntados se achavam que, nos dias atuais, as pessoas valorizam a reflexão ou pensamento reflexivo e solicitados a comentar suas respostas, oito professores disseram que as pessoas não valorizam a reflexão ou o pensamento reflexivo e crítico. Três disseram que sim. Vejamos:

É difícil responder generalizando, mas partindo de uma análise superficial, penso que na atualidade as pessoas valorizam a reflexão.

Não. A reflexão foi deixada de lado porque dá muito trabalho. As pessoas esperam respostas prontas. Elas só querem ter a liberdade de escolher quais as respostas prontas elas querem adotar, como numa grande prateleira de supermercado.

Sim. As pessoas vivem num mundo materialista e precisam preencher um vazio.

As pessoas que já passaram por "algumas experiências de vida", principalmente após os 40 anos, os jovens e adolescentes poucos.

A grande maioria não, mas há pessoas que valorizam. Tenho alunos muito críticos e reflexivos.

É uma necessidade, porém é uma das grandes dificuldades. Trabalhamos com alunos imediatistas.

Creio que não, devido à correria do dia-a-dia e as pessoas procuram coisas prontas (*fast-food*).

Aqui se encontra um grande problema: os jovens atuais não estão preocupados em pensar.

Sim. O que falta é estímulo pedagógico.

Poucos, infelizmente. Em um mundo marcado pelo consumo e pelas “verdades prontas” sobra pouco espaço para a reflexão.

Nova convergência (como no grupo anterior de respostas) entre as respostas de professores e alunos. A maioria desses últimos afirma ser importante ter um pensamento crítico e reflexivo, mas que atualmente as pessoas não estão muito interessadas nisso porque lhes falta tempo para pensar, por causa da influência da mídia, porque só pensam em consumir produtos, são imediatistas. Do mesmo modo, a maioria dos professores aponta para a mesma situação e causas. Eles enfatizam o imediatismo reinante e que, de modo geral, as pessoas não estão interessadas em pensar porque tudo pode estar ao nosso alcance como numa “prateleira de supermercado”. Não há muito o que pensar numa sociedade onde as respostas já estão prontas.

Quando perguntados se esta postura das pessoas influencia os jovens quanto ao seu interesse nas aulas de filosofia, os professores disseram que:

Pensando que a constituição do jovem se dá na cultura que está inserido, ele é influenciado também por ela, mas não determinado.

Creio que sim. Pensar parece que virou artigo supérfluo. Finge-se que pensa, mas simplesmente toma-se emprestado de uma certa opinião geral os pensamentos e as certezas.

Acredito que sim, mas é preciso saber trabalhar e incentivá-los, principalmente, diante da miséria e do desespero.

Eles até admiram e reconhecem, porém nem todos, diria a maioria, não segue tais exemplos, alguns poucos.

Influencia um pouco. Eles assistem muita T.V. e usam mal a internet.

Freqüentemente ouço os alunos dizerem que não gostam de ler e de pensar. Filosofia tem que pensar muito.

Sem dúvida, eles são assim. Os alunos escolhem as disciplinas que julgam (em conjunto com os pais) para dar a prioridade a notas. É uma visão pragmática.

Totalmente.

Sim.

Com certeza, pois refletem, muitas vezes, em falta de perspectiva, comodismo e inércia diante da realidade.

Sete professores disseram que a postura das pessoas influencia os jovens quanto ao seu interesse nas aulas de filosofia, e apenas três disseram que não, porém, acham que se deve tentar estimular os jovens a pensarem crítica e reflexivamente.

Alguns relativizaram tal influência das pessoas na vida dos jovens. Entretanto, a posição da maioria é de que os jovens são influenciados pela sociedade na qual estão inseridos e esta influência, caracteriza algo de negativo na vida deles.

Severino (2004) apresenta um panorama semelhante ao que é apresentado por esses professores e alerta que se não tentarmos modificar essa situação de “paralisia” do pensamento a situação poderá ficar ainda mais complicada. E é por essa razão que a Filosofia se torna uma arma importante para despertarmos a “consciência adormecida” de muitos que ainda não se deram conta da necessidade do poder “clarificador” do pensamento. Suas palavras fazem eco ao que alguns professores dizem:

Nestes tempos tão bicudos em que aparentemente o caos domina a vida social de todos nós, tempos em que vale mesmo é levar vantagem em tudo, consumir adoidado e gozar a vida ao extremo, pode parecer

absurdo falar da importância da Filosofia na formação de crianças, adolescentes e jovens. Como é que se justifica, em tal cenário, ficar discutindo tal questão? Na realidade, estamos lidando com uma questão muito relevante e que tem muito a ver com o futuro de nossa sociedade. Tem muito a ver com o futuro de nossos filhos. Retomando um dito popular, podemos dizer que atualmente, aqui no Brasil, “o mar não está pra peixe” e a situação, já complicada, corre o risco de piorar ainda mais (SEVERINO, 2004, p.13).

Quando perguntados se os professores julgavam importante ou necessário que os jovens fossem capazes de um pensamento reflexivo e crítico, os dez responderam que sim. Há uma correspondência entre o que dizem e o que afirma Severino.

Sim, o pensamento reflexivo e crítico possibilita ao ser humano uma visão profunda sobre a vida.

Importantíssimo. Eu sempre digo a eles que têm de trilhar o seu próprio caminho. Mas para isso é necessário pensar e refletir criticamente sobre as circunstâncias que os cercam.

Sim. Os jovens precisam amadurecer e assumir responsabilidade diante do seu destino.

Considero indispensável, principalmente na atual sociedade em que aprender sozinho e caminhar por si é um aspecto fundamental.

Sim, claro, sou professora de Filosofia!! O problema é o choque de gerações que acontece na sala de aula.

Esse é o grande objetivo da filosofia. A partir da reflexão se faça leituras críticas do mundo. E que a capacidade crítica leve a outras reflexões.

Sem dúvida que sim, pois sem reflexão e criticidade não se exerce a cidadania de um modo consciente e por consequência mudar a realidade sócio-político-econômica do Brasil.

Sim. Para poderem ser seres pensantes que saibam ter suas opiniões próprias e não sejam cópias de alguém.

Sim. A liberdade de opinião nasce da reflexão.

Obviamente que sim, sem reflexão alguma com uma “inteligência de rebanho”.

“Sim, claro, sou professora de Filosofia!!” Esta exclamação indica com clareza a relação entre Filosofia e o compromisso com o desenvolvimento de um pensamento reflexivo e

crítico. Aliás, todos disseram que é importante ou necessário que os jovens sejam capazes de um pensamento reflexivo e crítico. Talvez esta afirmação pareça óbvia. Há, porém quem pense o contrário ou ao menos pense que seja impossível oferecer ajuda educacional para que os jovens desenvolvam esta forma de pensar. Verifica-se nas respostas dos professores que eles entendem o papel e a importância da Filosofia e do filosofar. Um deles disse: “Esse é o grande objetivo da filosofia. A partir da reflexão que se façam leituras críticas do mundo. E que a capacidade crítica leve a outras reflexões.” E outro completou dizendo que “sem reflexão e criticidade não se exerce a cidadania de um modo consciente.” Daí as repostas que afirmam que as aulas de filosofia podem auxiliar no desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico. Algumas delas:

Podem, pois percebo que ao longo do ano, conforme as aulas acontecem os alunos tornam-se aos poucos mais reflexivos e críticos.

Sim, muito.

Primeiro porque é o espaço diferenciado próprio para isso (não que outras disciplinas não possam), segundo a própria natureza da disciplina pressupõe que se atinja ou se exercite um pensamento reflexivo e crítico.

Sim, porque abrem um horizonte de compreensão de realidade sem pré-conceitos. Contudo se for a partir de um estudo de temas, enfatizando o pensamento crítico e não um mero estudo conteudista.

Sim. Só que lecionando na Rede Estadual não temos apoio. Temos que abordar temas que mexem com seus interesses assim eles dão total importância.

Com certeza, pois ela pode ser instrumento na luta contra o dogmatismo e o ceticismo que geram uma sociedade cada vez mais fragmentada e conseqüentemente individualista.

Quarto grupo: questão (número 10) sobre as aulas de Filosofia.

Perguntados se as aulas de filosofia têm despertado o interesse dos alunos, sete responderam que sim, três que sim e não e três que não. Perguntados pelas razões pelas quais julgavam que sim, assim se manifestaram alguns deles:

O primeiro contato dos alunos com a filosofia é cheio de interrogações: o que é? Para que é? Quando eles percebem a ligação da filosofia com a sua vida sentem-se interessados.

Alguns alunos despertam um grande interesse e até pedem biografias, começam a ler mais sobre filosofia, outros se não lêem mais, pelo menos dizem que é importante e que deveriam ter filosofia desde o Ensino Fundamental.

Sim. Atribuo aos inúmeros recursos que o colégio dispõe e à quantidade de aulas por semana (2). Também porque trabalho temas e as provas são reflexivas e não sobre um conteúdo insólito (provas relacionando com a realidade).

Sim. A variedade de assuntos e a correlação que os alunos fazem com suas vidas.

Sim, Eu atribuo ao fato de os jovens não encontrarem no mundo, meios confiáveis para desenvolver suas habilidades cognitivas.

Análise dos dados do quarto grupo de questões.

Todos os professores pesquisados consideram que as aulas de filosofia podem auxiliar no desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico. Por se tratar de um grupo de professores com formação específica em Filosofia obtida em instituições de Ensino Superior com tradição na área, não se poderia esperar outras respostas. Não obstante a importância que atribuem ao pensamento reflexivo e crítico e ao papel da Filosofia no seu desenvolvimento, quase a metade afirma que suas aulas não despertam o interesse dos alunos. De dez professores 3 disseram que as aulas não despertam interesse dos alunos e outros 3 disseram, sim e não. As dificuldades aí estão presentes. Na fala dos alunos a maioria aponta para a importância da Filosofia e para seu potencial de desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico. Onde estaria o problema, então, no caso desses 6

professores? Na escolha dos temas? Na maneira de encaminhar as aulas? Nas circunstâncias atuais? De acordo com um dos professores “não é fácil despertar interesse pela reflexão, pelo questionamento em uma realidade marcada pelo pragmatismo econômico”. Há, de fato, este fator como já foi apontado nos Capítulos I e II e mesmo na fala de alguns alunos. Mas há caminhos possíveis como se pode entrever nesta fala de um professor “O primeiro contato dos alunos com a filosofia é cheio de interrogações: o que é? Para que é? Quando eles percebem a ligação da filosofia com a sua vida sentem-se interessados”. Essa resposta corrobora as respostas dos alunos ao afirmarem que desejam aulas que falem de temas da atualidade. Que tenham a ver com suas vidas e que essas aulas sejam mais dinâmicas. Nessa direção cabe o registro da fala de outro professor: “acredito ser necessário atraí-los com outros meios como vídeo, leitura de jornais, enfim, é preciso conscientizá-los”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo de inquietações decorrentes de minha percepção de um acentuado desinteresse de muitos alunos pelas aulas de Filosofia no Ensino Médio, resolvi investigar com maior cuidado

o que me parecia ser uma recusa dos jovens em participar das aulas que lhes pedem reflexão, criticidade e uma visão contextualizada dos fatos e das situações nas quais estão envolvidos. Minha percepção era de que estava cada vez mais difícil o trabalho com aulas de Filosofia no Ensino Médio e eu queria saber as razões dessa dificuldade. Aliada a essa preocupação foram buscadas indicações de subsídios para lidarmos com a realidade apontada: tanto para a compreensão desse fenômeno, quanto para a busca de caminhos conjuntos para seu enfrentamento. Não houve a intenção de produzir receitas de como devem ser as aulas de Filosofia, mas o trabalho traz indicações de como as aulas não devem ser e algumas propostas de como as aulas de Filosofia podem ser encaminhadas. São indicações que trazem a contribuição dos autores estudados e especialmente dos alunos e professores que responderam os questionários.

Dentre os autores estudados alguns nos serviram especialmente de ajuda para criarmos entendimentos mais claros a respeito dos temas tratados nos capítulos I e II. Para o tema geral do Capítulo I, Desafios do Ensino de Filosofia na sociedade atual servimo-nos das idéias de Savater (1998), Valle (2005), Lorieri (2002, 2007), Luchesi (1994), Lorieri e Rios (2008), Morin (2002a) e Severino (2005 e 2006). Nesse mesmo Capítulo, para a discussão sobre a atualidade e, em especial, o papel da mídia e a relação das características da sociedade atual, alguns autores foram de grande ajuda como: Tripoli (1998), Arbex e Tognoli (2000), Marcondes Filho (1994), Boran ((1981), Fischer (2001) e Alarcão (2003).

Para os assuntos tratados no Capítulo II, Ensino de Filosofia, foram utilizadas as contribuições de Severino (2005), Dantas (2005), Lorieri (2007), Morin (2002b), Kant (2003), Cerletti (2008), Favaretto (2008), Marcondes (2008), Navia (2008) e Gallo (2002).

Os conteúdos dos Capítulos I e II formaram um conjunto de entendimentos que nos serviram de referencial para a construção dos questionários e para as análises que fizemos das repostas dadas pelos alunos e professores. Este é o referencial teórico da qual lançamos mão: até porque, hoje, no bojo dos debates em torno da presença da Filosofia no Ensino Médio essas têm sido as idéias que, de modo geral, são utilizadas para justificar o trabalho de ensino da Filosofia e para indicar as dificuldades ou desafios desse ensino em nossos dias.

Podemos dizer que é um referencial em construção. No processo dessa construção, alguns pensadores têm apresentado uma sistematização mais rigorosa das idéias com as quais todos os profissionais da área têm trabalhado. Não se pode dizer que haja uma teoria acabada sobre o Ensino da Filosofia. Há idéias em debate e algumas sistematizações decorrentes. Participamos desses debates e lançamos mão de algumas dessas sistematizações como referencial para o trabalho aqui apresentado.

Constatamos que estamos vivendo em um momento difícil por várias razões, mas verificamos que há caminhos possíveis para o ensino da Filosofia.

Tínhamos uma percepção relativa ao desinteresse crescente de muitos alunos em relação às aulas de Filosofia. Sabíamos que era uma percepção verdadeira, mas que poderia ser mais bem entendida principalmente no tocante às suas causas. Daí surgiu a pesquisa que teve como objeto procurar saber primeiro, se há razões nas circunstâncias históricas atuais que possam justificar o possível desinteresse dos alunos pelas aulas de Filosofia e pelo pensamento reflexivo e crítico. Em segundo lugar queríamos saber se nossa percepção a respeito desse possível desinteresse se confirmava nos depoimentos dos alunos.

Julgamos ter trazido se não respostas, ao menos contribuições tanto para o entendimento dos comportamentos que manifestam desinteresse, quanto para um melhor encaminhamento das aulas de Filosofia. Aliás, estes eram objetivos da pesquisa realizada.

Como se pode observar nas respostas dadas pelos jovens eles, majoritariamente, têm interesse pelos temas próprios da Filosofia e vêem nessa disciplina importância para sua formação por diversas razões. Quando se referem negativamente às aulas de Filosofia, isso se deve ou à maneira de certos docentes encaminharem as aulas, ou com a pouca ou nenhuma relação dos conteúdos trabalhados com a realidade existencial desses jovens. Os jovens que responderam os questionários, na sua maioria absoluta, vêem importância no estudo dos temas tradicionais da Filosofia e vêem relação desses temas com a realidade vivida por eles e com problemáticas que são preocupações suas. Eles indicam também dois outros aspectos: sabem da importância do pensamento reflexivo e crítico e consideram que aulas de Filosofia podem contribuir para o desenvolvimento neles dessa maneira de pensar.

Atribuem dupla importância às aulas de Filosofia: pelos conteúdos com que trabalham e pela ajuda formativa que proporcionam.

No caso específico desta sondagem, pensamos que isso se deva tanto à boa formação dos professores desses jovens, quanto à maneira como conseguem fazer ver aos seus alunos a aproximação das temáticas trabalhadas com a vida e preocupações deles. Há depoimentos de alunos que apontam para tanto. Há dados que podem dizer da boa formação dos docentes e de experiência significativa deles no trabalho em salas de aula com a Filosofia. Foram dez os professores que responderam aos questionários. Todos são licenciados em Filosofia, um deles com um ano de experiência e os demais com experiência que varia de 2 a 20 anos. Instituições nas quais se formaram: dois na Universidade de São Paulo; dois na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; um na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; um na Universidade das Faculdades Associadas do Ipiranga, SP; um na Universidade Salesiana de Lorena, SP; um na Universidade São Francisco, SP; um na Faculdade Claretiana e um na FEBESC. Trata-se, como se vê, de professores formados na área, e, em 90% dos casos com dois ou mais anos de experiência.

Além disso, todos os professores declaram julgar importantíssimo o ensino da Filosofia, declaram ser necessário tratar nas aulas dos temas básicos da área e declararam saber da importância da Filosofia para o desenvolvimento de uma maneira de pensar reflexiva e crítica necessária para todas as pessoas. Daí sua importância principalmente no processo de formação de nossos jovens.

Ao final desse trabalho constato que aquilo que aparecia como um problema, agora me aparece com uma possibilidade de solução. Em outras palavras, se muitos dos professores criticavam os alunos por sua postura de indiferença e recusa às aulas de Filosofia, vêm-se de certa forma desmentidos por boa parte desses alunos: eles dizem que acham importante a disciplina de Filosofia e consideram necessário ter um pensamento crítico e reflexivo. Portanto, é necessário reconhecermos que não é o filosofar que os alunos recusam e nem os conteúdos ou temáticas próprias da Filosofia. Talvez o que recusam sejam formas não adequadas de encaminhamento do ensino dessa disciplina nas escolas. Valeria a

pena uma investigação mais aprofundada a respeito. Um dos professores diz isso nos seguintes termos: “durante os quatro anos que tenho lecionado filosofia aprendi que a motivação e a maneira como o professor apresenta a disciplina (matéria) são importantes para a relação e o interesse que os alunos terão com a mesma.”

Penso ser importante retomar o seguinte depoimento de um dos professores. Segundo ele “a filosofia exige conteúdos e não somente qualquer `assunto`. Existem temas fáceis de trabalhar e outros, porém, mais distantes do aluno. Porém, é preciso tentar e agir para melhorar a expectativa desejada”.

Concordamos com este professor. Não se pode pensar em aulas de Filosofia sem seus conteúdos próprios, ou seja, as temáticas filosóficas por excelência. Ou seus temas fundamentais. Além, é claro, da preocupação com o desenvolvimento do pensamento rigoroso, reflexivo e crítico.

Quanto ao que denominamos de temáticas filosóficas por excelência, referimo-nos ao trato das questões que se organizam nas tradicionais áreas da investigação filosófica: Ontologia, Antropologia Filosófica, Axiologia (Ética e Estética), Teoria do Conhecimento, Filosofia Social e Política, Lógica e as chamadas “Filosofias de”, como: Filosofia da História, Filosofia da Linguagem, etc. Estas áreas de investigação e as questões que elas trazem para a reflexão filosófica dizem respeito ao mais profundo do ser humano e, por isso, interessam a todas as pessoas. Interessam e são elementos fundamentais de formação humana.

Temos clareza da limitação da pesquisa realizada. Mas esperamos que os resultados aqui obtidos tragam contribuições para o debate sobre o Ensino de Filosofia especialmente no Ensino Médio. Que as falas dos jovens aqui registradas, ainda que de poucos e de uma situação que não é a da maioria de nossas escolas, sejam um sinal de que eles, os jovens, lá no seu íntimo, têm necessidade da Filosofia em sua formação. Temos que encontrar caminhos para fazê-la chegar a eles.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Isabel. Professores reflexivos em uma escola reflexiva. São Paulo: Cortez, 2003.

ARBEX, José; TOGNOLI, Cláudio. Mundo Pós-Moderno. 3ª impres. São Paulo: Scipione, 2000.

ARENDT, Hanna. 3.ed. A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

BORAN, Jorge. O Senso Crítico e o Método Ver-Julgar-Agir. 4ª ed. São Paulo: Loyola. 1981.

CERLETTI, Alejandro A. Ensinar Filosofia: da pergunta filosófica à proposta metodológica. In: KOHAN, Walter. Filosofia: caminhos para seu ensino. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2008.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio. Parecer CEB nº: 38/2006. Brasília: CNE. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 14/08/2006.

DANTAS, Rodrigo. Filosofia, educação e história. In: KOHAN, Walter. Ensino de Filosofia – perspectivas. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

EPICURO. Carta sobre a felicidade (A Meneceu). 3ª reimp. São Paulo: Editora da Unesp. 2002.

FAVARETTO, Celso. Filosofia, ensino e cultura. In: KOHAN, Walter. Filosofia: caminhos para seu ensino. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2008.

FIGUEIREDO, Vera Follain de. A África e o ferro de engomar. In: FIGUEIREDO, Vera Follain (org). Mídia e Educação. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e produção de sentidos: a adolescência em discurso. In: HERON DA SILVA, Luis (org.). A escola cidadã no contexto da globalização. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

GALLO, Silvio. A especificidade do ensino de Filosofia: em torno dos conceitos. In: PIOSEVAN, Américo (org.). Filosofia e Ensino em debate. Rio Grande do Sul: Editora Unijuí. 2002.

GARCIA, Pedro B. Paradigmas em crise e a Educação. In: BRANDÃO, Zaia (org.). A crise dos paradigmas e a educação. São Paulo: Cortez, 2007.

KANT, Immanuel. Lógica. 3 ed. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

Lei Federal n. 11.684 de 02.06.2008. Torna obrigatório o ensino de Filosofia e Sociologia no Ensino Médio. Brasília: Diário Oficial da República Federativa do Brasil. MEC.

LORIERI, Marco Antonio. Filosofia: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Trabalhar com filosofia na Educação: necessidade e possibilidade. INTER-AÇÃO. Revista da Faculdade de Educação, UFG, v. 32, n. 1, jan./jun./2007, p. 13-31.

_____. & RIOS, Terezinha A. Filosofia na Escola: O prazer da reflexão. São Paulo: Moderna, 2005.

LUCKESI, Cipriano C. Filosofia da Educação. São Paulo: Cortez, 1994.

MARCONDES FILHO, Ciro. Sociedade Tecnológica. São Paulo: Scipione, 1994.

MARCONDES, Danilo. É possível ensinar a Filosofia? E, se possível, como? In: KOHAN, Walter. Filosofia: caminhos para seu ensino. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2008.

MORIN, Edgar. Os setes saberes necessários a educação do futuro. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaia. São Paulo. Cortez, 2002a

_____. A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 7a ed. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002b.

NAVIA, Ricardo. Ensino Médio de Filosofia nas presentes condições culturais e sociais de nossos países. In: KOHAN, Walter. Filosofia: caminhos para seu ensino. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2008.

NUNES, Renato. A Filosofia e o filosofar. In: PIOSEVAN, Américo (org.). Filosofia e Ensino em debate. Rio Grande do Sul: Editora Unijuí. 2002.

PLASTINO, Carlos A. A crise dos paradigmas e a crise do conceito de paradigma. In: BRANDÃO, Zaia (org.). A crise dos paradigmas e a educação. São Paulo: Cortez, 2007.

RIOS, Terezinha. Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade. São Paulo: Cortez, 2002.

SAVATER, Fernando. O valor de educar. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SEVERINO, A. J. A Filosofia como elemento cultural e seu papel formativo: da necessidade da Filosofia na escola. In: ROMANOWSKI, Joana P; MARTINS, Pura L. O.; JUNQUEIRA Sérgio, R. A (orgs). Conhecimento Local e Conhecimento Universal: Práticas sociais: Aulas, Saberes e Políticas. Curitiba: Editoria Universitária Champagnat, 2004.

_____. A filosofia na formação do jovem e a ressignificação de sua experiência existencial. In: KOHAN, Walter. Ensino de Filosofia – perspectivas. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. O papel da Filosofia no ensino superior. Anais do XIII ENDIPE. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

TRIPOLI, Suzana Guimarães. A arte do adolescente: a travessia entre a criança e o adulto. São Paulo: Estudos Acadêmicos, 1998.

VALLE, Lílian do. Por uma definição da filosofia da educação. In: KOHAN, Valter. Ensino de Filosofia – perspectivas. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ANEXO 1: QUESTIONÁRIOS

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE

Programa de Mestrado em Educação.

Av. Francisco Matarazzo, 612 – São Paulo – SP – Tel: 3665 – 9312.

QUESTIONÁRIO: A VISÃO DE ALUNOS SOBRE AULAS DE FILOSOFIA.

Prezado aluno.

Sou Cláudio Ferreira dos Santos. Leciono Filosofia no Ensino Médio, estou concluindo o Mestrado e pesquiso sobre o que os alunos do Ensino Médio pensam e sentem sobre aulas de Filosofia. Para saber isso, li vários relatórios e já conversei com colegas de vocês. Mas preciso ter algumas informações a mais. Peço sua colaboração para ajudar na obtenção dessas informações. Responda, por favor, ao questionário abaixo. Se quiser, pode acrescentar outras considerações que julgar importantes.

Você não precisa se identificar.

Obrigado.

a) Sua Idade: ____ b) Seu bairro: _____ c) Escola () Pública – () Particular

Há quanto tempo você tem aulas de Filosofia?

Indique um, dois ou mais temas ou assuntos trabalhados nas aulas de Filosofia que você julgou mais interessantes.

Escolha um ou dois desses temas e diga por que você os julgou mais interessantes.

No seu entender, o que você tem tido nas aulas de Filosofia tem dado uma contribuição para ajudar a pensar temas e problemas que preocupam e interessam aos jovens de hoje? Explique seu ponto de vista.

Você acha que, nos dias atuais, as pessoas valorizam a reflexão, ou um pensamento reflexivo? Por quê?

Você julga importante ou necessário que os jovens sejam capazes de um pensamento reflexivo e crítico? Justifique sua resposta.

Aulas de Filosofia podem auxiliar no desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico? Por quê?

Qual sua opinião de como foram ou têm sido as aulas de Filosofia? Elas despertaram seu interesse e dos demais alunos? Por quê?

Você tem alguma sugestão sobre a maneira como devem ser as aulas de Filosofia?

Outras considerações.

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE

Programa de Mestrado em Educação.

Av. Francisco Matarazzo, 612 – São Paulo – SP – Tel: 3665 – 9312.

QUESTIONÁRIO: A VISÃO DE PROFESSORES SOBRE AULAS DE FILOSOFIA

Prezado Professor.

Sou Cláudio Ferreira dos Santos. Leciono Filosofia no Ensino Médio, estou concluindo o Mestrado e pesquiso sobre o que os alunos do Ensino Médio pensam e sentem sobre aulas de Filosofia. Para saber isso, li vários relatórios e já conversei com vários colegas. Mas preciso ter algumas informações a mais. Peço sua colaboração para ajudar na obtenção dessas informações. Responda, por favor, ao questionário abaixo. Se quiser, pode acrescentar outras considerações que julgar importantes.

Estou aplicando um questionário em uma amostra de alunos do Ensino Médio: envio-lhe junto uma cópia desse questionário para seu conhecimento.

Você não precisa se identificar.

Obrigado.

Você é licenciado em Filosofia? () SIM () NÃO

Se for licenciado em Filosofia diga em que Instituição de Ensino Superior se formou.

Há quanto tempo leciona Filosofia?

Indique temas ou assuntos trabalhados nas aulas de Filosofia que você julgou que mais interessaram seus alunos.

Em sua opinião, por que os alunos se interessaram por esses temas?

Você acha que, nos dias atuais, as pessoas valorizam a reflexão ou o pensamento reflexivo? Comente sua resposta.

Esta postura das pessoas influencia os jovens quanto ao seu interesse nas aulas de Filosofia? Por quê?

Você julga importante ou necessário que os jovens sejam capazes de um pensamento reflexivo e crítico? Justifique sua resposta.

Aulas de Filosofia podem auxiliar no desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico dos jovens? Por quê?

As aulas de Filosofia têm despertado interesse dos alunos? Qual sua opinião sobre este assunto?

Se quiser, acrescente outras considerações.

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE

Programa de Mestrado em Educação.

Av. Francisco Matarazzo, 612 – São Paulo – SP – Tel: 3665 – 9312.

Senhor (a) Diretor (a).

Sou orientador da pesquisa de mestrado de Cláudio Ferreira dos Santos, aluno regularmente matriculado no Programa acima mencionado e que está na fase de coleta de alguns dados que possam clarear, uma vez analisados, o tema e o problema que está estudando: **o ensino de Filosofia no Ensino Médio e o interesse e/ou desinteresse dos alunos por esta disciplina.**

Trata-se de pesquisa que pode trazer importantes contribuições para as discussões atuais sobre o tema. Tenho outros dois orientandos que pesquisam outros aspectos do mesmo tema.

Através do presente solicito a Vossa Senhoria que autorize o mestrando Cláudio a conversar com ao menos um professor de Filosofia desta Escola e que o mesmo professor responda ao questionário anexo.

Ao mesmo tempo solicito que seja autorizado que o professor de Filosofia possa pedir a alguns alunos, em torno de 10 (dez), que respondam outro questionário, também anexo a esta carta. Cláudio orientará sobre a escolha dos alunos. Pensamos em um sorteio entre os alunos que estiverem na escola no dia da aplicação do questionário.

Nem o professor e nem os alunos precisarão se identificar e nem a escola será identificada na pesquisa.

Na certeza da compreensão e ajuda de Vossa Senhoria, do professor e dos alunos, agradeço e apresento-lhe meus protestos de consideração, colocando-me à disposição para outros esclarecimentos que se fizerem necessários.

São Paulo, setembro de 2007.

Prof. Dr. Marcos Antônio Lorieri

Tel: 6191 75 94

ANEXO 2: RESPOSTAS OBTIDAS NOS QUESTIONÁRIOS

RESPOSTAS DOS ALUNOS

a) Sua Idade.

IDADE	TOTAL	%
13-16	34	67
17-19	8	15,5
20-21	1	2
+ 21	8	15,5

b) Seu Bairro:

RESIDÊNCIA/BAIRRO	TOTAL
--------------------------	--------------

CHÁCARA BRASIL	1
FREGUESIA DO Ó	7
IPIRANGA	3
JARAGUÁ	2
JARD. RODRIGO	1
MOEMA	3
PQ. S. DOMINGOS	1
PERUS	8
PIQUERI	2
PIRITUBA	7
SANTANA	4
S. MIGUEL PTA	2
STO AMARO	1
TAIPAS	6
VILACARIOCA	1
VILA DOS REMÉDIOS	1
VILA ZATT	1

c) Escola onde estuda.

ESCOLAS DE ORIGEM	TOTAL	%
PÚBLICAS	40	78
PARTICULARES	11	22

d) Há quanto tempo você tem aulas de Filosofia?

Menos de um ano:	4 alunos
Um ano:	23 alunos
Dois anos:	19 alunos
Três anos ou mais:	5 alunos

2- Indique um, dois ou mais temas ou assuntos trabalhados nas aulas de Filosofia que você julgou mais interessantes.

- Ética e religião
- São: maioria penal. Aborto e a diferença entre uma pessoa ou atitude imoral ou antiética.
- O que é ética e os deuses gregos.
- Religião, filosofia grega.
- Maquiavel, Descartes, Sujeito Objeto, Teoria do Conhecimento.
- O nascedouro da Filosofia, algumas formas de pensamentos e a mitologia grega.
- Clonagem, eutanásia, Aristóteles.
- Política (ditadura, democracia).
- Poder político, os mais importantes filósofos.
- Poder político, democracia, monarquia.

- Mitologia grega, pré-socráticos, drogas, sexo.
- Os filósofos gregos, os deuses gregos. A definição do estudo da filosofia.
- Sobre os filósofos antigos e assuntos do dia-a-dia.
- Atividade humana e animal.
- Sócrates e Pitágoras.
- Preconceito
- Estética e Filosofia da arte
- Na minha opinião, todos foram interessantes, mais os que eu mais gostei foi fazer análise crítica de textos, analisar pinturas ou imagens e identificar sua visão ou compreensão de mundo.
- Ética, Política, Filosofia Moral e Por que somos corruptos?
- Eu gostei do assunto Ética, que é toda aquela idéia de possibilidades de escolha, de decisão, opção, buscando entender o caráter das pessoas, o modo de vida, etc. Gostei também de falar de estereótipo, que é uma coisa muito presente no nosso dia-a-dia. As dissertações feitas como trabalho foram muito interessantes também.
- Mitos, deuses gregos e Estética da sensibilização.
- Mitologia grega (a influência dos deuses sobre os seres humanos), Ética e Ética e Política.
- Ética, Política e Estética.
- Teoria de Heráclito e tipos de Conhecimento.
- Teoria do Conhecimento e filósofo Sócrates.
- Mito, Razão e Pré-socráticos.
- O que eu achei mais interessante foram as aulas sobre coisas abstratas e concretas.

- Heráclito (A duplicidade ou a multiplicidade das coisas) e as razões Instrumental e Contemplativa. Também acho interessante as formas de conhecimento.
- Ideologia, Verdade, Mito da Caverna, etc.
- O Mito e Mitologia, Ideologia e Verdade.
- Mito da Caverna, Mitologia, Ideologia e Razão.
- O desenvolvimento da Filosofia durante as idades. A concepção do professor pelo aluno através do desenho e da pintura.
- Filosofia na História, Existencialismo.
- Escola tradicional, Filósofos, Teoria do Conhecimento.
- Pré-socráticos e Biografias de grandes pessoas como Paulo Freire; Contra-Mito.
- Não respondeu.
- Aborto.
- Aborto, Amor, Paixão e a Amizade.
- Aborto, Felicidade como bem supremo.
- Mito, Concepções Éticas (aborto, paixão).
- O Pensamento de Agostinho (pensamento do mal). Diálogos: Mênon (Platão). Questão de época: a inteligência é coisa que se ensina.
- Sócrates, Filósofos, Maquiavel, Mitologia, Atualidades.
- Drogas na escola, Platão, Epicuro.
- Sobre Drogas e Política.
- Sofistas, Os pré-socráticos, Tales de Mileto, Sócrates, Platão e o Platonismo, entre outros.

- O que é Filosofia? Seus objetivos e como podemos aplicá-la em nossa vida; O Egocentrismo; Etnocentrismo e Sociocentrismo; Ética da Compreensão, Sócrates e Platão.
- Sócrates, Sofistas e Platão.
- Capitalismo e Sofismo.
- Capitalismo.
- Racismo e Mito.
- Mito da Caverna. Teoria das Idéias. Platão e Platonismo.

3- Escolha um ou dois desses temas e diga por que você os julgou mais interessantes.

- Religião: Eu gosto de discutir sobre os atos e costumes (muitas vezes idiotas) pregados pelas igrejas.
- Todos os temas foram bem explicados, eu escolho o último tema (atitude imoral ou antiética), pois é bom sabermos essa diferença. Na nossa sociedade precisamos saber de que forma.
- Os deuses gregos foram mais interessante, mais explicativo.
- Porque adoro estudar outra filosofia ou história de uma civilização.
- Maquiavel e Descartes, pois nos ensina ter um pensamento nosso e não nos deixar sermos hipnotizados pela mídia.
- O nascedouro da filosofia pela parte histórica, é legal para se ter uma base do que foi; As formas de pensamento que mostram como solucionar algumas dúvidas para surgirem outras, e a mitologia grega, pela intensidade de como eles os colocavam.
- Aristóteles, pois assim pudemos descobrir (coisas) sobre os filósofos. Clonagem: a clonagem é um assunto do nosso futuro, então é bom discuti-la.

- Ditadura, pois hoje em dia no Brasil não há uma validade, porém “já foi”.
- Os mais importantes filósofos, pois é muito importante saber a origem das idéias filosóficas.
- Poder político, porque aprendemos as políticas.
- Mitos, porque conhecemos os próprios deuses que existiam.
- A mitologia grega, onde se aprende sobre os mitos, as lendas, religião e os deuses gregos daquele século.
- Ideologia, televisão, guerras, comportamento das pessoas, sexo.
- Atividade humana, me ajudava a esclarecer muitas coisas que eu tinha dúvida.
- Porque eles eram pensadores que tinham que trabalhar em vários ramos, inclusive as ciências.
- O Preconceito porque hoje em dia está dominando as pessoas e prejudicando outras.
- Filosofia Moral, Ética. A Ética tem um pressuposto, a possibilidade de escolha, de decisão e de opção.
- Na minha opinião, o mais interessante foi a análise crítica das pinturas e imagens pelo fato de nós, alunos, escolhermos a imagem que queríamos trabalhar e depois passávamos a visão e compreensão de mundo, e expressávamos nossos pensamentos e sentimentos.
- Por que somos corruptos? Esse tema me chamou mais atenção porque, nos faz pensar um pouco e pensar o quanto somos corruptos, o quanto somos ignorantes no nosso dia-a-dia, faz nos refletir para sermos menos corruptos.
- Gostei de Ética por falar das nossas escolhas, de como isso não afeta apenas a mim, como afeta outras pessoas também. Estereótipo é legal de falar, pois é uma coisa que vemos muito, saímos carimbando todo mundo que conhecemos de vista. Por exemplo: loira é burra, homem não chora, etc.

- Por eu gostar muito de história, identifiquei-me mais com o tema “mitos”. Uma mistura de narração simbólica e fictícia. É um tema bem interessante e os personagens dão um toque a mais no assunto.
- Ética. Porque chama a atenção para o comportamento humano.
- Estética, pois ela fala sobre a arte.
- Teoria de Heráclito porque ele diz sobre a mudança da ordem do universo e da natureza que no entanto ocorro até os dias de hoje, por isso me interessei.
- A Teoria do Conhecimento é muito interessante, porque diz que passamos por constantes mudanças, juntamente com o mundo.
- Mito, porque (.....); A Razão, porque é o conhecimento científico (ciência, logos). Palavra. Conhecimento.
- Porque faz sentido.
- Heráclito, porque este assunto revela uma coisa que ninguém antes pensou, a “Duplicidade” das coisas é uma matéria muito interessante, ela se liga com a física quântica, pois nesses dois “ramos” há uma probabilidade igual para coisas diferentes, entre si, que estão incorporadas, compartilhadas e armazenadas em um ser.
- Ideologia: pois podemos observar tentativas de manipulação que estão presentes em nosso dia-a-dia e inseridos em nossa sociedade, nos levando a aceitar certas regras impostas.
- Ideologia permite discutir sobre as pessoas e suas atitudes. A verdade é um tema polemico que nos permite refletir a (há) a verdade absoluta.
- Ideologia e razão, porque acreditamos tratar de um assunto que sempre é atual, e importante, afinal é algo com que convivemos e em nossa idade é bem presente pelo fato de estarmos amadurecendo esses conceitos.

- Os desenhos que o professor fala como você é, o seu jeito de ser, o que é bom e o que é ruim. Isso eu acho interessante porque mostra o “interior” do aluno sem ele perceber, só com um desenho.
- Existencialismo, pois apresenta uma forma abordagem mais dinâmica e nos permite relacionar muitos temas atuais.
- Teoria do Conhecimento foi interessante ter estudado, pois vimos o que filósofos importantes falaram sobre o pensamento e suas idéias.
- Paulo Freire, pois mostrou uma lição de vida e ajuda ao próximo.
- Aborto, porque é o que está acontecendo, é atual e tem adolescente e crianças morrendo, precisa de mais cuidado.
- O aborto para que os jovens de hoje pensem bem antes de provocar um aborto.
- Aborto, pois trata da realidade que nos cerca.
- Aborto, porque é um assunto muito polêmico, dependendo do caso em que ocorre o aborto.
- Mito, pois mostra o fanatismo pelos seus ídolos, e fala sobre a realidade e a ilusão.
- Pensamento de Agostinho, esse tema foi muito interessante, pois faz a gente pensar em mil e uma coisas e situações. Foi muito legal trabalhar esse tema.
- Mitologia.
- Drogas nas escolas, pois mostra a realidade do país em relação às drogas e segurança nas escolas.
- Drogas, pelo fato de ser uma coisa muito usada, principalmente por adolescentes que sabem que é proibido, e meio que desafia a polícia.

– Platão e o platonismo para mim é o mais interessante, porque Platão foi um filósofo que buscava o verdadeiro conhecimento, levando a sociedade daquela época a vários questionamentos que persistem até os dias de hoje.

– Escolhi o tema “O que é Filosofia?”, pois antes de conhecer tudo o que ela abrange, acho que é necessário sabermos o que é filosofar. E os temas sociais (egocentrismo, etnocentrismo e sociocentrismo) e a Ética da Compreensão, pois são coisas que acontecem ou pouco trabalhadas, até hoje e nos dias de hoje, respectivamente.

– Sócrates e Platão. Eu os julguei mais interessantes pois são homens que se expressam somente com verdade, tendo sua personalidade própria, além de não levar só em conta a aparência. Fora isso, seus pensamentos, como o de Sócrates, passam seu conhecimento ao próximo, sempre estudou a razão do homem, com isso chegava a criticar a classe dominante, pois achava que o povo tinha que ter sua voz. Agora o mais legal é que levou o seu modo de ser até o fim, até ser condenado. Platão seguiu o exemplo de Sócrates, mas seu tema favorito é expressado em uma alegoria, “o mito da caverna”, onde nos quer passar que não devemos viver acorrentados na ilusão, na sombra, e muito menos manipulados pela mídia e viver na luz, no verdadeiro mundo,

– Capitalismo, porque eu não sabia nada sobre o capitalismo.

– Sem resposta.

– O mito, por falar da forma que o homem encarava o mundo. Racismo é sempre atual.

– Teoria das Idéias. Bom, eu julgo a mais interessante, porque fala um pouco da teoria humana, fala sobre o aprendizado das pessoas e o desenvolvimento de cada década.

4- No seu entender, o que você tem tido nas aulas de Filosofia tem dado uma contribuição para ajudar a pensar temas e problemas que preocupam e interessam aos jovens de hoje? Explique seu ponto de vista.

– Nas aulas de ética aprende-se bons costumes e modo de agir correto e, a partir disso pode-se ver os problemas causados pela falta de seguimento dessas normas por parte de políticos, juízos, etc.

– Com certeza, todos os temas abordados, nos serve de apoio para todas as atitudes que nós, os jovens de hoje, formos fazer.

– O meu ponto de vista é uma bagunça, os alunos dominam a aula.

Sim, deu para ajudar sim. Hoje tenho outra visão sobre política, religião e a ética.

– Sim, Porque nos ajuda a entender a realidade e suas falcatruas.

– Claro que sim, pelo menos para mim, coloquei alguns pensamentos em ordem e outros em desordem, mas com a lógica. Sei que para outras pessoas também pode ter ajudado.

– Sim, pois além de estarmos estudando o passado, podemos também, estudar o nosso futuro.

– Sim, (a) coisa política, faz parte da nossa vida.

– Não, pois hoje em dia as aulas de filosofia não são tão levadas a sério.

– Nós aprendemos a filosofar, a pensar mais ao ler textos.

– Tudo tem a ver com o mundo de hoje.

– Sim. Na questão que se fala sobre drogas e a sexualidade na adolescência.

Sim. O professor discute assuntos que tem a ver com a realidade dos alunos da sala, o que eles estão vivendo.

– Sim.

– Com certeza, com o trabalho dos filósofos podemos vivenciar os acontecimentos de hoje com mais clareza.

– Sim, porque a Filosofia nos faz pensar muito e refletir sobre algumas coisas que fazemos.

- Sim. As aulas de filosofia ajudam no pensamento reflexivo hoje em dia.
- Sim, as aulas de Filosofia nos ajudam a fazer um pensamento sobre nossos direitos tanto os nossos direitos escolares como alunos, quanto os nossos direitos como cidadãos brasileiros, e nossos direitos como seres racionais.
- Eu acho que a Filosofia tem ajudado os jovens de hoje sim, porque na Filosofia a gente sempre fala de “ética” e isso é uma coisa que no nosso vocabulário de hoje em dia não temos. Então, a Filosofia aprofunda esse conhecimento da “ética” e faz com que os jovens se interessem mais pelo assunto.
- Um texto muito interessante foi “consciência crítica e filosofia”, que fala sobre os riscos da violência, da alienação e da solidão, e que por isso devemos ter o pensar crítico e racional. Não só esse texto, como as dissertações também, com frases reflexivas: “O sono da razão produz monstros”, “Escolas gaiolas prendem, escolas (...) fazem voar”.
- Ajudou sim. As aulas de Filosofia mostram que não basta apenas ler algum tipo de texto ou conviver com certos problemas. Temos que refletir e por fim expressar nossas idéias e críticas.
- Sim. Se você for olhar o mundo ao seu redor, você verá as pessoas se tornando cada vez mais corruptas, nas aulas sobre ética e política você pode compreender melhor porque as pessoas se corrompem.
- Sim, já que me empenho em usar o principio da Filosofia (pensar) ao auge.
- Sim.
- Sim. Porque entendendo as teorias filosóficas podemos utilizá-las no nosso modo de vida, e ajudando a resolver muitos problemas.
- Sim, pois a gente passou da ignorância para o conhecimento, mas contribui bastante.
- Depende, alguns sim outros não.

- Na minha vida a Filosofia contribuiu e contribui ainda. Digamos que seja uma guia ou uma coisa que abre os meus olhos para a sabedoria. Mas, na minha opinião, não acho que os jovens acatam o conhecimento e a sabedoria e aplicam ou refletem em suas vidas.
- Os temas abordados nas aulas de Filosofia tem dado total base para um melhor entendimento de aspectos comuns a todos nós e que interessam muito ao jovem.
- Sim, pois o estudo da Filosofia nos ajuda a pensar e perceber que como a Ideologia de apenas uma pessoa pode mudar a sociedade em que vive.
- Sim. Acredito que mesmo não estando nos ensinando os conceitos e valores, o simples fato de podermos debater e trocarmos experiências já nos auxilia nos caminhos a seguir.
- A Filosofia, posso dizer que “aguçou” o meu senso crítico e me fez refletir e pensar mais sobre todas as coisas. Me mostrou que não adianta nada fazer as coisas impulsivamente.
- Não respondeu.
- Creio que hoje em dia os jovens não se interessam muito com pensamentos, conhecimentos e teorias antigas, infelizmente, pois se pensassem seriam mais cultos e inclusive educados.
- Claro que sim, as aulas de Filosofia me ajudam a perceber a realidade do mundo, e o que está ao nosso alcance para tornar esse mundo melhor (cidadania), pensando sempre no próximo.
- Sim. Se todos parecem para refletir o problema que está em sua frente nada seria tão difícil para solucionar.
- No meu ponto de vista ajudou a pensar, quanto aos jovens, nem todos se interessam pelos problemas dos outros.
- Às vezes, quando o assunto é mexer com problemas. As pessoas não dão a devida atenção. Gostaria de expor mais as minhas opiniões.
- Sim, porque os jovens tem que repensar nas suas atitudes.

– Sim. Seria se os jovens se interessassem, mas nem todos tem essa visão, nem todo professor consegue chamar atenção ou prender a atenção do aluno.

– Sim. Pois durante esse ano abordamos temas como as drogas, a diferença entre alunos de escolas públicas e particulares, etc. São situações que se dirigem apenas a nós, jovens. E que valem a pena serem estudados, abordando temas que são polêmicos.

– Sim, pois muitas coisas que acontecem há tempos atrás ajudam a entender nosso dia-a-dia.

- Sim, pois minha professora fala sobre filósofos e principalmente sobre temas atuais.

– Acho que tem bastante coisa que interessa aos jovens, eu acho que tem que saber diferenciar bem os temas, porque nem todos gostam de diversos tipos de tema.

– Na Filosofia há sempre o questionamento em relação aos principais fatos que ocorrem no mundo. Isso faz com que o meu entendimento se esclareça e eu desenvolva um senso crítico melhor.

– Sim, pois, como foi dito anteriormente, são fatos que ocorrem no nosso dia-a-dia e como a Filosofia é o Amor ao Conhecimento, os jovens e principalmente os adolescentes, estão nesse processo de Amar o que conhecem ou mesmo no processo de se interessar realmente pelo conhecimento e de desenvolvimento do seu senso crítico.

– No meu entender a Filosofia contribui na minha reflexão, pois nela estudamos vários pensamentos, onde por sua vez nos faz debater, liberando na nossa mente uma forma de pensar do mundo atual, livrando nosso senso crítico para não sermos “enganadas” um dia. Um exemplo é televisão com a política, a televisão por sua vez é o meio que manipula as pessoas, fazendo que acreditem no que não é real. Reparem no comercial que fala que jovem não tem voz e deve tirar seu título de eleitor, “como jovem quase sem experiência da vida vai decidir o futuro de um determinado lugar?”.

– Sim.

– Sim.

– Sim.

– Sim, as aulas de Filosofia são muito boas, éticas e nos proporciona pensamentos criativos, senso crítico, assim podemos saber como lidar com o mundo aí fora. Tem muitos jovens que não tem personalidade e a Filosofia nos dá essa confiança. Eu aprendi muito, principalmente a lidar comigo mesmo, a aceitar a minha raça negra e sou feliz.

5- Você acha que, nos dias atuais, as pessoas valorizam a reflexão, ou um pensamento reflexivo? Por quê?

- Não, pois elas preferem fazer tudo da forma mais fácil (talvez para conservar os seus cérebros novos) e acabam não pensando e agindo instintivamente.

– Não, hoje as pessoas acham muito mais cômodo se estressar e julgar suas atitudes dizendo que estava nervoso.

– Não! Porque quase ninguém sabe o que é reflexão, as pessoas só pensam em besteira.

– Não acho que hoje em dia, há muita falta de reflexão das pessoas. O por que não sei dizer, mas as pessoas, na minha visão, estão muito ignorantes, fazem coisas sem pensar, refletir e etc.

– Acho que o pensamento reflexivo, pois faz com que eles pensem sobre o que há na nossa realidade.

– Algumas sim, outras não. Mas pelo corre-corre do dia-a-dia, as pessoas acabam não tendo tempo para colocar os pensamentos em ordem.

– Não, porque muitas vezes elas preferem ficar na frente da televisão ou do computador, pois eles dão as respostas de muitas coisas.

– Não, pois não acreditam nisso.

– Sim, pois é necessário parar para refletir na vida.

- Não, pois a vida das pessoas está muito corrida e elas perderem os valores morais.
- Se o jovem não pensar, ele não consegue os objetivos na vida.
- Reflexivo, porque o pensamento reflexivo nos abre para realidade e nos deixa mais críticos.
- Vejo que os jovens de hoje não gostam de pensar muito, fazem as coisas por fazer.
- Muitas pessoas sim, mas tem muito mais que não tem o conhecimento sobre o assunto.
- Acho que a maioria não, pois, hoje em dia, a maioria das pessoas não valorizam a reflexão filosófica.
- Acho que sim, porque todos precisam pensar muito e refletir diante dos problemas e, as vezes, isso é visto como arte.
- Valorizo o pensamento reflexivo. Porque poucos refletem na maneira de agir.
- Não. Porque as pessoas hoje em dia estão cada vez mais se afastando de uma conversa, um diálogo para expressar suas idéias, isso tudo pela tecnologia que cada vez mais afastam as pessoas de uma reflexão (sobre o) mundo.
- Acho que não, porque hoje em dia a gente não pensa em antes de fazer, fazemos, mas isso não é uma boa solução. Devemos refletir e pensar antes de cometer algum ato para que não venha prejudicar o próximo ou a si mesmo.
- Um pouco. Acho que as pessoas mais velhas valorizam mais e tentam passar isso para os jovens, mas tenho como opinião que a juventude está muito alienada, e pouco para pra pensar e refletir no que fazem.
- Não. São poucas as pessoas que ainda se preocupam em pensar, talvez por terem se acomodado com os avanços atuais.
- Nem todas. Porque se todo mundo parasse cinco minutos para pensar antes de agir, com certeza o mundo seria melhor, e não teria morrido tanta gente inocente.

- Acredito que (na) reflexão, se ela for a que considera as pessoas pensando apenas (por) em si.
- As pessoas valorizam um pensamento reflexivo.
- Nem todas, muitas pessoas agem sem pensar, e muitas vezes acabam se prejudicando.
- Na minha opinião não, porque a gente está no mundo da tecnologia.
- Não, porque ninguém tem tempo para pensar e refletir.
- Não, não acho que as pessoas valorizam essa idéia. As pessoas não se preocupam em conhecer e refletir, mas pouco conhecer e consumir. Elas não buscam a origem nem o destino das coisas, as pessoas não acreditam nas suas idéias, nem em si mesmas.
- Algumas pessoas valorizam bastante a reflexão, entretanto vivemos em um tempo regido pela velocidade, onde as informações e conclusões são mastigadas e impostas a nós.
- Podem até valorizar, mas nem todas agem assim, por isso nossa sociedade é tão influenciável.
- Acreditamos que como tudo, há casos e casos, não sabemos se é possível generalizar, ou ter uma media, mas o mais sensato seria valorizar sim.
- São poucos que valorizam a reflexão, as pessoas de hoje em dia fazem/agem sem pensar e só vêem depois o erro que cometeram por não pensarem/refletirem antes de fazerem suas coisas.
- Acho que estamos perdendo esse tipo de pensamento, e passando a ter pensamentos mais mecânicos, como forma de “proteção”.
- Infelizmente não, pois com o dia-a-dia quês elas tem, não param para pensar e refletir sobre sua vida e seus atos.
- Acredito que embora não seja o certo, as pessoas preferem seguir o que tem de ideal na cabeça, assim se limitam a não fazer um pensamento reflexivo.

- Infelizmente não, porque o nervosismo toma conta da pessoa e ela faz coisas impossíveis e só depois vai refletir e já é tarde de mais.
- Muito poucas pessoas valorizam a reflexão porque elas tem preguiça de pensar.
- Não, pois só pensam em si mesmas.
- As pessoas não valorizam mais um pensamento reflexivo, porque a maioria tem preguiça de refletir sozinha.
- Não! São poucos os que param pra pensar!
- Não. Porque ninguém quer pensar ou refletir situações ou problemas de hoje em dia. E quando uma pessoa pensa muito e reflete sobre assuntos que ninguém discute é considerado louco.
- Não. Porque hoje em dia as pessoas só pensam em coisas fúteis, como ficar assistindo televisão por horas.
- Não. Hoje em dia ninguém tem mais tempo para ficar pensando.
- Eu, por exemplo, gosto muito porque é interessante ficar pensando, refletindo, é muito interessante. Agora, as outras pessoas não sei, eu conheço muita gente que não gosta e tem muita preguiça.
- Sinceramente Não! Algumas pessoas só pensam em se “dar bem na vida”, e conquistar uma boa área financeira. É claro que eu quero ter minhas coisas, até porque é um direito meu como cidadã, mas refletir é sempre bom.
- Não, pois se realmente valorizassem, não havia tanta imprudência no transito, tantos abortos ou abandonos de crianças ou de idosos em asilos, enfim e entre outros aspectos, tanta falta de consideração do ser.
- Não. Porque a maioria só valoriza a aparência, levando só em conta a opinião, essas pessoas são manipuladas por outras pessoas, sem ter sua própria reflexão.

- Não.
- Sim, muito.
- Não sei dizer. Eu valorizo.
- Vinte por cento por pessoa, a maioria dos humanos desvalorizam a reflexão, por serem principalmente desinformados fazem as coisas sem refletir, e depois não ocorrem com os atos.

6- Você julga importante ou necessário que os jovens sejam capazes de um pensamento reflexivo e crítico? Justifique sua resposta.

- Para falar a verdade, eu estou pouco me importando com os jovens do Brasil. Eu penso sobre a melhor decisão para chegar a melhor solução para mim, porém eu pouco me importo com o que os outros fazem ou deixam de fazer.
- Sim, claro, todos os jovens tem sim um pensamento e uma crítica, depende da pessoa ser um pensamento bom ou não, isso acontece com pequenas coisas como um corte de cabelo.
- sim, porque nem todo mundo pensa igual.
- Acho que sim, todos nós devemos ter um pensamento reflexivo e crítico, pois assim tomamos mais ciência do que fazemos.
- Necessário. Porque os jovens são muito enganados pela mídia e pelas coisas fúteis.
- Sim. É preciso que todos reflitam sobre si próprio, pelas decisões e depois da ação a reação, as possibilidades possíveis, etc.
- Sim, pois o mundo vai depender dos jovens, são eles que vão decidir o futuro do planeta Terra e o seu próprio futuro.
- Sim, pois uma reflexão ou pensamento deve fazer parte do nosso cotidiano.

- Sim, pois os jovens são o futuro do amanhã e como será um futuro sem pessoas críticas e reflexivas?
- Eu acho importante, para essa vida corrida, temos que refletir e pensar mais, seja nas poucas coisas.
- Sim. Todo mundo tem capacidade, é só correr atrás.
- Sim, pois jovens enxergariam com mais clareza a realidade do mundo em que vivemos.
- Sim. Cada um deve pensar e agir com sua própria cabeça.
- Seria importante, pena que os jovens de hoje, a maioria deles só pensam em besteira.
- Com certeza, para viver melhor nos dias de hoje tem que ser crítico e refletir muito sobre os acontecimentos.
- É necessário para que assim o jovem seja menos violento e mais interessado.
- Sim. Porque o jovem pode se expressar melhor. Visando o que sente e o que pensa.
- Eu julgo necessário que os jovens de hoje sejam capazes de um pensamento reflexivo ou crítico, porque nós, jovens, somos o futuro de nossa nação, não só do Brasil, mas como do mundo todo. Os jovens de hoje se prendem à tecnologia como a televisão, o computador, e não tem um hábito de pegar um bom livro para ler. Na minha opinião, os jovens deveriam parar e pensar, sair desse mundo que eles criaram para eles próprios e ver que o mundo que eles criaram e ver que o mundo não é só um simples jogo ou brincadeira, acordar e ver que somos o futuro de nossa nação. Com esses pensamentos os jovens poderiam melhorar. Porém, não pensando e expressando suas idéias, só estarão perdendo o próprio direito de expressão.
- Sim, são capazes e muito.
- Sim. Na juventude fazemos escolhas que decidem nosso futuro, e isso requer reflexão sobre nossa vida, e sobre o que acontece com os outros e com o mundo.

– É importante porque nos dias de hoje é necessário ter um pensamento crítico, criterioso e reflexivo e também opiniões próprias e sensatas.

– Sim. Nós, jovens, somos muito violentos e temos que entender que com violência não se resolve nada, temos que sentar, analisar a situação e procurar a melhor solução para o problema e não sair dando porrada em todo mundo.

– Julgo necessário, pois os jovens tem tido pensamentos muito irracionais.

– Eu julgo necessário porque os jovens são capazes de ter esse tipo de pensamento e fica mais fácil valorizando os ensinamentos da Filosofia tendo como base nisso.

– Sim. Porque com esse pensamento os jovens podem resolver diversos problemas comuns na adolescência.

– Sim. Porque os jovens não pensam de(ssa) forma, pois eles são diferentes e precisam de ajuda.

– Sim, porque assim todos iriam ter respostas concretas.

– Sim, é um marco muito importante na vida de um cidadão que ele reflita e critique aquilo que acha certo e errado. Na nossa sociedade, é um ponto de destaque que o ser conheça sobre o que e como lidar com algo. A sociedade é traiçoeira, sem uma análise profunda e um conhecimento elevado, somos enganados. Um exemplo é a corrupção no Brasil. Ninguém, mas ninguém, se manifestou.

– É totalmente necessário que os jovens tenham capacidade de refletir e analisar, afinal constituem os nossos futuros governantes e são os jovens que conduzirão a nossa sociedade.

– Sim, pois os jovens de hoje são o futuro de amanhã e só com uma sociedade mais critica conseguiremos mudar nossa realidade.

– Com certeza, pois suas decisões, sejam elas acertadas ou não, dependem disso, e como sociedade, dependemos da decisão de cada indivíduo.

- Sim. Acho importante porque com isso (o pensamento reflexivo e crítico) eles aprendem mais sobre tudo, e são capazes de perceberem por si mesmo o certo e o errado, sendo assim, fazendo, cada vez mais, coisas boas.

– Sim, principalmente hoje, um mundo competitivo onde um pensamento mais crítico para sermos mais bem sucedidos.

- Sim. Isso ajudaria na convivência com outras pessoas, com ela mesma e para ela se tornar um adulto inteligente, independente e ajuda inclusive na paz interior e saúde mental.

– Com certeza, só assim eles poderão ter opinião própria e poder argumentar com o mundo que os cerca.

– É necessário sim, pois refletindo, ele irá fazer somente as coisas corretas.

– Sim. Se eles fossem mais reflexivos, pensariam mais antes de fazer qualquer coisa errada. São poucos que pensam antes de errar.

– Sim, pois se uma pessoa tem opinião e crítica, ele pode se fazer ouvir.

– Com certeza, deveria ter uma lei forçando os jovens, porque dessa maneira nosso país melhoraria 100 por cento.

– Sim. Diminuiria a violência, aumentaria a educação com o próximo, os jovens teriam maiores princípios, evitando conflitos fúteis e mesquinhos.

– Sim. Eu acho importante que os jovens tenham um pensamento crítico, e que reflitam sobre sua vida.

Sim. Porque isso é muito importante para escolher as coisas certas.

– Sim, pois se eu não parar pra pensar em minha vida quem vai pensar?

– Importante. Porque vai muito de pessoa, você não pode obrigar a tal pessoa ter um pensamento reflexivo e crítico. É importante é, mas vai de consciência de cada um.

– É claro que sim! O jovem é futuro da sua pátria, refletir traz conhecimento e um autocontrole nas atividades do dia-a-dia.

– Sim. Pode ser que nós jovens não sejamos muito concisos em nossas opiniões, já que estamos mudando-as sempre, mas temos consciência sobre nossos atos, que por não serem apoiados, muitas vezes, pelas nossas opiniões, precisam ser pensados, e é aí que usamos a crítica e a reflexão.

– Sim. Pois penso que cada pessoa tem que ter seu modo de pensar e criticar e se não for por esse caminho serão manipulados por outras pessoas.

– Sim.

– Não.

– É muito importante, porque é dessa forma que pensamos melhor sobre a política.

– Eu julgo que sim. É muito importante e necessário porque precisamos nos informar e ser reflexivos as nossas atitudes de pensamentos. Creio que tenha jovem que tem senso crítico, mas aos outros e é importante também termos pensamentos críticos sobre nós mesmos.

7- Aulas de Filosofia podem auxiliar no desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico? Por quê?

– Sim, pois nas aulas de filosofia a pessoa é estimulada a refletir, desenvolvendo assim a capacidade de pensar.

– Sim, com a filosofia aprendemos a refletir sobre os nossos atos.

– Sim, porque você procura entender os sentidos das palavras. Tem muitas palavras estranhas.

– Sim, acho que sim, é um dos principais objetivos da filosofia: fazer com que o ser humano entenda, reflita e pense sobre seus atos.

- Pode nos mostrar o que há por trás da mídia e nos ensina a vermos a vida e o que está ao nosso redor com nossos olhos e não com de outras pessoas.
- As aulas de Filosofia trouxeram duas coisas que acrescentaram: a parte histórica e a forma de pensamento, importante sim para a ajuda da formação reflexiva e crítica.
- Sim, porque a Filosofia é um auxílio para a reflexão de alguns assuntos que podem influenciar na nossa vida. Na Filosofia você debate assuntos que são importantes para seu desenvolvimento social e humano.
- Sim, pois você aprende refletir sobre novos pontos de vista (diferentes).
- Não, apenas em alguns alunos, como qualquer matéria.
- Pode sim, se é levado a sério, porque ajuda a compreender o mundo.
- Sim. Faz a gente pensar mais.
- Sim, pois os alunos para entenderem a aula de filosofia tem que pensar.
- Faz pensar na vida. Faz entender soluções para problemas.
- Tive poucas aulas, mas o pouco que tive ajudou-me pensar um pouco mais sobre assuntos que para mim não tinham importância.
- Muito com o ensino de filosofia, aprender a refletir e ser crítico para entender os acontecimentos diários.
- Sim, porque como havia dito, a filosofia nos faz pensar sobre os nossos atos e até mesmo o dos outros e, dependendo, criticá-los, mas sempre de uma forma educada.
- Sim. Porque nas aulas de filosofia sempre nos leva a pensar em temas filosóficos. Uma expansão para o conhecimento.
- Sim. Porque através da leitura e do pensamento crítico nós podemos aprender mais, a leitura influencia muito no nosso pensar e no nosso censo de julgamento das pessoas, assim

analisando textos e escrituras nós poderemos ter um pensamento reflexivo e crítico, que poderemos usar no nosso dia-a-dia.

– Sim, desenvolve e muito. Com uma aula de Filosofia nos ajuda a refletir sobre nossa vida, nos faz lembrar como são nossos atos no nosso dia-a-dia.

– Sim. As aulas são importantes por causa dos textos de reflexão, que você acaba parando pra pensar nos problemas da sociedade, nas mudanças que ocorre o tempo todo. A Filosofia incentiva você a pensar e a relacionar textos e situações filosóficas com a sua vida.

– Sim, porque nas aulas praticamos o ato de ler, pensar, refletir, debater e opinar.

– Sim, de certa forma elas nos ensinam a parar e refletir sobre algo, nos ensina a analisar fato por fato e aí sim, resolvê-los.

– Sim, pois elas ajudam a anular a irracionalidade.

– Sim. Porque pode tanto questionar como também dar opiniões e isso desenvolve o pensamento criando idéias, solucionando algo, etc.

– Sim. Porque para entender o conteúdo devemos questionar e refletir sobre o assunto, para assim, entendê-lo.

– Sim. Porque ensina nosso Brasil e valores de outros países do bem e do mal. A Filosofia a Estética do Belo, a Política, a organização social, a democracia do nosso Brasil.

– Sim. Porque a Filosofia é “crítica”.

– Sim. Foi uma palavra correta dizer auxiliar, pois o pensamento crítico e reflexivo está dentro de cada um, o que falta é algo para “empurrar” e “forçar” a esse pensamento ser exposto. Também falta o interesse de cada um.

– As aulas de Filosofia são fundamentais no desenvolvimento de valores críticos e morais, pois abordam temas de nosso cotidiano, de maneira com que possamos comparar nossa opinião com a de outras pessoas.

- Sim, pois estimula o aluno a discutir e refletir sobre os temas propostos.
- Acredito que em alunos já no Ensino Médio, não se pode exercer muita influência, talvez seria como um espaço para desenvolver o que foi “cultivado” nos demais anos.
- Sim, influencia sim, ajudam e muitas vezes ensinam como refletir corretamente e usar seu senso crítico também. Mas também depende muito do aluno, ele precisa se abrir para o conhecimento.
- Sim, pois nos apresenta a melhor forma de explorar esses pensamentos.
- Sim, pois ela nos ajuda a refletir quanto à vida e às várias teorias existentes para se alcançar a felicidade e te ajuda a ter um olhar mais crítico quanto aos nossos pensamentos e nossas ações.
- Sim, pois estimula o trabalho de nossa autocrítica sobre o mundo e nós mesmos e refletirmos sobre o conhecimento do mundo (universo).
- Pode auxiliar, mas as pessoas não dão atenção nas aulas, elas não percebem a importância que tem a Filosofia.
- Podem, porque ajuda a gente a criar nossa própria reflexão.
- Sim. Quando se faz uma aula interativa e quando os alunos se expressam melhor.
- Podem sim, porque ajuda a gente a criar as nossas próprias reflexões.
- Sim, porque podemos ser democráticos. Englobando vários temas atuais.
- Sim, Porque no momento em que o professor lança um tema para trabalharmos, começamos a refleti-lo e nosso pensamento acaba sendo crítico.
- Sim. Porque ajuda a saber a “hora certa” de pensar.
- Sim, pois ajuda a raciocinar e a entender coisas que antes eu nem sabia que existia.
- Pode.

– Sim. As aulas amadurecem meu modo de pensar e faz com que eu esteja aberta para diferentes opiniões e possa respeitá-los.

– Sim, justamente por elas exigirem um pensamento reflexivo e crítico para os compreendermos.

– Sim e muito. Porque elas nos ensinaram a despertar nosso pensamento reflexivo e crítico, pois iremos conhecer vários pensamentos de filósofos e debates com os colegas trazendo para o mundo atual.

– Sim, porque abre sua cabeça para o mundo, sem preconceito nenhum.

– Não.

Sim.

– Sim, porque as aulas de Filosofia auxiliam em nosso desenvolvimento e pensamento crítico. Adoro a aula de Filosofia, principalmente o professor Acássio, que um dia nos disse que somos o que somos e ninguém pode mudar. Disse que fazemos parte de nossas raízes, que cada um nasce de cor, cabelo, jeito diferente, por sermos especiais e humanos. Hoje posso dizer que sou reflexiva. Obrigada.

8- Qual sua opinião de como foram ou têm sido as aulas de Filosofia? Elas despertaram seu interesse e dos demais alunos? Por quê?

– O meu sim, pois elas estimulam a pensar na razão das coisas serem do jeito que são. Sobre os outros, isso não me interessa.

- Sim, com as aulas de filosofia nós aprendemos a refletir sobre os problemas sociais.

– As minhas amigas falaram que é uma droga, uma porcaria, um lixo, a pior matéria que tem.

– Acho que hoje em dia as aulas só tem despertado o interesse daqueles que realmente gostam, acho que não consegue fazer quem não gosta se interessar.

- Podemos dizer que para chegar ao jovem a filosofia percorre um caminho difícil porque tem que disputar o jovem com a mídia e a globalização, mas ela conseguem despertar algum interesse.

- Eu sempre tive um lado pensativo, sempre escrevi. As aulas me auxiliaram em forma de organizar os pensamentos aleatórios, fazendo com que encontrasse mais respostas e mais perguntas. Meus colegas também, se interessam pelos temas, mas nem tanto por causa da falta de interesse próprio de querer evoluir mais no que estudam, alguns ainda estão descobrindo a Filosofia (a forma de pensar) e vêem como uma matéria, não como uma forma de auxílio, como eu.

- Na minha opinião, as aulas são muito importantes para nossa formação. Eu gosto, pois reflito e penso em assuntos importantes, infelizmente alguns alunos ainda não tem maturidade suficiente para aprender e se dedicar.

- Boas, não muito pois a maioria dos alunos não se preocupam com a política.

- Não, apenas em alguns alunos, como qualquer matéria.

- As aulas de filosofia tem sido excelentes e despertam sim os interesses de todos, pois fala de temas atuais.

- Eu gostei porque venho pra escola, pra aprender mais, mas os meus colegas não gostam muito.

- Sim, pois ajuda na compreensão, nas críticas, análise e na reflexão.

- Às vezes sim, às vezes não. Tem assuntos que não dá vontade de prestar atenção. Alguns são legais.

- Vou responder por mim, tive um professor bem esclarecido, nos temas de suas aulas, gostei bastante, gosto de discutir sobre esses assuntos que ele nos passou.

- Eu sempre gostei de filosofia, principalmente para entender os grandes pensadores e suas teorias.

- As aulas são ótimas e eu também gosto dessas coisas que analisam comportamentos das pessoas, mas o pessoal não gosta muito.
- Mais debates ajudam a adquirir um conhecimento, que nas aulas normais não adquirimos.
- As aulas de Filosofia tem sido muito interessantes. A aula desperta muito interesse não só em mim, mas em toda a sala pelo fato de sermos jovens e gostarmos de expressarmos nossos pensamentos, idéias e sentimentos. Todo jovem gosta se expressar tanto pela música que é escrita quanto por gestos e características que separam (distingue) cada ser humano.
- As aulas de Filosofia me ajudaram muito. Quer dizer que para mim não é uma “aula” é sim uma terapia, pois me ajuda a refletir e pensar sobre minha vida. Agora, eu não sei para os demais alunos.
- Gostei das aulas de Filosofia que tive esse ano, aprendi coisas bem legais, fizemos trabalhos muito produtivos. A sala não cooperou em nenhum dos dois anos que tive essa disciplina.
- Alguns alunos não gostam das aulas de Filosofia e muito menos da matéria. As aulas foram importantes. Creio que agora, cada um tem seu princípio e seu modo de pensar.
- Na minha opinião tenho gostado bastante. São aulas com assunto diferente das demais e são chamativas, por esse motivo despertam na classe o interesse pelo poder filosófico.
- Para mim elas são legais, pois elas ensinam a “pensar”, como eu disse, porém, acho que os alunos não têm interesse, pois a maioria parece não dar a mínima para a escola, a exceção de alguns poucos que se interessam.
- As aulas de Filosofia foram ótimas. Sim, porque ajuda a pensar, forma idéias, questionar, organizar a mente, aprende a falar melhor e desenvolve o pensamento.
- As aulas de Filosofia são boas e desperta sim o interesse pela Filosofia, pois os conteúdos são muito bons e desperta curiosidade para entender os conteúdos.
- Sim. Porque agente aprende a lidar com o mundo da realidade.

- Bons. Não muito, mas são legais.
- As aulas de Filosofia são interessantes, elas despertaram meu interesse, mas não acho que os outros alunos se despertam ou interessam. Acho que essa falta de interesse está ligada à falta de costume do povo brasileiro pensar e refletir.
- As aulas de Filosofia tem sido ótimas, além de se tratarem de uma ótima oportunidade de interação entre os alunos, despertando o interesse comum a todos.
- As aulas foram boas, mas não conseguiram prender a atenção de todos os alunos presentes.
- Acreditamos que ultimamente não, como já citamos, nesta etapa os alunos já pensam ter seus próprios conceitos formados e nem sempre sentem a necessidade de expor seus porquês ou suas metas pensando ou agindo assim.
- O meu sim, a sala também, poucos não, porque tem temas que são cansativos e fazem todos ficarem cansados, como a história dos temas, mas também há temas onde a sala desperta um grande interesse e você vê que tudo o que se fala é ouvido e guardado.
- Sim, pois além de ser uma matéria nova, aborda temas interessantes para o mundo atual ser mais bem relacionado.
- Nas aulas são relacionados filmes, livros, histórias em quadrinhos, que estão em nosso cotidiano, e relaciona com as teorias filosóficas, de filósofos da antiguidade e pensamentos que passam pela cabeça de muitas pessoas, como por exemplo: por que existimos? Existe vida fora daqui? Entre outras perguntas.
- Sim, pois faz com que a gente reflita sobre a vida, sobre o convívio e o que ocorre em nosso cotidiano.
- Tem sido importante, pois desperta meu interesse, só que é pouco tempo, não dá para aproveitar ou expressar idéias.
- O meu sim, os demais eu não sei.

- Eu até gosto das aulas de Filosofia e acho bacana o professor e os temas que ele aborda. Mas os alunos não tem o mesmo interesse.
- Particularmente, todos os assuntos de Filosofia são interessantíssimos e quem realmente se interessa fica bastante ligado.
- Prazerosa. O meu sim, mas nem todos prestam atenção no professor.
- Foram ótimas as aulas desse ano. A minha professora, com seus temas críticos, nos ajudou muito a despertar nosso interesse pela Filosofia.
- Muito boas, os meus sim os outros não sei, porque é algo interessante.
- Sim. Porque a professora passa temas interessantes.
- Depende de cada pessoa, eu não me interesso muito por Filosofia porque ela é meio que critica os temas adquiridos, e eu particularmente não gosto muito de ir a fundo em certos temas, só nos que me despertam interesse.
- Alguns alunos são totalmente desinteressados, não só com a aula de Filosofia, mas como em outras. Mas aqueles que gostam de aprender assuntos que dizem respeito aos filósofos e seu modo de pensar, trazem para os dias de hoje bastante informações interessantes.
- Elas são ótimas. Sim, pois elas nos ajuda a parar e refletir sobre tudo que está ao nosso redor em todos os ângulos, além de nos auxiliar a buscar nossos objetivos em vários aspectos na vida e a expressá-los com clareza.
- Na minha opinião foi legal, pena que tive que mudar de escola. Nos demais alunos não sei, pois sempre tem alguns que “não estão nem aí”, mas metade sim, agora eu gostei muito, porque nos faz refletir, criticar e debater em sala, com conhecimentos filosóficos. Afinal tornando-nos um cidadão.
- Sim, porque a Filosofia é uma cultura desconhecida entre os alunos.
- Não.

– Sim, porque os assuntos são interessantes.

– Bom, sim. Despertou interesse de saber cada dia mais as coisas do mundo, hoje sim, posso dizer que estou mais interessada na vida filosófica e moral.

9- Você tem alguma sugestão sobre a maneira como devem ser as aulas de Filosofia?

– O aprendizado não depende da aula e sim do aluno, por isso, eu acho que está bem do jeito que está.

– Sim, peço para que os temas abordados sejam aqueles que os jovens gostam de debater como, por exemplo, o aborto.

– Ensinar mais, ter voz ativa.

– Bom, como eu gosto muito de história e filosofia, acho que as aulas deveriam ter menos lições na lousa e mais explicação, que é o que mais interessa.

– Poderiam ter debates. Exemplos: os alunos iriam fazer uma aula com o tema sugerido ou escolhido por eles, discutiriam o tema e defenderiam sua tese.

– De uma forma não muito complicada, simples, mas que sirva como base para novas formas de pensamento.

– Sim, devem ser dinâmicas, com assuntos que abordem a atualidade e que são importantes para que o aluno cresça com uma boa opinião formada.

– Mais filmes e mais trabalhos.

– As aulas devem ser mais dinâmicas, assim os alunos ficam mais interessados.

– Não tenho. As aulas devem ser mais dinâmicas.

– Menos texto e que fale mais de vida.

- Acho uma das aulas mais difíceis, os temas são complicados de se entender quando se fala da antiguidade, sobre os períodos e o renascimento.
- Bastante debate, assunto que os jovens precisam saber e que o professor seja bem legal.
- Não tenho opinião, como disse, foram poucas aulas, porém gostei do que tive.
- Acho que deveriam ter mais aulas de filosofia, duas por semana, no mínimo e nas aulas trabalhar o pensamento filosófico, desenvolver mais o pensamento crítico e reflexivo.
- Na minha opinião as aulas estão ótimas e super organizadas da parte do professor.
- Não.
- Não.
- Acho que da forma que eu estou tendo aula está ótimo, acho que não necessita de nenhuma mudança.
- Dinâmicas. Deve fazer o aluno pensar, trabalhar com isso. Não apenas receber trabalhos prontos para nota. Algumas brincadeiras juntamente com a matéria seriam legais, se a turma colaborasse.
- Devem ter entretenimento. Usar mais livros, letras de músicas, reportagens, etc.
- Com muito dialogo, dinâmica e chamativa e com bons temas para estar sempre na cabeça do aluno. Tudo sem pressão para não desanimar os alunos.
- Não.
- Não. As aulas de Filosofia são boas e não deve ter alteração alguma.
- As aulas de Filosofia do jeito que são dadas, estão muito boas, não precisa de mudança nenhuma.
- Aprende mais. Mais aulas para os professores (de Filosofia).
- Sim. Poderíamos fazer um círculo na sala e debater o assunto.

- As aulas de Filosofia devem ser para despertar o interesse em todos. Para isso, deve ser interessante, segundo o acompanhamento da sociedade juvenil, mostrando os pontos obscuros e remodelando o pensamento dos cidadãos.
- As aulas de Filosofia são bem aplicadas, se pudesse acrescentar uma sugestão seria a oportunidade de realizarmos “experiências” em cima dos termos tratados, como uma forma de comprovar tais teorias.
- As aulas que oferecem debate e temas polêmicos são sempre mais aproveitáveis.
- Acredito que como já vem sendo trabalhadas ou seja, debates e exposição de nossas idéias.
- Devem ser mais dinâmicas, sem muitas histórias na lousa, e sim mais prática, mostrar como se reflete, como pensar de um jeito dinâmico que faz o aluno despertar o interesse e guardar a aula (tema) dada.
- Nenhuma, já acho dinâmica e interessante.
- Acho que elas devem continuar divertidas, interessantes, que estejam relacionadas com nosso cotidiano para prender mais nossa atenção.
- Devem ser mais dinâmicas, com aulas expositivas e jogos para entender a matéria.
- Na minha opinião, que todos os assuntos sejam de fatos atuais, corriqueiros, pois facilita separar e mostrar o que é a Filosofia.
- Gosto do jeito que as aulas são dadas.
- Como já disse, se fosse mais interativas e comunicativas.
- Por enquanto não, eu gosto da maneira que as aulas estão sendo dadas.
- O professor precisa apresentar vídeo, temas que todos se interessam, conquistar a atenção dos alunos, com debates, por exemplo.
- Não.

- Só os livros, excursões.
- Não. Eu gosto do jeito que ta.
- Não. Eu acho que depende muito do professor.
- Bom, eu acredito que depende muito do tipo de professor. Mas levando em consideração a pergunta, as aulas de Filosofia devem ser descontraídas. O modo do professor criticar algo tem que ser com respeito, sabendo do que está falando para não haver discussões, mas sim um choque de idéias que ajudarão no desenvolvimento da aula.
- Como elas trabalham vários temas que podemos discutir em debates, acho que seria legal se, na classe, sentássemos em círculo. Eles poderiam também ser trabalhados com filmes e músicas, e relatar livros ou indicá-los para leitura, com seminários, como avaliação da compreensão dos temas trabalhados, etc.
- Penso que os professores devem trazer pensamentos, pesquisas do mundo em que vivemos hoje, para compararmos com outros pensamentos. Fazer com que o aluno debata mais. Fazer que uma salaseja adaptada com a Filosofia.
- Mais tempo de aula e mais vontade dos alunos.
- Não.
- Discussões, mesa redonda sobre assuntos atuais.
- Não. Para mim, com esse professor está ótima, não tenho nenhuma sugestão.

10. Outras considerações.

- Nenhuma.(38 respostas)
- As aulas de filosofia poderiam ser mais práticas e não tão teóricas, os alunos iriam debater seus temas e defende-los, assim os alunos iriam aprender por conta própria e com gosto pela matéria que já é difícil de chegar até nós.

- Gostei de poder ter aulas de Filosofia este ano, e pelo que passou, espero que possamos ter mais conhecimento através das aulas, que possamos ser pessoas com uma forma de pensar de acordo com que se encaixa.
- Os temas atuais, drogas, sexualidade e família são temas de interesse de todos e de todas as idades.
- As aulas são boas.
- A Filosofia é importante, mas não é muito levada a sério pelos alunos, talvez por não saberem que é uma matéria interdisciplinar, partilha com as outras matérias o papel de educar os desinteressados pelos problemas do mundo e pela busca do conhecimento.
- Respeito com o outro.
- É difícil dizer isso, pois também sou brasileiro, mas o povo deste país não tem costume de pensar. É um povo monótono, ideologicamente, é uma população sem um incentivo moral. Não existem mais sábios, na minha opinião, nunca existiu. Existem sim, pessoas que se interessaram, refletiram e analisaram e se tornaram, simplesmente, gênios. Nenhum desses, porém, foram brasileiros.
- Agradecemos a atenção e por estar buscando sempre a superação.
- O professor para dar aula de Filosofia tem que ser uma pessoa que consiga ganhar o plenário com bons argumentos, que chame atenção com títulos polêmicos e que traga ao ar o esclarecimento da palavra “Filosofia” com mais clareza porque muitas pessoas julgam a Filosofia como parábolas.
- Gostaria de poder me aprofundar mais.
- Acho que a Filosofia nos faz pensar no hoje, no ontem e no amanhã, gostaria de ter mais destas informações e até orientações.
- Eu gostaria de ter mais tempo para me aprofundar mais em Filosofia.

– Só penso mais tempo para aprender mais Filosofia porque gosto muito, pena que os governos não investem mais em cultura para os alunos.

ANEXO 3 -RESPOSTAS DOS PROFESSORES.

1. Você é licenciado em filosofia?

R. Os dez professores pesquisados disseram que sim.

Se for licenciado em filosofia diga em que instituição de Ensino Superior se formou?

PUCSP: 2;

USP: 2;

PUCMG: 1;

UNIFAI: 1;

UNISAL LORENA: 1;

UNISFC: 1;

FACULDADE CLARETIANA: 1;

FEBESC: 1 –

2- Há quanto tempo leciona filosofia?

TEMPO/ANOS	NÚMERO DE PROFESSORES
0 – 4	6
5 – 10	3
11 – 20	2

3- Indique temas ou assuntos trabalhados nas aulas de filosofia que você julgou que mais interessaram seus alunos?

FILÓSOFOS: Heráclito, Sócrates, Sartre; ANTROPOLOGIA; ESTÉTICA; ÉTICA.

Questões relativas à ÉTICA. Ética e as várias formas de alienação repercutiram de alguma forma entre os alunos.

ÉTICA: Aborto, amizade, paixão "filme: Madre Tereza de Calcutá"; b) POLÍTICA: Monarquia e Democracia.

Existencialismo; Pré-socráticos; Sócrates.

Desigualdade social- Liberdade - Pré-conceito - Discriminação.

Há uma resistência por parte dos alunos quando é trabalhado a história da filosofia. Assuntos da atualidade tem boa aceitação.

(Filosofia Política) Democracia, Ditadura.

Ética: Aborto, Maioridade Penal.

Consciência Mítica, Democracia, Ética, Sexualidade, Diversidade

Platão, Maquiavel.

4- Em sua opinião, por que os alunos se interessaram por esses temas?

Os alunos sempre demonstram interesse quando percebem significado e sentido dos conteúdos e atividades com a vida.

Provavelmente porque se aproximavam da realidade deles, ao mesmo tempo que oferecia uma nova visão sobre essa realidade.

Porque estão relacionados à realidade vivida por eles.

Talvez porque são mais "fáceis" de serem entendidos e também mais ligados a vivência de cada um, especialmente acadêmica.

Porque eles se identificam com esses temas. Não é algo somente abstrato, faz parte do mundo da vida!

Tem um vínculo com a realidade na qual estão inseridos.

Pela atualidade.

Relação com assuntos que eles vivem em seu dia a dia.

Por não terem acesso a eles em outros lugares de forma crítica e reflexiva.

Platão – pela abrangência do tema. Maquiavel – pela relação com a política atual em nosso país.

5- Você acha que, nos dias atuais, as pessoas valorizam a reflexão ou pensamento reflexivo? Pode comentar sua resposta?

É difícil responder generalizando, mas partindo de uma análise superficial, penso que na atualidade as pessoas valorizam a reflexão.

Não. A reflexão foi deixada de lado porque dá muito trabalho. As pessoas esperam respostas prontas. Elas só querem ter a liberdade de escolher quais as respostas prontas elas querem adotar, como numa grande prateleira de supermercado.

Sim. As pessoas vivem num mundo materialista e precisam preencher um vazio.

As pessoas que já passaram por "algumas experiências de vida", principalmente após os 40 anos, os jovens e adolescentes poucos.

A grande maioria não, mas há pessoas que valorizam. Tenho alunos muito críticos e reflexivos.

É uma necessidade, porém é uma das grandes dificuldades. Trabalhamos com alunos imediatistas.

Creio que não, devido à correria do dia-a-dia e as pessoas procuram coisas prontas (fast-food).

Aqui se encontra um grande problema: os jovens atuais não estão preocupados em pensar.

Sim. O que falta é estímulo pedagógico.

Poucos, infelizmente. Em um mundo marcado pelo consumo e pelas "verdades prontas" sobra pouco espaço para a reflexão.

Esta postura das pessoas influencia os jovens quanto ao seu interesse nas aulas de filosofia?

(na verdade) Pensando que a constituição do jovem se dá na cultura que está inserido, ele é influenciado também por ela, mas não determinado.

Creio que sim. Pensar parece que virou artigo supérfluo. Finge-se que pensa, mas simplesmente toma-se emprestado de uma certa opinião geral os pensamentos e as certezas.

Acredito que sim, mas é preciso saber trabalhar e incentivá-los, principalmente, diante da miséria e do desespero.

Eles até admiram e reconhecem, porém nem todos, diria a maioria, não segue tais exemplos, alguns poucos.

Influencia um pouco. Eles assistem muita T.V. e usam mal a internet.

Frequentemente ouço os alunos dizerem que não gostam de ler e de pensar. Filosofia tem que pensar muito.

Sem dúvida, eles são assim. Os alunos escolhem as disciplinas que julgam (em conjunto com os pais) para dar a prioridade a notas. É uma visão pragmática.

Totalmente.

Sim.

Com certeza, pois refletem, muitas vezes, em falta de perspectiva, comodismo e inércia diante da realidade.

6- Você julga importante ou necessário que os jovens sejam capazes de um pensamento reflexivo e crítico? Pode justificar sua resposta?

Sim, o pensamento reflexivo e crítico possibilita ao ser humano uma visão profunda sobre a vida.

Importantíssimo. Eu sempre digo a eles que têm de trilhar o seu próprio caminho. Mas para isso é necessário pensar e refletir criticamente sobre as circunstâncias que os cercam.

Sim. Os jovens precisam amadurecer e assumir responsabilidade diante do seu destino.

Considero indispensável, principalmente na atual sociedade em que aprender sozinho e caminhar por si é um aspecto fundamental.

Sim, claro, sou professora de Filosofia!! O problema é o choque de gerações que acontece na sala de aula.

Esse é o grande objetivo da filosofia. A partir da reflexão se faça leituras críticas do mundo. E que a capacidade crítica leve a outras reflexões.

Sem dúvida que sim, pois sem reflexão e criticidade não se exerce a cidadania de um modo consciente e por conseqüência mudar a realidade sócio-político-econômica do Brasil.

Sim. Para poderem ser seres pensantes que saibam ter suas opiniões próprias e não sejam cópias de alguém.

Sim. A liberdade de opinião nasce da reflexão.

Obviamente que sim, sem reflexão alguma com uma “inteligência de rebanho”.

7- Aulas de filosofia podem auxiliar no desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico? Pode justificar sua resposta?

Sim, a filosofia apresenta uma reflexão que tem suas características: crítica, profunda, radical e rigorosa, ajudando assim os jovens no desenvolvimento de um pensamento reflexivo.

Podem, o pensamento reflexivo e crítico em filosofia passa, na minha opinião, necessariamente pelo desenvolvimento da capacidade argumentativa do aluno. Tal capacidade pode ser desenvolvida numa matéria como a lógica aplicada à linguagem natural. Na história da filosofia pode-se chamar a atenção para os vários argumentos utilizados pelos filósofos. Além de incentivar os alunos a desenvolverem os seus próprios argumentos em aulas temáticas. No entanto, eu acho importante salientar que não cabe

exclusivamente à filosofia a tarefa de desenvolver o pensamento reflexivo e crítico. Cada matéria do currículo, ao seu modo, teria de ter essa responsabilidade.

Sim. A Filosofia é um importante meio de conscientização sobre vários aspectos envolvidos na vida do adolescente.

Podem, pois percebo que ao longo do ano, conforme as aulas acontecem os alunos tornam-se aos poucos mais reflexivos e críticos.

Sim, muito. O problema é: o que os professores acham que é crítico e reflexivo e o que os alunos acham que é crítico e reflexivo.

Primeiro porque é o espaço diferenciado próprio para isso (não que outras disciplinas não possam), segundo a própria natureza da disciplina pressupõe que se atinja ou se exercite um pensamento reflexivo e crítico.

Sim, porque abrem um horizonte de compreensão de realidade sem pré-conceitos. Contudo se for a partir de um estudo de temas, enfatizando o pensamento crítico e não um mero estudo conteudista.

Sim. Só que lecionando na Rede Estadual não temos apoio. Temos como abordar temas que mexem com seus interesses assim eles dão total importância.

Sim. Por que a filosofia tem por princípio o compromisso com a verdade.

Com certeza, pois ela pode ser instrumento na luta contra o dogmatismo, o ceticismo que geram uma sociedade cada vez mais fragmentada e conseqüentemente individualista.

8- As suas aulas de filosofia tem despertado interesse dos alunos? Se sim, a que você atribui este interesse?

O primeiro contato dos alunos com a filosofia é cheio de interrogações: o que é? Para que é? Quando eles percebem a ligação da filosofia com a sua vida sentem-se interessados.

De forma lacônica, eu respondo não.

Na verdade, acredito sim, embora alguns aspectos não sejam inteligíveis. Acredito ser necessário atraí-los com outros meios como vídeo, leitura de jornais, enfim, é preciso conscientizá-los.

Alguns alunos despertam um grande interesse e até pedem biografias, começam a ler mais sobre filosofia, outras se não lêem mais, pelo menos dizem que é importante e que deveriam ter filosofia desde o Ensino Fundamental.

Eu acho que sim. Mas não consegui atingir a todos, sempre há alguns que não se interessam. Interesse: muitos filmes, músicas que eles gostam, não ser excessivamente conteúdista, novidades na sala de aula, projetos (ainda realizo poucos), e não ser tão distante dos alunos (criar um laço afetivo).

Sim e não. As turmas do “EJA” demonstram bastante interesse pelas aulas; participam muito, inclusive. Por outro lado, os alunos de Ensino Médio Regular parecem não ver importância naquilo que se propõe nestas aulas.

Sim. Atribuo aos inúmeros recursos que o colégio dispõe e à quantidade de aulas por semana (2). Também porque trabalho temas e as provas são reflexivas e não sobre um conteúdo insólito (provas relacionando com a realidade).

Sim. A variedade de assuntos e a correlação que os alunos fazem com suas vidas.

Sim, Eu atribuo ao fato de os jovens não encontrarem no mundo, meios confiáveis para desenvolver suas habilidades cognitivas.

Menos do que eu gostaria, pois não é fácil despertar interesse pela reflexão, pelo questionamento em uma realidade marcada pelo pragmatismo econômico.

9- Se quiser, acrescente outras considerações.

Durante os quatro anos que tenho lecionado filosofia aprendi que a motivação e a maneira como o professor apresenta a "disciplina" (matéria) é importante para a relação e o interesse quem os alunos terão sobre a mesma.

Nenhuma.

Acredito que a filosofia exija conteúdos e não somente qualquer "assunto". Existem temas fáceis de trabalhar e outros, porém, mais distantes do aluno. Porém, é preciso tentar e agir para melhorar a expectativa desejada.

Nada a acrescentar.

Nenhuma.

Nenhuma.

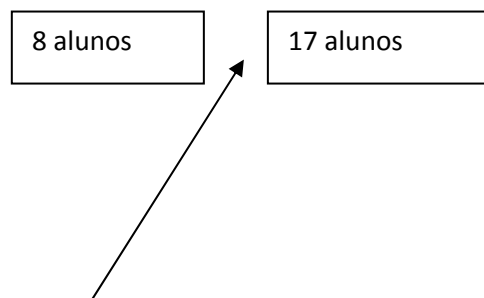
Bem quero parabenizar pelo mestrado e pelo enfoque da sua pesquisa. A pedagogia vai ganhar com este trabalho. Outra coisa que acho importante é a liberdade que o aluno deve ter para fazer "a sua" reflexão em uma prova e o professor dispor de algumas ferramentas avaliativas e não apenas a "prova".

Nenhuma.

Nenhuma.

Nenhuma.

ANEXO 4 - MAPA COM LOCALIZAÇÃO DOS BAIROS E ORIGEM DOS ALUNOS



Preliminarmente, reitera-se a importância e o valor da Filosofia e da Sociologia para um processo educacional consistente e de qualidade na formação humanística de jovens que se deseja sejam cidadãos éticos, críticos, sujeitos e protagonistas.

Não é demais destacar que, na ótica da LDB, os conhecimentos de Filosofia e Sociologia são justificados como *“necessários ao exercício da cidadania”* (artigo 36, § 1o, inciso III, da Lei nº 9.394/96). Com os demais componentes da Educação Básica, devem contribuir para uma das finalidades do Ensino Médio, que é a de *“aprimoramento como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”* (art. 35, inciso II, da LDB). E devem, ainda, mais especialmente, seguir a diretriz de *“difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática”* (art. 27, inciso I, da LDB).

O legislador, por seu lado, reconheceu essa importância ao destacar nominalmente os conhecimentos de Filosofia e de Sociologia, dando-lhes valor essencial e não acidental, com caráter de finalidade do processo educacional do Ensino Médio. (artigo 36, § 1o, inciso III, da Lei nº 9.394/96).

Não é demais destacar que, na ótica da LDB, os conhecimentos de Filosofia e Sociologia são justificados como *“necessários ao exercício da cidadania”* (artigo 36, § 1o, inciso III, da Lei nº 9.394/96). Com os demais componentes da Educação Básica, devem contribuir para uma das finalidades do Ensino Médio, que é a de *“aprimoramento como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”* (art. 35, inciso II, da LDB). E devem, ainda, mais especialmente, seguir a diretriz de *“difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática”* (art. 27, inciso I, da LDB).

Outro ponto a considerar é a realidade, expressa na adoção crescente do ensino de Filosofia e de Sociologia pela maioria das redes de escolas públicas estaduais. Segundo informação do MEC, em 17 estados da Federação, a Filosofia e a Sociologia foram incluídas no currículo,

sendo optativas em 2 deles. Muitas escolas particulares, em todo o país, por seu lado, também, decidiram livremente a sua inclusão.

Essa inclusão crescente não foi determinada por lei federal ou por norma nacional, mas, sim, pelos próprios sistemas estaduais de ensino para suas redes públicas escolares, seja por iniciativa própria, seja por força de legislação estadual, em todos os casos como resultado de uma persistente mobilização de amplos setores ligados à educação, que defendem a Sociologia e a Filosofia no contexto dos esforços de qualificação do Ensino Médio no Brasil.

Esses avanços, ocorridos na maioria dos Estados, acabaram por criar uma situação desigual no acesso aos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia. Nos Estados que ainda não incluíram o ensino da Filosofia e da Sociologia no currículo do Ensino Médio, há toda uma população jovem posta à margem do acesso aos seus conhecimentos. Essa desigualdade ocorre, igualmente, na rede particular de ensino, na qual, malgrado a iniciativa de inclusão por uma parte das escolas, muitas outras não o fizeram.

Essa reflexão impõe a manifestação deste Conselho, propiciadora de uma equalização, visando à igualdade de direitos de acesso a esses conhecimentos no Ensino Médio do país.

Uma análise cuidadosa da legislação e das normas pertinentes à matéria permite reunir os argumentos favoráveis à presença da Filosofia e da Sociologia no currículo do Ensino Médio, inclusive na forma de disciplinas, nesse caso sempre e quando os sistemas de ensino estruturarem os currículos com o formato disciplinar.

[...]

A questão objeto deste Parecer, constata-se e reafirma-se que é obrigatório atender à diretriz de que os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação sejam organizados de tal forma que, *ao final do Ensino Médio, o educando demonstre, entre outros, o domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania.*

Coloca-se, então, a questão: como garantir a eficácia dessa diretriz, se não forem efetivados processos pertinentes de ensino e aprendizagem que propiciem esses conhecimentos?

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio - DCNEM deram interpretação que adiantou, em parte, sua solução, pois considerou, na composição e no tratamento a ser dado ao currículo do Ensino Médio, a Filosofia e a Sociologia como equiparadas à Educação Física e à Arte, estas, sim, contempladas pelo art. 26 da LDB como componentes curriculares dessa etapa da Educação Básica.

[...]

É cabível e oportuno, ainda, reforçar, como diretriz, que a proposta pedagógica de toda e qualquer escola do país deve assegurar, efetivamente, que, ao final do Ensino Médio, o educando demonstre, entre outros, o domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania.

[...]

Portanto, observando a coerência exigida pela base legal e normativa vigente, os conhecimentos relativos à Filosofia e à Sociologia, da mesma forma que os componentes Arte e Educação Física, devem estar presentes nos currículos do Ensino Médio, inclusive na forma de disciplinas específicas, sempre e quando a escola, valendo-se daquilo que a Lei lhe faculta, adotar no todo ou em parte, a organização curricular por disciplinas.

Para garantia do cumprimento da diretriz da LDB, referente à Filosofia e à Sociologia, não há dúvida de que, qualquer que seja o tratamento dado a esses componentes, as escolas devem oferecer condições reais para sua efetivação, com professores habilitados em licenciaturas que concedam direito de docência desses componentes, além de outras condições, como, notadamente, acervo pertinente nas suas bibliotecas.